

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RECRIANDO VÍNCULOS FAMILIARES: JOVENS E RELAÇÕES
INTERGERACIONAIS NA CONTEMPORANEIDADE

Carolina de Campos Borges

2006



RECRIANDO VÍNCULOS FAMILIARES: JOVENS E RELAÇÕES
INTERGERACIONAIS NA CONTEMPORANEIDADE

Carolina de Campos Borges

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Orientadora: Maria Lúcia Rocha-Coutinho

Rio de Janeiro

Março, 2006

RECRIANDO VÍNCULOS FAMILIARES: JOVENS E RELAÇÕES
INTERGERACIONAIS NA CONTEMPORANEIDADE

Carolina de Campos Borges

Maria Lúcia Rocha-Coutinho

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Aprovada por:

Profa. Dra. Maria Lúcia Rocha-Coutinho - Presidente

Profa. Dra. Myriam Lins de Barros

Profa. Dra. Leila Sanches de Almeida

Rio de Janeiro

Março, 2006

Borges, Carolina de Campos

Recriando Vínculos Familiares: Jovens e Relações Intergeracionais na Contemporaneidade/Carolina de Campos Borges. – Rio de Janeiro: UFRJ/ IP, 2006.

xii, 161f.: 33 cm.

Orientadora: Maria Lúcia Rocha-Coutinho

Dissertação (mestrado), UFRJ/ IP/ Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 2006.

Referências Bibliográficas: f. 151-161.

1. Jovens. 2. Família. 3. Relações Intergeracionais. I. Rocha-Coutinho, Maria Lúcia. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Estudos em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. III. Recriando vínculos familiares: jovens e relações intergeracionais na contemporaneidade.

DEDICATÓRIA

Em memória de minhas avós, Vovó Chica e Vovó Fia, pessoas com quem convivi intensamente durante minha infância e juventude e que me ajudaram a pensar sobre como deve ser tornar-se velha.

Em memória de meu pai, Dirceu Borges Ramos, emocionado lutador pela liberdade e pela democracia brasileira, que guardava, em suas histórias de juventude, um orgulho para nossa geração.

Para minha mãe, Heloisa, a ancestral com quem venho tendo a oportunidade de conviver por mais tempo e que sabe transformar tudo em poesia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, à CAPES, pelo financiamento desta pesquisa.

À Profa. Dra. Sônia Sodré, por ter viabilizado que eu atendesse famílias no Centro de Atenção e Reabilitação da Infância e da Mocidade do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CARIM/IPUB/UFRJ), onde surgiu meu interesse em estudar as relações intergeracionais na família.

À Profa. Dra. Edna Ponciano, pelas orientações na elaboração do projeto de pesquisa inicial.

À Profa. Dra. Maria Lúcia Rocha-Coutinho, pela acolhida respeitosa e pela forma tão gentil com que conduziu a orientação.

Às professoras que compuseram a Banca de Qualificação: Profa. Dra. Myriam Lins de Barros, por ter me recebido em sua sala de aula e pelas valiosas sugestões dadas para esta pesquisa; Profa. Dra. Leila Sanchez, pela cuidadosa avaliação do projeto e pelas sinceras críticas.

Aos informantes da pesquisa, por terem concordado em dar as entrevistas e, muito gentilmente, terem recebido-me em suas casas, contado-me tantas histórias e até indicado-me outras pessoas para serem entrevistadas.

À minha mãe, Heloisa, pelas infinitas ajudas: o incentivo aos estudos, o custeio da minha estada no Rio de Janeiro, o apoio à distância e as correções dos textos.

À tia Moema, pela preocupação e iniciativa de ajudar-me sempre aqui no Rio.

Ao Rogério e à Elisa, pela irmandade infindável.

Ao meu namorado, Hugo, companheiro até nos estudos. Obrigada também à sua mãe, a estudiosa Vera, pela afetuosa acolhida em tantos momentos.

Aos colegas do mestrado, a toda a turma que se reunia poucas e intensas vezes.

Às amigas e companheiras da vida longe de casa, Andreia Stenner, Angela Puentes, Angélica Müller, Catarina Gonçalves, Daniela Assis, Ingrid Amorosino, Rejane Nunes, Marília Gurgel e Virgínia Damásio.

RESUMO**RECRIANDO VÍNCULOS FAMILIARES: JOVENS E RELAÇÕES
INTERGERACIONAIS NA CONTEMPORANEIDADE**

Carolina de Campos Borges

Orientadora: Maria Lúcia Rocha-Coutinho

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Esta pesquisa teve como objetivo investigar as relações intergeracionais na família contemporânea a partir do discurso de jovens.

A aceleração dos processos de transformação sócio-culturais da contemporaneidade, somada à acentuação dos valores individualistas e igualitários na nossa sociedade, vem provocando a exacerbação das diferenças intergeracionais na família e modificando as formas de integração entre as diferentes gerações.

Diante disso, e considerando-se a peculiaridade da posição dos jovens no curso das mudanças sócio-culturais, buscamos melhor entender as formas contemporâneas de constituição do vínculo intergeracional a partir das experiências de jovens cariocas de classe média-alta.

Para tanto, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com seis jovens (três meninos e três meninas), com idades entre 15 e 20 anos, pertencentes aos estratos sociais privilegiados, que moram com suas famílias em bairros da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra.

A análise de discurso dos textos resultantes da transcrição das entrevistas confirmou nossa idéia inicial de que as mudanças sócio-culturais contemporâneas têm implicações profundas nas relações intergeracionais. Os resultados apontaram ainda para a influência de valores individualistas nas visões dos jovens acerca das relações familiares, das gerações mais velhas e do processo de envelhecimento. Além disso indicaram que, apesar dos jovens reconhecerem as diferenças intergeracionais, pode-se observar em seus discursos tentativas de aproximação dos mais velhos.

Palavras-Chave: jovens, família, relações intergeracionais, contemporaneidade.

Rio de Janeiro

Março de 2006

*ABSTRACT**RECRIATING FAMILY BONDS: YOUTHS AND INTERGENERATIONAL
RELATIONSHIPS IN CONTEMPORARY SOCIETIES*

Carolina de Campos Borges

Orientadora: Maria Lúcia Rocha-Coutinho

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

The main objective of this dissertation was to investigate, in the discourse of young people, intergenerational relationship in contemporary family.

The intensive acceleration of socio-cultural transformation processes in contemporary societies, together with the accentuation of equalitarian and individualistic values, have caused the exacerbation of intergenerational differences in the family and have modified the modes of integration among people from different generations.

Considering this fact and the peculiarity of young people's position in the course of socio-cultural changes, we sought a better understanding of contemporary legitimate ways of young people's constitution of an intergenerational bond.

For this purpose, we interviewed six middle-class youngsters (three boys and three girls), aged 15 to 20 years, living with their families in the south districts of the city of Rio de Janeiro, Brazil. The interviews were semi-structured and they were all tape-recorded.

The discourse analysis of the texts resulting from the full transcription of the interviews confirmed our idea that contemporary socio-cultural changes have deep implications for intergenerational relationships. It also pointed out the fact that

individualistic values seem to influence not only young people's views of family relations but also of older generations and of the process of aging. Our results also indicate that, despite the fact that young people recognize intergenerational differences, their discourses showed that there are some forms of approximation of these youths to older people.

Key-Words: youths, family, generation, contemporaneity.

Rio de Janeiro

Março de 2006

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1	8
OS JOVENS NA CONTEMPORANEIDADE.....	8
1.1. A Vida Social e os Processos Subjetivos na Contemporaneidade	8
1.1.1 – Sobre o Contexto Social Contemporâneo.....	8
1.1.2 – Sobre os Processos Subjetivos na Contemporaneidade	21
1.2 – Os Jovens	24
1.2.1 – Considerações sobre o Conceito de Juventude	25
1.2.2 – Considerações sobre o Uso do Conceito de “Geração”	27
1.2.3 – Jovens na Contemporaneidade	32
CAPÍTULO 2	47
FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA: A CRISE E AS NOVAS RELAÇÕES	47
2.1 – A “Crise” da Família na Contemporaneidade.....	49
2.2. As Novas Configurações e Relações Familiares	59
CAPÍTULO 3	77
AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS NA CONTEMPORANEIDADE ...	77
3.1. Sobre as formas de integração das gerações na contemporaneidade	79
3.2. Os jovens e as relações intergeracionais contemporâneas	90
CAPÍTULO 4	93
ANÁLISE DO DISCURSO DE JOVENS	93
4.1- A escolha do método	93
4.2 – Procedimentos Metodológicos	94
4.3 – Caracterização dos Jovens Informantes	95
4.4 – Análise do Discurso	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
BIBLIOGRAFIA	151
ANEXO	

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo central analisar as relações intergeracionais na família a partir da perspectiva dos jovens.

O interesse em investigar esse tema surgiu com a minha formação anterior em Terapia Familiar no curso de especialização do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB/UFRJ) e com a prática de atendimento clínico a diversas famílias, algumas delas vinculadas ao Setor de Família do Centro de Atenção e Reabilitação da Infância e da Mocidade (CARIM/IPUB/UFRJ), com problemáticas diretamente relacionadas com os temas da infância e da adolescência.

Atendendo famílias com adolescentes, foi inevitável questionar como os processos culturais da contemporaneidade poderiam estar relacionados aos problemas trazidos por elas. Como seria possível compreender as dificuldades das famílias com adolescentes de forma alheia às especificidades que as transformações sócio-culturais do momento atual impõem às relações intergeracionais?

Foi da crença de que as relações entre os adolescentes e seus familiares estão diretamente ligadas ao contexto social mais amplo das relações nas sociedades contemporâneas que se originou o desejo de desenvolver esta pesquisa.

Neste estudo, tratamos basicamente de três temáticas: “jovem”, “família” e “relações intergeracionais”. Elas constituem os três eixos fundamentais a partir dos quais se buscou compreender os sentidos das relações intergeracionais na família para os jovens.

A importância que se dá às histórias dos mais velhos, o respeito que se guarda na preservação de uma tradição, o valor que se atribui à experiência, a forma como alguns

costumes são incorporados a novos hábitos enquanto outros vão deixando de existir, é de questões como essas que trata este estudo.

No contexto contemporâneo, os grandes avanços das tecnologias vêm favorecendo uma maior integração entre as culturas e uma intensa troca de influências que repercute na vida social, tornando-a mais diversificada e pressionando a favor da transformação dos padrões de sociabilidade. Ao mesmo tempo, verifica-se a exacerbação do individualismo e a re-significação da tradição. Tudo isso vem transformando as relações que se estabelecem entre as gerações.

A intensificação das mudanças sócio-culturais da contemporaneidade está aliada à instituição de valores igualitários. Isso vem afetar os modos de integração intergeracional mais hierárquicos, que determinavam que o valor da continuidade dos costumes deveria ser mais forte que o da liberdade individual.

Tais questões nos levam a refletir sobre a família, instituição especialmente comprometida com a integração das diferentes gerações. As mudanças dos valores através dos quais as diferentes gerações se ligam repercutem claramente na forma como as famílias se organizam. Dentro delas, verifica-se hoje a co-existência paradoxal de valores hierárquicos e individualistas. Justamente por comportar, de forma integrada, as diferentes gerações, a família é uma instituição privilegiada para se refletir sobre a mudança e a permanência de padrões sociais.

Nesse estudo, há, portanto, o intuito de tornar aparente a problemática da integração das gerações no contexto das intensas e aceleradas transformações sócio-culturais na análise das relações familiares contemporâneas. Para tanto, optamos, estrategicamente, por realizar essa análise pela perspectiva dos jovens.

Adentrar pelo mundo social dos jovens contemporâneos é como se aventurar por um universo repleto de possibilidades, valores e linguagens, aonde as escolhas pessoais são uma imposição e a multiplicidade de referências constitui um desafio à coerência das subjetivações que se produzem.

A juventude contemporânea, principalmente nas grandes cidades, é vivida em meio a uma sociabilidade que favorece os encontros pontuais em relações heterogêneas. A vida em comum que os jovens engendram resguarda a fluidez dos laços interpessoais. Nela se acentua a influência de formas de expressão – gestos, movimentos corporais, adereços, tipos de roupas, jeito de dançar, de falar etc – na formação dos grupos.

O compromisso dos jovens com a idéia de que “tudo muda”, de que “nada é absoluto”, pode fazer da influência da família uma dentre tantas outras possíveis. Nesse contexto, a importância das referências advindas das gerações mais velhas pode diminuir. Encontra-se, aí, o problema intergeracional da contemporaneidade. A possível insignificância das vivências das gerações mais velhas para os jovens, decorrente da aceleração dos processos de transformação sócio-cultural e da exacerbação do individualismo, é algo de suma importância para o entendimento das relações familiares hoje. Assim, acreditamos que, para compreendermos as relações familiares atuais é imprescindível lidar com os novos sentidos de que elas se revestem.

Pode-se afirmar que um dos propósitos das relações familiares hoje é, justamente, o de reproduzir a cultura do individualismo. Nelas, o imbricamento que se observa entre as gerações favorece a afirmação dos ideais de liberdade, de modo que, afirmando o igualitarismo nas relações, a família contemporânea se incumbe da difícil tarefa de reorganizar sua estrutura de hierarquia familiar.

Acreditamos que as diversas configurações e relações familiares que surgem na contemporaneidade resultam desta nova função que a família passou a ter para a sociedade. É nosso ponto de vista, ainda, que a aceitação cada vez maior de uma ampla variedade de formas de se constituir a vida em família resulta da produção e consumo dos novos discursos desenvolvidos para ela e dentro dela.

Os discursos sobre a família têm a propriedade de reproduzir uma gama de valores sociais para ela instituídos e de criar sentidos para as práticas relacionais dentro dela. Por isso, buscamos verificar, na fala de jovens, como eles vêm e vivem as relações intergeracionais na família.

Dentre as questões que esta pesquisa objetivou estudar, podemos mencionar: Como esses jovens que crescem num mundo tão dinâmico e interconectado experimentam as relações familiares? Como é a vida dos jovens? Que espaço eles encontram na família? Que conversas têm dentro dela? Qual a importância que dão às trocas afetivas, às trocas de experiências de vida e à transmissão de valores entre pessoas de diferentes gerações da família? Que visões constroem de seus pais e avós? Buscou-se, portanto, nos discursos dos jovens, a lógica e o propósito das relações intergeracionais nas famílias de hoje, ou, em outras palavras, os novos sentidos para a vida familiar e para as relações com as pessoas de diferentes gerações dentro dela.

Para tanto, entrevistamos seis jovens, sendo três do sexo feminino e três do sexo masculino, com idades entre 15 e 20 anos e pertencentes aos estratos sociais mais privilegiados. Todos eles moram com sua família em bairros da zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

Os jovens foram contactados a partir da indicação de outros e não pertenciam à rede de relações da entrevistadora. Todas as entrevistas foram realizadas em suas residências, espontaneamente abertas, sem nenhuma exceção, à pesquisadora.

É fato que se trata de um número pequeno de entrevistas. Portanto, a generalização dos resultados talvez seja precipitada e imprópria. No entanto, o produto desta pesquisa pode ser proveitoso para incrementar a discussão acerca desse tema.

As diferenças intergeracionais não são nenhuma novidade para as famílias e para a sociedade de um modo geral. Importantes autores citados neste trabalho, como é o caso de Mannheim (1967), já pensavam sobre essas questões em contextos históricos e sociais completamente distintos. O que a nosso ver justifica a ênfase sobre essa problemática e a retomada de algumas questões levantadas por autores como ele hoje é a intensidade das mudanças sócio-culturais que estamos vivendo e as repercussões delas para as relações intergeracionais.

A apresentação desta pesquisa está estruturada em quatro capítulos. No primeiro, tratamos de duas questões que consideramos de fundamental importância para a discussão aqui proposta. Primeiramente, abordamos a vida social e os processos subjetivos na contemporaneidade, de modo a contextualizar o leitor a respeito do cenário em que vamos trabalhar. Em seguida, tentando trazer à cena os sujeitos dos discursos analisados nessa pesquisa, tratamos do que é ser jovem no mundo urbano contemporâneo.

O segundo capítulo trata das questões sobre a família hoje, destacadamente as suas novas configurações e relações. Nosso intuito é o de oferecer subsídios para refletirmos sobre as histórias contadas pelos jovens sobre suas opiniões e experiências em família.

No terceiro capítulo, abordamos as relações intergeracionais. Nele, apresentamos o que Mannheim (1982) denominou o “problema das gerações” e discorremos sobre as relações intergeracionais na contemporaneidade e sua influência nas mudanças ocorridas nas relações familiares.

O quarto capítulo trata de nosso trabalho de campo. Nele, discorremos brevemente sobre os aspectos metodológicos da pesquisa por nós desenvolvida e apresentamos a análise, por nós empreendida, dos discursos resultantes das entrevistas realizadas. Esta análise foi construída em torno de três categorias fundamentais: O que é ser jovem, Visão sobre a família e Relações intergeracionais. A partir desses três eixos de análise buscamos apreender nas falas dos jovens entrevistados o fio que agrega essas suas três experiências de vida: a da juventude, a da vida em família e a da relação com as outras gerações.

Não acreditamos que os pronunciamentos dos jovens sobre si mesmos e sobre suas famílias se constituam por acaso, mas que, antes, há certas condições sociais que propiciam a produção de suas falas. Assim, sejam elas concordantes ou divergentes, encontraremos nelas um conjunto de questões sociais, inclusive contraditórias. Diante das incongruências do tempo contemporâneo de que tratamos nos três primeiros capítulos, já era de se esperar a co-ocorrência de discursos ambivalentes. Aí acreditamos residir a coerência dos textos que encontramos nos discursos de nossos entrevistados: eles reproduzem com propriedade a contradição do tempo que vivemos.

É característico do tempo atual o rompimento com uma forma tradicional de relação das gerações mais jovens com as mais velhas, que recria esse vínculo, por meio de processos mais individualizantes. Com isso, acreditamos que não há somente perdas no processo de re-configuração das relações familiares e intergeracionais. Há indícios de uma

re-criação desses vínculos e de uma reelaboração dessas relações nos discursos dos jovens por nós entrevistados. Assim, ao mesmo tempo que eles discursam sobre o afastamento entre as gerações, deixam pistas em suas falas que apontam para o surgimento de uma nova apropriação do vínculo intergeracional, como podemos observar na análise de dados.

CAPÍTULO 1

OS JOVENS NA CONTEMPORANEIDADE

1.1. A Vida Social e os Processos Subjetivos na Contemporaneidade

1.1.1 – Sobre o Contexto Social Contemporâneo

O séc. XX, principalmente na sua segunda metade, caracterizou-se como um período de grandes avanços na produção de tecnologias. O desenvolvimento dos sistemas de comunicação e a maior velocidade com que a informação passou a circular em todo o planeta vêm marcando profundamente os modos de socialização e de subjetivação dos indivíduos e alterando as formas de integração social. O mundo tornou-se globalizado e, conforme alerta Giddens (2003), não se pode entendê-lo sem levar isso em consideração.

Atualmente, as discussões que são travadas em qualquer lugar do mundo podem, rapidamente, tocar outras partes do planeta. Imagens podem ser vistas no mundo inteiro. Informações estão disponíveis a todo momento. Esse intenso fluxo das comunicações vem provocando transformações de inúmeros tipos para as sociedades.

De um lado, as maiores interferências culturais vêm modificando as relações que se estabelecem entre as nações, as comunidades e as identidades culturais. O mundo está sendo forçado a repensar a suposta “impermeabilidade” das fronteiras que separam as nações, as comunidades e as identidades culturais, conforme o pensamento moderno. Com isso, observa-se a formação de um campo de tensão entre os movimentos de abertura

cultural a novas influências e os de preservação da cultura local nas sociedades (Hall, 2001).

De outro lado, o elevado grau de integração entre as culturas, proporcionado pela globalização, repercute na vida pessoal e cotidiana de todos os indivíduos, influenciando as formas de subjetivação e as relações interpessoais (Giddens, 2002; 2003).

Ainda que haja discordância sobre as reais medidas dos efeitos da globalização na economia, na política e na cultura, o que se percebe hoje é que o aumento das influências culturais vem provocando alterações profundas nas nossas sociedades.

Analisaremos de forma breve, a seguir, a vida social das grandes cidades contemporâneas a partir das contribuições de Velho (1981, 1999), Giddens (2002; 2003), Hall (2001) e Maffesoli (1987). Segundo esses autores, nelas as mudanças sociais contemporâneas são mais acentuadas, devido à maior intensidade das interações culturais e à aceleração das transformações de costumes e valores sociais. Isso favorece o surgimento de uma sociabilidade calcada na coexistência e na interação de “velhos” e “novos” padrões e a proliferação de diferentes estilos de vida em sociedade (Giddens, 2003; Velho, 1999; Maffesoli, 1987; Rocha-Coutinho, 1994).

Segundo Giddens (2002; 2003), a vida social nas grandes cidades caracteriza-se pela sua diversificação. Essa diversificação é decorrente do aumento das possibilidades de trocas culturais entre indivíduos e, conseqüentemente, da ampliação da margem de escolha dos indivíduos sobre a vida que pretendem ter.

Acreditamos que as questões levantadas por Velho (1986; 1999) sejam bastante oportunas para empreendermos esta discussão. O autor parte do ponto de vista de que o indivíduo é essencialmente social e que, portanto, seus processos de subjetivação são

fabricados a partir do que existe externamente a ele. Da mesma forma, a sociabilidade e os padrões de interação social são produzidos a partir de certas condições que são dadas pela cultura externa ao indivíduo¹. Sua proposta é pensar de forma integrada a subjetividade e a sociabilidade, superando a dicotomia indivíduo-sociedade.

A partir dessas colocações, Velho (1999) desenvolve sua reflexão sobre a vida complexa das grandes cidades. O autor aponta que, em meio ao processo de urbanização, ao avanço dos meios de transporte, dos meios de comunicação e da tecnologia, as grandes metrópoles constituem uma área de grande heterogeneidade cultural. Nelas, a ampla variedade de experiências e costumes encontrada e a possibilidade dos indivíduos circularem pelos diversos espaços proporcionam a travessia por dimensões simbólicas distintas.

No entanto, transitar por diferentes mundos, segundo Velho (1999), só é possível quando as pessoas têm capacidade de se adaptar e de se transformar a partir de um contexto social. O autor examina essa capacidade a partir do conceito de “potencial de metamorfose”.

Para Velho (1999), a própria possibilidade de vida social está na interação das diferenças e, tratando-se da vida social das grandes metrópoles, é pela possibilidade de trânsito entre a diversidade de papéis e domínios que ela se constitui.

No cenário urbano contemporâneo, a multiplicação das referências culturais à disposição dos indivíduos aumenta sua precisão de se metamorfosear. É graças à sua

¹ Velho (1999) faz distinção entre Cultura Subjetiva e Cultura Objetiva, sendo a primeira relacionada aos processos simbólicos, internos ao indivíduo, e a segunda relativa ao que é externo a ele, a aspectos sócio-culturais que existem antes dele (ver Velho, 1999, pág. 18).

capacidade de adaptação frente aos vários contextos simbólicos que eles podem viver os múltiplos papéis e experimentar a vida social em locais distintos (Velho, 1999).

A capacidade de adaptação dos indivíduos a diversos contextos culturais é apontada por Velho (1999) como algo fundamental para sua sobrevivência na esfera social contemporânea, pois é justamente ela que permite que o indivíduo se desloque por diferentes domínios sem sofrer grandes danos em sua subjetividade.

Segundo o autor, o “potencial de metamorfose” é algo que a cultura contemporânea suscita nos sujeitos, demonstrando ser essencial a interação entre os processos subjetivos e sociais. O “potencial de metamorfose” refere-se, portanto, a uma exigência profunda da sociabilidade contemporânea e que faz com que todos possam participar dos inúmeros códigos e universos constituídos (Velho, 1999).

Apesar do “potencial de metamorfose” desenvolvido pelos indivíduos contemporâneos, transitar por diferentes mundos gera tensão. Segundo Velho (1999), circular em meio à grande diversidade cultural que se apresenta nas sociedades metropolitanas pode transformar-se para os indivíduos em ameaça de fragmentação, pois os indivíduos são levados a viver múltiplos papéis, muitas vezes incompatíveis sob a ótica linear. A coexistência de diferentes configurações de valores, que marca a vida na sociedade moderna, pode gerar uma ambivalência nos indivíduos com a qual eles podem lidar, ou aderindo vigorosamente a uma ordem de valores, ou circulando entre vários estilos de vida e participando deles de forma limitada.

Portanto, pode-se afirmar que, lado a lado com a transformação dos aspectos sócio-culturais, estão certas produções específicas da subjetividade. O que ocorre com o indivíduo ao circular entre os diversos mundos das metrópoles contemporâneas pode ser

entendido também a partir dos conceitos de “campo de possibilidades” e “projeto”, desenvolvidos por Velho (1981; 1999).

Segundo o autor, o “campo de possibilidades” surge com as alternativas construídas ao longo do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura. “Projeto” refere-se à performance, às explorações, ao desempenho e às opções ancoradas em avaliações e definições da realidade feitas pelo indivíduo. Os projetos se formam e se implementam a partir desse espaço de dimensão sócio-cultural que é dado pelo “campo de possibilidades”. Eles não são abstratamente racionais, mas resultam de construções calcadas nas circunstâncias, no “campo de possibilidades” em que o sujeito se encontra (Velho, 1999).

Velho (1999) considera que, nas sociedades heterogêneas, o “projeto” precisa ser permanentemente re-elaborado, dada a grande multiplicação e fragmentação dos domínios e das variáveis econômicas, políticas, sociológicas e simbólicas.

Esta constante re-elaboração do projeto repercute nos processos de subjetivação dos indivíduos. Velho (1999) explica que, no cenário contemporâneo, a todo momento os indivíduos têm suas identidades colocadas em cheque, pois os projetos que constroem para si mesmos e as possibilidades de realização destes dependerão sempre do jogo que se faz a partir do fato de ter que transitar por diferentes mundos (Velho, 1981; 1999).

O que está na base da idéia de projeto é a idéia de que os indivíduos podem fazer escolhas. Escolher é algo possível somente quando as relações se destituem de obrigações tradicionais.

Na contemporaneidade, conforme já foi dito, verifica-se uma maior possibilidade de troca cultural pelos indivíduos e diversificação das formas de vida social. Nesse contexto,

as possibilidades de escolha dos indivíduos resultam de como se é capaz de lidar com a ambigüidade que se forma entre a tendência à fragmentação e a tendência à totalização em uma sociedade. Uma escolha não é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Está sempre submetida a um projeto que se formula dentro de um campo de possibilidades e, por isso, é circunscrita histórica e culturalmente (sobre isso, ver Velho, 1981).

Semelhante reflexão sobre o aumento da margem de escolha dos indivíduos, sobre seus estilos de vida também pode ser observada nos trabalhos de Giddens (2002; 2003). Segundo esse autor, na contemporaneidade, a pluralidade de referências culturais e a não imposição da continuidade dos costumes e, portanto, a instabilidade que se apresenta aos indivíduos, os situa na condição de “escolher” como viverão e quem eles serão. Ainda que essas escolhas dos sujeitos não sejam simplesmente aleatórias, mas se dêem dentro de certas condições materiais facultadas a cada indivíduos, eles têm uma margem de manobra para compor sua vida e constituir sua identidade.

Esta “possibilidade de escolha” que caracteriza o mundo contemporâneo, segundo Giddens (2002), está relacionada, entre outras coisas, com o esvaziamento dos lugares antes ocupados pela tradição e com a pluralização dos ambientes da vida social, que são hoje mais diversos e segmentados.

Hall (2001) também nos fala sobre esse primeiro aspecto. Remetendo-se ao problema das tradições em face dos processos de globalização, ele afirma que, até a modernidade, a tradição se afirmava como um valor e, por isso, legitimava a perpetuação de comportamentos e modos de vida. No entanto, a contemporaneidade, diante das intensas transformações por nós já referidas, institui a descontinuidade.

As idéias de Giddens (2003) são muito oportunas para a discussão sobre o esvaziamento dos lugares antes ocupados pela tradição pelo fato de este autor ponderar que, na contemporaneidade, o que vem ocorrendo não é o desaparecimento das tradições. Estas não deixaram de existir, mas, antes, estão sofrendo transformações.

Segundo Giddens (2003), as tradições, assim como os costumes, são sempre inventados em algum momento da História e, ao contrário do que se poderia pensar, não são impermeáveis à mudança. Certamente, algumas perduram mais tempo, mas, inclusive essas, duram porque se transformam. Em suas próprias palavras, “Uma tradição completamente pura é algo que não existe (p.51)”.

Prosseguindo, Giddens (2003) afirma que, na modernidade, a tradição era uma influência forte, mas hoje, sob o impacto da globalização, assiste-se ao declínio da sua força. Isso não quer dizer que a tradição esteja desaparecendo, mas simplesmente que ela está sendo vivida de maneira cada vez menos “tradicional”.

Portanto, o que o autor defende é que, no contexto da globalização, a tradição não mais se sustenta por meio de seu próprio ritual e simbolismo. Os rituais acabam se transformando e se mesclando através do contato com outros. Assim, uma tradição se transforma para continuar existindo, uma vez que a essência de qualquer tradição é justamente seu atrelamento à experiência da vida cotidiana. Por isso, não é de se estranhar que, diante de tantas mudanças nas circunstâncias de vida de todos os indivíduos, as tradições também estejam se modificando (Giddens, 2003).

Outra grande razão, apontada por Giddens (2003), para que as tradições se transformem e não desapareçam é sua importância para uma sociedade. Segundo o autor, elas têm uma função social. São elas que dão continuidade e forma à vida. Através de uma

tradição, o passado demarca crenças e sentimentos coletivos partilhados e, desta forma, ela fornece estrutura para uma ação individual qualquer no tempo presente. Portanto, sendo o passado importante para o presente, as tradições são sempre necessárias.

A importância do passado para o presente deveria ser mais profundamente debatida, uma vez que os processos contemporâneos problematizam justamente a relação de continuidade entre esses dois tempos. Se, por um lado, muitas tradições não desaparecem por completo do repertório cultural, é inevitável que, diante de tantas influências culturais, muitas delas não resistam e sejam esvaziadas do seu conteúdo. Quando isso ocorre, elas se perdem. E, com elas, seus rituais e símbolos. Assim, abrem-se, aos indivíduos, novas possibilidades de escolha. Eles podem optar pelas novas influências que recebem e não precisam mais ater-se àquelas relacionadas à tradição.

Desta forma, pode-se entender como a ampliação das “possibilidades de escolha” dos indivíduos na contemporaneidade está relacionada à temática do enfraquecimento das influências das tradições e à pluralização, diversificação e segmentação da vida social, algo que diz respeito exatamente ao segundo ponto, mencionado, logo acima, por Giddens (2002).

Uma vez desprendido do determinismo da continuidade das tradições, dos rituais e símbolos que elas perpetuavam, os indivíduos podem dar sentidos os mais diversos às suas relações, o que, segundo Giddens (2003), afeta a individualidade. Nas suas palavras, “onde a tradição declina, e a escolha do estilo de vida prevalece, a individualidade não fica isenta (p.57)”.

O autor avalia que cada pessoa pode, assim, “escolher” viver de modo mais aberto, a partir das novas influências recebidas, ou responder compulsivamente, apelando para

“repetições”, muitas vezes, esvaziadas de sentido coletivo. Segundo este autor, as compulsões, que podem ser compulsão pela droga, pelo dinheiro, pelo trabalho, por sexo, entre outras, são uma resposta ao desmembramento entre o passado e o presente, que o enfraquecimento da influência das tradições ocasionou (Giddens, 2003).

A diminuição da influência das tradições, a pulverização da vida social e a ampliação das possibilidades de escolha dos indivíduos podem ser sentidas também na configuração de suas relações mais íntimas.

De acordo com Giddens (2002), as relações de intimidade hoje se dão mediante o ato da escolha, diferentemente do que ocorria nas sociedades tradicionais, em que o círculo de relações pessoais era determinado muito mais pela posição social do indivíduo do que por questões individuais. Hoje, o círculo de convivência pessoal de cada um resulta de laços sociais que se constituem por escolhas e não estão, necessariamente, referidos a posicionamentos tradicionais, mas, antes, provêm, muito mais, do estilo de vida assumido por cada um.

Giddens (2002) assinala também que, nestas condições, o processo de constituição dos indivíduos e das relações sociais é tenso, pois aquilo que se constrói está sempre reflexivamente aberto a mudanças. Observa-se o exercício constante de questionamento do próprio sujeito a respeito do sentido das identificações que faz. Desta forma, recai sobre ele a responsabilidade de construir sua trajetória de vida, tornando-o o ponto de sustentação de si mesmo, o que, em outros tempos, se dava por processos exteriores ao eu, como, por exemplo, a imposição da tradição.

Diante disso, modifica-se também o tipo de relação que se busca. Nas condições da contemporaneidade funda-se uma nova concepção de relação, chamada por Giddens (2002)

de “relação pura” (p.86). A relação pura não se sustenta por condições exteriores a ela, pela vida social e econômica propriamente dita. Ela “flutua livremente”, buscando o que de satisfatório uma relação pode oferecer para os envolvidos (Giddens, 2002).

Assim, é uma tendência atual que um casamento, por exemplo, justifique-se pela satisfação que ele trará aos cônjuges. Não estão envolvidos aí interesses econômicos ou sociais das famílias dos cônjuges, nem tampouco a criação dos filhos. A função de uma relação conjugal passa a ser, como aponta o autor, a satisfação de desejos e necessidades individuais (Giddens, 2002).

Por isso, Giddens (2002) afirma que essas relações são “reflexivamente organizadas”. Não se pode garantir por quanto tempo se sustentarão, uma vez que elas só dependem de si mesmas, tanto para começar a existir, quanto para permanecer existindo. Areladas ao projeto reflexivo do eu, as relações puras se caracterizam qualitativamente em função das satisfações subjetivas que produzem em cada um dos indivíduos envolvidos (Giddens, 2002).

Assim, a intimidade torna-se um valor para os indivíduos e, conseqüentemente, algo a ser perseguido nos relacionamentos. Sempre atravessada pela possibilidade de escolha, a intimidade passa a ser importante para os indivíduos porque, em primeiro lugar, é ela que garante a satisfação emocional dos envolvidos. Em segundo lugar, é principalmente pela intimidade que a confiança e o compromisso se constroem e oferecem alguma sustentabilidade a estas relações, ao contrário do que ocorria anteriormente, quando elas estavam calcadas em âncoras externas (Giddens, 2002).

Segundo Giddens (2002), os indivíduos contemporâneos têm também a possibilidade de escolher o “estilo de vida” que pretendem levar. Um estilo de vida

constitui-se por um conjunto de práticas que o indivíduo abraça para si. Trata-se de um conjunto de hábitos e orientações sobre como agir e quem se é. Esta é uma escolha que também pode trazer conflitos para os indivíduos, devido a certas incompatibilidades que podem existir entre diferentes “estilos de vida”(Giddens, 2002).

Mas, para Giddens (2002), juntamente com a possibilidade de escolha do estilo de vida, o que se afirma é o imperativo de que se faça escolhas. Para ele, “Não temos escolha senão escolher (Giddens, 2002, p.79)”. A imposição da escolha, como já foi mencionado, remonta ao enfraquecimento das tradições e à pluralização, segmentação e diversificação da vida social.

Maffesoli (1987) apresenta uma outra leitura a respeito da vida social na contemporaneidade. Se para Giddens (2002) a possibilidade da escolha, que se transforma em imposição de escolher, marca a vida social na contemporaneidade, para Maffesoli (1987) ela abre uma outra possibilidade aos indivíduos: a de combinar. Para ele, isso é uma característica forte da vida social nas grandes cidades contemporâneas.

Maffesoli (1987) considera que existe uma “tendência de combinar-se”, que é a base de toda sociedade. Com isso, o autor defende a idéia de que as pessoas procuram naturalmente as outras por terem a necessidade de estabelecer relações. Elas se ligam umas às outras pela cultura, pela comunicação, pelo lazer etc. E essa necessidade de ligação está calcada na afetividade dos indivíduos.

Desta forma, o autor ressalta a importância do afeto na vida social. Para ele, o indivíduo não vive sozinho. Existe uma propensão dos indivíduos ao re-agrupamento, o que indica que a vida comum é um valor em si para qualquer indivíduo, em qualquer cultura.

Maffesoli (1987) considera “caducas” as concatenações que se baseiam em formulações individualistas para se referir à vida social contemporânea, pois, para ele, a vida social hoje está revestida de outros elementos e se sustenta a partir de outra lógica. Ele afirma que é preciso lançar mão de metáforas que acentuem o aspecto confusional da sociabilidade, entendendo que essa “confusão” é parte da organização social que se institui.

Segundo o autor, a sociabilidade dos dias atuais toma uma forma específica e se caracteriza pela fluidez, por reuniões pontuais e pela dispersão. Diante disso, o autor lança mão da metáfora das tribos para explicar como se constitui a vida social na contemporaneidade.

Maffesoli (1987) considera que a vitalidade das tribos metropolitanas só pode ser compreendida a partir da noção de costume. Costume, segundo o autor, remete ao banal, à vida cotidiana, ao que se tem como usual no dia-a-dia. É por meio desta noção que se pode entender o significado e a importância do “estar junto” para as relações que se constituem.

O autor afirma também que, na lógica das tribos, o que liga cada um ao outro é algo que eles compartilham e que nem sempre é verbalizado. O simples convívio em um espaço pode ser propiciador para que o laço social se constitua, uma vez que, para a vida social contemporânea, a experiência do contato – seja ele visual ou virtual - é o elemento determinante. Partilhar de mesmos emblemas pode ser propiciador de identificação e de reconhecimento de si e do outro.

Maffesoli (1987) ressalta também que, hoje, as relações têm como cimento a emoção. Apesar da pluralidade de elementos que constituem a vida social, existe sempre uma ambiência específica que torna as pessoas solidárias umas com as outras. Forma-se, assim, uma sensibilidade coletiva que é a base das relações de hoje em dia.

É essa sensibilidade coletiva que, conforme o autor, forma a aura específica da sociabilidade dos tempos atuais. Com ela, fundamenta-se um modo de convívio que se faz pelo “estar junto”, numa relação de amizade, desinteressada, sem projetos e pontual, onde os sujeitos estão inseridos num processo de correspondência e de participação que privilegia o todo social (Maffesoli, 1987).

Isso porque a sociabilidade na contemporaneidade, segundo Maffesoli (1987), segue a lógica da fusão. A partir dessa lógica, criam-se uniões “em pontilhado”. Nessas uniões, estabelecem-se relações ocas pela interação e pelo contato que acontece entre as pessoas nas diversas situações. Esse contato determina a fusão da pessoa ao grupo naquele momento. Mas essa fusão é fluida. Ela não é estável e, por isso, a dispersão do grupo pode ocorrer a qualquer momento. Isso é o que Maffesoli (1987) chama de lógica tribal.

A partir disso, Maffesoli (1987) apresenta-nos sua versão da vida social da cidade contemporânea. Nela, encontram-se diversos grupos, depara-se com suas diferentes formas de explorar o mundo. Os indivíduos podem se agregar a um deles em certa ocasião, identificando-se com suas formas de agir, de vestir, de gesticular, de sentir e de pensar. Mas, a qualquer momento, podem sair e circular em outros microgrupos ou tribos.

Podemos apreender, ainda, que, para Maffesoli (1987), no cenário urbano contemporâneo, é justamente por meio de relações heterogêneas que a socialidade se fundamenta. Diante da heterogeneidade de valores e linguagens, o estranho passa a desempenhar papel fundamental na vida social que se constitui, engendrando uma forma de viver em comum. Por isso, na vida social das grandes cidades, onde se evidenciam as heterogeneidades, o que é diferente não pode ser qualificado como “marginal”, mas como

elemento que se mistura às outras formas de cultura e dá origem a novas formações. Nelas, o cimento da vida social pode ser, justamente, aquilo que divide, que marca a diferença.

Pensemos, a partir de agora, nas subjetividades produzidas a partir das transformações da contemporaneidade.

Giddens (2002; 2003), Hall (2001), Maffesoli (1987) e Velho (1999) concordam que o surgimento de novas configurações para a vida social na contemporaneidade alterou fortemente as formas de inserção dos sujeitos no contexto social e repercutiu nos processos de subjetivação e de constituição de suas identidades.

1.1.2 – Sobre os Processos Subjetivos na Contemporaneidade

Como já foi mencionado, o contexto contemporâneo vem provocando grandes mudanças nos processos subjetivos. Os avanços tecnológicos atuais, promovendo processos de aceleração, pulverização e mistura de experiências, atingem os sujeitos de modo complexo e apresentam-se como “alavancas” para as alterações dos processos de subjetivação no cenário globalizado.

O sujeito contemporâneo, tendo diante de si diferentes possibilidades identificatórias, pode se constituir por várias identidades, algumas vezes até contraditórias e não-resolvidas. Ele não compõe um “eu” coerente e caracteriza-se por não ter uma identidade fixa, essencial ou permanente (a esse respeito, ver Giddens, 2003; Hall, 2001, Maffesoli, 1987).

Almeida (2003) analisa as mudanças nos processos subjetivos no que se refere à constituição das identidades pessoais e ressalta que, a partir das transformações culturais da contemporaneidade, passou a operar um movimento de deslize da “lógica de identidade” para a “lógica da identificação” na constituição subjetiva do sujeito contemporâneo. Isso é o que afirmam, também, Hall (2001) e Giddens (2003).

A categoria de identidade está remetida à idéia de sujeito centrado, coeso, uno e indivisível que compõe a figura moderna de sujeito, e é regida pela “lógica da identidade”, calcada na demarcação nítida entre os planos interno e externo da existência (Almeida 2003). Hoje, esta referida “lógica da identidade” não é suficiente para descrever os processos subjetivos pelos quais se constitui o “eu”. Há um outro parâmetro de funcionamento subjetivo operando, que pode ser entendido pela da “lógica comunicacional” ou “lógica da identificação” (Maffesoli, 1987; Almeida, 2003).

Ao contrário da “lógica da identidade”, a “lógica da identificação” permite que as identificações que se produzem sejam plurais, possibilitando a existência de um *self* múltiplo, capaz de traduzir o cenário complexo e multifacetado da contemporaneidade (Almeida, 2003).

Esta outra lógica pressupõe o surgimento de uma sensibilidade do coletivo para a vida cotidiana. Assim, ela delimita um campo de ação dos sujeitos no aqui e agora e acentua a influência de formas de expressão - gestos, movimentos corporais, adereços corporais, tipos de roupas, formas de olhar, de acenar, de dançar, de falar, etc – na composição do eu. Conseqüentemente, o aumento da influência das formas de expressão intensifica o fluxo comunicacional e torna o corpo uma “máquina de comunicar” e uma fonte de referências para o próprio *self* (Almeida, 2003).

Coutinho (2002) é outra autora que traz importantes contribuições para este campo de estudo, ressaltando a necessidade de se pensar de um modo novo a constituição das subjetividades por estarmos vivendo numa época marcada pelo declínio das tradições e pela pluralização acelerada de valores e referenciais identificatórios.

A autora também faz uso da “metáfora das tribos”, tal qual descrita por Maffesoli (1987), para investigar a questão da constituição do sujeito na contemporaneidade, considerando que as tribos podem oferecer aos sujeitos alguma referência e estabilidade em um universo simbólico.

Segundo a autora, é bastante complexa a relação das tribos com a sociedade de consumo.

Em primeiro lugar, fazendo referência ao trabalho de Caiafa (1985), Coutinho (2002) pondera que a circulação dentro das tribos, quando se torna um valor em si, assemelha-se à circulação incessante de objetos e mercadorias numa sociedade de consumo, onde os objetos consumidos confundem-se com os próprios sujeitos. Ela também considera que o tempo de existência de uma tribo é ditado pelo mercado, já que normalmente está associado a um gênero musical ou ao uso de determinados adereços e vestimentas.

Em segundo lugar, Coutinho (2002) considera que, nas sociedades de consumo complexas, o aparecimento das tribos no cenário social contemporâneo envolve dois processos: a uniformização e a pluralização. Isto é, pode-se verificar que, ao mesmo tempo em que há uma exaltação das diferenças, com a busca pelo que há de singular em cada grupo, utiliza-se da estratégia de igualar-se a alguns para se diferenciar dos outros. Esse paradoxo pode ser observado, por exemplo, nas rixas entre tribos.

Coutinho (2002), dando prosseguimento a seu raciocínio, apresenta, em terceiro lugar, a constituição da ética da estética para as sociabilidades nas grandes cidades, que é alimentada pelo consumo e pela mídia através do culto à imagem e à beleza. Desta forma, constituem-se identificações referidas à posse ou não de determinados objetos, formando uma imagem de si, uma subjetividade submissa à objetividade.

A autora deixa clara, então, a articulação entre o consumo, a valorização da imagem de si como marca identitária e a formação das tribos, denunciando a fragilidade e a descartabilidade tanto dos critérios de pertencimento a uma tribo qualquer quanto dos objetos de consumo.

Coutinho (2002) se refere, ainda, à substituição da lógica da identidade pela lógica da identificação, de que nos fala Maffesoli (1987), onde a idéia de relação se sobrepõe à de um indivíduo estável e contínuo. Segundo a autora, o deslocamento entre as duas lógicas é uma saída encontrada pelo sujeito contemporâneo para lidar com o desamparo simbólico em que se encontra.

1.2 – Os Jovens

Todas essas considerações são importantes para se compreender os elementos e a dinâmica de subjetivação na contemporaneidade e, assim, entender como são os jovens hoje, como vivem, o que pensam e, também, como eles apreendem determinados valores e práticas culturais que lhes são passados pelo contato com as outras gerações.

A partir deste momento, iremos refletir sobre a inserção do jovem no cenário urbano contemporâneo. Para tanto, devemos fazer alguns esclarecimentos iniciais.

1.2.1 – Considerações sobre o Conceito de Juventude

Convém iniciarmos esclarecendo o viés pelo qual abordamos o tema da juventude neste estudo.

Iulianelli (2003) observa que o interesse em analisar a juventude não é algo novo nas Ciências Sociais. Para o autor, a novidade está nos olhares que se lançam sobre ela.

Segundo Iulianelli (2003), no início do século XX, a análise da juventude tinha como enfoque o controle da juventude. A juventude era, então, entendida como perigo social.

No período das duas guerras européias, a juventude esteve bastante subordinada aos interesses do mundo adulto, de modo que, conforme Iulianelli (2003), foi somente na década de 1960 que o tema da juventude emergiu novamente, desta vez enfocada como agente de transformação social, revolucionária dos costumes, hábitos, cultura e política, mas também criticada pela sua irracionalidade e ingenuidade.

A partir dos anos de 1970, a tendência a interpretar os jovens como delinqüentes ou revolucionários dividiu espaço com a discussão de outros temas, tais como ecologia, gênero, diferenças étnicas, entre outros (Iulianelli, 2003).

Nos anos de 1980, a juventude voltou a ser tema em questão na América Latina a partir do olhar da delinqüência e vinculado a temas como o empobrecimento. Buscava-se entender os motivos sociais que tornavam a infância e a juventude propícias à delinqüência (Iulianelli, 2003).

No Brasil, no final dessa década, os segmentos juvenis ressurgiram no cenário político brasileiro, inclusive pelo ressurgimento da União Nacional dos Estudantes (UNE),

que, desde o final dos anos de 1960, durante a fase mais dura do regime militar, estava desmobilizada (Iulianelli, 2003).

Já a década de 1990 traz a marca do aparecimento de diversos movimentos culturais que tinham os jovens como atores. Foram esses movimentos o *rap*, o *hip-hop*, o *funk*, o *samba-funk*, o *forró regional*, entre outros. Nesse contexto, a idéia era afirmar sua condição de produtores de cultura, justificando o uso do termo “protagonismo juvenil” para expressar a relevância da sua participação nos processos culturais (Iulianelli, 2003).

A partir dessas considerações de Iulianelli (2003), podemos refletir sobre a dificuldade de se conceituar a juventude. Segundo Fraga & Iulianelli (2003), trata-se de um conceito produzido sócio-historicamente e, por isso, cada época e cada sociedade formam sua própria concepção de juventude e atribuem a ela funções específicas.

A juventude é um tema frequentemente relacionado à reprodução e mudança social. O jovem, muitas vezes, é enquadrado na categoria de um ser em formação, em crescimento, em desenvolvimento, ou em um período de transição (Fraga & Iulianelli, 2003).

Carmo (2001) também faz referência à dificuldade de se definir o que é ser jovem, ressaltando um outro aspecto desta dificuldade. Para o autor, falar de uma “juventude brasileira”, no singular, é algo muito vago, pois há diferentes formas de se viver a juventude dentro de um mesmo período histórico, ainda que em uma mesma sociedade.

O autor refere-se à experiência de jovens *hippies* ou *skinhead*, no caso da Inglaterra, ou dos *cara-pintadas* e dos *punks* e *rappers*, no Brasil, para explicar as divergências existentes entre grupos de jovens de contextos sócio-econômicos diferentes. Com isso, Carmo (2001) tenta problematizar as tentativas de se dar um único tratamento para a

juventude brasileira, alertando para a influência de fatores como a classe social na determinação das visões de mundo que os jovens constroem.

Por isso, o que se pensa sobre o jovem operário nem sempre é válido para o jovem da periferia ou para o jovem da classe média urbana, por exemplo. É fundamental atentarmos para isto que Carmo (2001) denomina de “herança cultural de classe social”, pela qual se constituem os símbolos e valores de cada segmento social.

1.2.2 – Considerações sobre o Uso do Conceito de “Geração”

Ribeiro & Lourenço (2003) nos lembram que “As fases do ciclo da vida só podem ser refletidas através dos vínculos entre as gerações, isto é, das práticas e valores que conduzem à reprodução social” (p.38).

Esta opinião corresponde a um ponto de vista bastante próximo do que utilizamos no presente estudo. Apreendemos o conceito de juventude valorizando a autenticidade das subjetivações que os jovens produzem, os símbolos que compartilham e as formas de socialização que promovem. Estamos de acordo com Castro & Menezes (2002) em sua preocupação em articular os planos da subjetividade e da cultura, do psíquico e do social, para que os sujeitos sejam compreendidos dentro de realidades onde os discursos e as práticas sobre o humano são formulados.

A nossa proposta é conceber as construções culturais dos jovens contemporâneos de forma integrada ao processo cultural mais amplo, do qual participam também os adultos, os velhos e as crianças. Portanto, optamos por utilizar aqui o conceito de “geração”, para

melhor apreendermos o segmento dos jovens contemporâneos de forma integrada aos segmentos pertencentes às outras gerações.

Falaremos, assim, de jovens, a partir da concepção de geração.

A categorização das pessoas em função de suas idades não corresponde a um critério universal de agrupamento. Trata-se de uma produção cultural que serve à constituição de realidades sociais específicas e que determina certas práticas sociais (sobre isso, ver Ariès, 1981; Debert, 1998; Coutinho, 2002; Saggese, 2001).

Conforme aponta Debert (1998), quando se fala em geração, não se está referindo a “pessoas que compartilham a mesma idade, mas às que vivenciaram determinados eventos que definem trajetórias passadas e futuras” (p.60).

É claro que o critério cronológico é importante para o agrupamento geracional, já que situa os indivíduos em períodos históricos. No entanto, o que se aponta é que o critério de idade não é suficiente para distinguir grupos de pessoas no que se refere a suas experiências de vida, à construção de suas visões de mundo ou aos diferentes modos de inserção no corpo social. Tudo isso vai depender também do seu posicionamento social de forma mais ampla, incluindo-se aqui desde a sua localização geográfica até distinções como raça, gênero e classe social (Mannheim, 1982).

Segundo Barros (1987), categorias de idade, ainda que sejam construções históricas e sociais, diferem de categorias de geração, pois somente nessas últimas encontram-se implícitas as singularidades dos costumes e comportamentos que caracterizam a experiência de cada pessoa. É a partir destas considerações que situaremos os jovens neste estudo. Assim, ao se falar em geração, a idéia é agrupar os sujeitos em função também de suas experiências de vida.

Desta forma, ressalta-se sua condição de sujeitos ativos nos processos sociais, construtores de uma cultura própria que, por sua vez, é compartilhada pelo seu grupo.

Podemos citar Zaluar (1997) para exemplificar esse modo de se compreender o jovem. Ao nos falar sobre as gangues, galeras e quadrilhas nos Estados Unidos e no Rio de Janeiro, a autora se opõe a teorias de influência positivista que tomam as pessoas e seus comportamentos como objetos socialmente determinados. Segundo ela, esse entendimento sobre as pessoas desconsidera que os sujeitos participam de forma ativa nas suas ações, fazem escolhas, mesmo sofrendo constrictões e pressões de força de várias ordens (p.20).

É importante esclarecermos que, ao nos referirmos à “geração” de jovens contemporâneos, buscamos valorizar as peculiaridades de suas experiências no mundo hoje. Acreditamos que o seu posicionamento geracional os torna especialmente afetados por todas essas transformações da vida social da atualidade². Diante disso, é exatamente a peculiaridade de suas vivências que é o mais atrativo para nós. Esta referida “peculiaridade” das experiências dos jovens nos interessa por duas razões: primeiro, pelo fato de serem eles jovens e, segundo, porque são jovens contemporâneos.

Pensemos, então, sobre o primeiro aspecto: o fato de serem jovens. De acordo com Mannheim (1967), tomar os jovens como objeto de análise é interessante pela sua total reciprocidade com a sociedade. Para o autor, o que é a juventude, sua importância social e suas necessidades legítimas dependem do tratamento que a sociedade reserva aos jovens, a partir de como se acredita que eles podem contribuir para a vida social.

² Essa questão será retomada no segundo capítulo, quando trataremos das relações intergeracionais. Neste momento, é interessante apenas orientar o leitor sobre os critérios em que nos baseamos para privilegiar os jovens como objeto de estudo.

Por isso, nos diferentes contextos sociais são atribuídos diferentes significados à juventude. Na antiga China, por exemplo, os mais velhos desfrutavam de maior prestígio que os mais jovens. Diferentemente, nos Estados Unidos, muitas vezes pessoas com mais de 40 anos experimentam o sentimento de inutilidade por serem afastados das formas de trabalho justamente por serem considerados velhos demais. Então, o prestígio social de cada geração varia conforme o contexto histórico, social e econômico em que ela está inserida (Mannheim, 1967).

Mas, como aponta Mannheim (1967), não é somente no que diz respeito às diferentes graduações de prestígio que se pode pensar a importância dos jovens numa sociedade. Para este autor, o que realmente determina a importância dos jovens numa sociedade é o fato deles se constituírem como recursos latentes da sociedade.

Segundo o autor, os jovens constituem uma reserva vital para o corpo social e o modo como os segmentos jovens são incorporados à vida produtiva depende da natureza da sociedade em questão.

Naquelas sociedades marcadamente estáticas, em que predomina o valor da tradição, um jovem tem menor prestígio e é menor também o seu engajamento em movimentos socialmente significativos. Já nas sociedades mais dinâmicas como, por exemplo, as sociedades modernas, o jovem é chamado a dar novas saídas aos mecanismos sociais por ser considerado um agente revitalizante (Mannheim, 1967).

O conceito de “contato fresco” desenvolvido por Mannheim (1982) pode ser muito útil para se entender melhor isso.

Ao falar do “contato fresco”, o autor refere-se àquela experiência de distanciamento que normalmente se tem de algo que não se conhece. Trata-se da mesma experiência de um

viajante ao conhecer uma nova cultura. Um viajante, quando chega a um local onde nunca foi, pode estranhar até mesmo as convenções culturais mais banais para o povo nativo. Por ser estrangeiro, ele vê aquele mundo de forma distanciada. Esse distanciamento lhe possibilita assimilar e fazer uso de aspectos da cultura de forma diferente dos que fazem parte daquela sociedade.

O autor usa o conceito de “contato fresco” para explicar a relação dos jovens com a cultura porque, segundo ele, a experiência dos jovens no mundo é, exatamente, a experiência do “contato fresco”. O seu posicionamento geracional propicia às gerações mais jovens uma atitude diferente da de seus antecessores com relação ao patrimônio cultural que lhes é transmitido. Sua condição de marginalidade e sua posição de incompleto envolvimento com o *status quo*, isto é, com a ordem social pré-estabelecida, o tornam um segmento socialmente importante para dar conta da dinâmica e das transformações sociais que se impõem.

Por tudo isso, nos interessa muito conhecer o discurso de jovens. Acreditamos que o seu posicionamento geracional favorece a apropriação dos discursos mais “inovadores” numa sociedade, dando interpretações autênticas para os fatos e empreendendo processos de transformação social e cultural iniciados pelas outras gerações.

Ser jovem num momento como hoje – esse é o segundo aspecto acima citado - é atrelar a experiência da juventude ao contato com a cultura contemporânea, marcadamente caracterizada pela velocidade e intensidade das transformações sócio-culturais. Essa vivência nos parece intrigante.

Por isso, nos perguntamos: Diante do grande volume de informações que recebem, do contato com a grande diversidade cultural à sua vista, com a variedade de referências

sócio-culturais que recebem, com as constantes inovações das experiências tecnológicas e estéticas, como os jovens, já tão propícios à novidade, se orientam?

1.2.3 – Jovens na Contemporaneidade

Como já foi dito, não temos como objetivo definir em algumas linhas um perfil para o jovem contemporâneo. O que nos parece mais frutífero é captar as formas de subjetivação que são produzidas pela vivência nos grandes centros urbanos contemporâneos.

A abordagem de algumas temáticas relacionadas ao mundo do jovem contemporâneo na análise que pretendemos empreender agora visa identificar alguns dos elementos que compõem o mundo do jovem urbano de hoje.

Vianna (1997) reflete sobre as dificuldades de ser jovem nos anos de 1990, no Rio de Janeiro, uma vez que o jovem se depara com essa constante transformação dos hábitos e papéis sociais e não tem definida nenhuma referência estática sobre quem ele é ou quem é o outro.

Além disso, o autor aponta a dificuldade de se definir hoje o que é um jovem, pois parece que a idéia de juventude se expandiu por todo o espaço social. Diante do objetivo permanente das pessoas de todas as idades de “ser jovem” e de “se manter jovem”, a juventude se transformou em uma mercadoria vendida às pessoas de todas as gerações (Vianna, 1997).

Kehl (2004) também observa essa dificuldade em precisar o que é juventude hoje, pois difundiu-se a idéia de que todos podem se considerar jovens, tenham 18 ou 40 anos, já

que ser jovem seria um estado de espírito - um estado de espírito que está necessariamente vinculado à criação de uma imagem de si mesmo projetada por meio de adereços e vestimentas jovens (Kehl, 2004).

Assim, uma primeira reflexão que se pode apresentar sobre os jovens contemporâneos é a de que ser jovem hoje no mundo é desfrutar de um prestígio, construído a partir de um discurso que afirma que ser jovem é bom para todos.

Segundo Kehl (2004), o prestígio de ser jovem está relacionado com uma estratégia de marketing lançada para seduzir uma faixa de consumidores que vivia esquecida, por comportar pessoas dependentes financeiramente dos pais e sem poder de decisão no espaço público.

Para Kehl (2004), foi somente quando ele foi percebido como um consumidor em potencial que o jovem teve sua cidadania reconhecida. A partir do momento em que ser jovem transformou-se em um slogan, a juventude tornou-se uma categoria social e economicamente importante. Assim, ela constituiu-se como um valor e passou a atrair milhares de pessoas para o mercado de consumo em busca dos seus atributos.

Kehl (2004) avalia os danos advindos da transformação do adolescente³ em uma isca para o mercado consumidor. Segundo ela, ao vincular juventude e consumo, a cultura adolescente tornou-se altamente hedonista. Todos os adolescentes são convocados a buscar liberdade, beleza e sensualidade. Paradoxalmente, esses elementos se lançam num campo de identificações que abarca todas as idades e produz desejos de eterna juventude para todas as gerações.

³ Entenda-se adolescente como pessoas entre 10 e 19 anos, situadas no período em que se intensificam as mudanças corporais e psicológicas que determinam a passagem da fase da infância para a fase adulta, conforme Kehl (2004).

Daí, advém uma marca que, segundo Kehl (2004), é muito problemática nos nossos dias: a *teenagização* da cultura. Quando os adultos se espelham nos ideais *teen*, deixam de se orientar pelos ideais dos adultos, deixam de valorizar sua experiência, deixam vazio o lugar de adulto. Isso gera um esvaziamento do sentido da vida que é caracterizado pela autora como algo “difícil de suportar” (p.97). Porque, quando buscam se espelhar nos adultos, os jovens encontram uma imagem deformada de si mesmos.

Isso vai ao encontro do que Vianna (1997) aponta sobre a mistura das diferentes gerações nos espaços sociais e a dificuldade de se identificar os que não são jovens em meio aos grupos de pessoas, pois todos parecem jovens.

Com base nesse enfoque, Kehl (2004) toma a juventude como um sintoma da cultura. Ao falar disso, a autora está enfatizando que o enaltecimento da juventude é uma construção cultural, e não natural, que legitima uma forma de integração social regida pelo imperativo do gozo.

A autora define gozo como “aquilo que pede para ir sempre além dos limites do prazer” (p.100). Segundo ela, na medida em que toda a nossa cultura preconiza a possibilidade de ser jovem e de ter prazer a todo custo, o próprio jovem é levado a corresponder à imposição de “curtição ao máximo”. Esse é um chamado onipotente que traz significativas angústias para o jovem, às quais ele responde pela drogadição, pela falta de limite, pela identificação com a violência, pela busca da imagem perfeita, etc (Kehl, 2004).

Numa segunda reflexão referente ao que é ser jovem hoje, não podemos ignorar o fato de que a juventude corresponde ao período em que os jovens ampliam suas redes sociais, começam a ter autonomia para circular em determinados espaços sociais e ganham

a cidade. Para efeitos de nosso estudo, vamos considerar a cidade como o espaço da grande metrópole.

Castro (2004) traz grandes contribuições para pensarmos sobre a vida de jovens urbanos. Para ela, a transformação dos espaços sociais modifica as relações interpessoais que se constituem e provoca nos sujeitos um certo tipo de experiência. Por isso, o fato de viverem em grandes metrópoles propicia aos jovens subjetivações próprias do tipo de vida que se tem nesses lugares.

Segundo a autora, nesse espaço reconhecemos não somente um espaço físico com casas, prédios, ruas, monumentos, praças, mas também um espaço de diferentes sonhos, projetos, expectativas, poderes, desafiando as possibilidades de concretização de desejos (Castro, 2004).

A experiência de viver na cidade grande é descrita pela autora como a experiência de submergir na complexidade, e é a complexidade que salta aos olhos quando nos detemos nas paisagens das grandes metrópoles. Essa complexidade é a de termos liberdade para sermos quem somos, de acatarmos com cumplicidade a forma diferente do outro ser, o que, ao mesmo tempo, fascina e apavora cada um de nós, justamente porque propicia o contato mais direto e próximo com o diferente, mas também nos reassegura do abismo que separa o “eu” do “outro” (Castro, 2004).

Nessas circunstâncias, pensemos na experiência do jovem no cenário urbano contemporâneo. Castro (2004) refere-se a ela como uma aventura. Segundo a autora, estar na cidade não é fácil. Ela oferece a experiência com o estranho, suscita medo e curiosidade. Por isso, Castro (2004) caracteriza como estratégico o comportamento dos jovens de estar

em companhia da “galera” ou da “tribo”. É com ela que eles podem se aventurar pela cidade.

Kehl (2000) traz importantes contribuições a respeito da busca dos jovens pela companhia da “galera” ou da “tribo”. Em um estudo sobre a relação dos *rappers* do Racionais MC’s com o público, a autora notou que os integrantes do grupo dirigiam-se à multidão de jovens a partir do “lugar do semelhante”, isto é, colocando-se como semelhantes aos que os assistiam, e, para tanto, faziam uso do termo “mano”, com o intuito de despertar um sentimento de fratria, de igualdade.

A autora ressalta que os Racionais assumem a postura de não se tornarem ídolos distantes, invejados e superiores. Em seus discursos, conseguem simbolizar a experiência de desamparo de milhares de pessoas da região periférica da cidade de São Paulo e produzir uma fala nova sobre a exclusão. É justamente por se posicionarem como iguais num contexto de segregação social que eles conseguem mobilizar tanta gente (Kehl, 2000).

Em decorrência disso, o grupo conseguiu reunir uma multidão de seguidores identificada com o protesto que o rap traz em suas letras, numa relação fraterna (Kehl, 2000).

Segundo Kehl (2004), as fratrias são exemplo de um tipo de ligação denominada ligação horizontal. Elas são muito propícias aos adolescentes e instituem relações tão importantes quanto a relação entre irmãos numa família.

Para Kehl (2004), a fratria tem o atributo de amparar os que estão deixando o mundo protegido da família para ingressar no vasto mundo da cultura, da política, das responsabilidades públicas. Nela vigoram suas próprias leis e cada um tem responsabilidades perante os outros.

O que é interessante observar nesses estudos sobre a fratria, considerando os objetivos da presente pesquisa, é a importância atribuída pelos jovens a esse tipo de relação. Com a ajuda de Castro (2004), podemos construir algumas suposições a esse respeito.

Castro (2004), de forma atenta aos tipos de vínculos e relacionamentos que crianças e jovens estabelecem no cenário das cidades, destaca que os cariocas, desde bem pequenos, enfrentam a convivência com pessoas estranhas, sejam elas babás, profissionais de creches, vizinhos, etc. O estranho habita a cidade. Identificá-lo é parte do aprendizado de quem vive na cidade. Ele é uma figura marcada pela indefinição, pela imprevisibilidade sempre presente nas cidades. Como assinala Castro (2004), “Somos todos estranhos uns para os outros na grande cidade” (p.134).

Para o jovem, que, diferentemente da criança, procura construir sua própria compreensão sobre o mundo e sobre si mesmo, o estranho adquire uma conotação diferente da que tem para a criança. Para os pequeninos, o estranho é quase sempre revertido de uma conotação negativa, algo que se deve temer. Mas para os jovens, o estranho é exatamente o diferente, o desconhecido que chega a ser referido como alguém admirável, que ousa assumir suas opiniões e seu jeito “diferente”. Assim, à medida que vão ganhando os espaços da cidade, os jovens têm, necessariamente, que construir relacionamentos com os outros diferentes/estranhos.

A imposição de lidar com o estranho é uma das marcas da vida dos jovens nas grandes cidades. Segundo Castro (2004), uma das dificuldades enfrentadas nessa tarefa é que o estranho mobiliza sentimentos contraditórios: ora atrai, ora atemoriza. Por isso, observa-se muitas vezes que os grupos incluem os mais iguais possíveis, numa tentativa de facilitar a convivência.

Nesse sentido, são interessantes os dados relatados por Castro (2004) no seu trabalho de campo realizado em colégios com grupos de jovens. Segundo a autora, para o jovem, todos nós precisamos saber respeitar as opiniões alheias, mesmo que estas sejam diferentes das nossas. Esse é um desafio para quem vive no cenário urbano contemporâneo. E parece que o respeito às opiniões alheias não é algo fácil de se conseguir, uma vez que a autora observou que havia algumas dificuldades para se estabelecer uma dinâmica pacífica nos grupos que comportavam pessoas bastante diferentes.

Outro dado interessante do trabalho de Castro (2004) foi o fato da figura do amigo ter sido descrita pelos jovens pesquisados como a mais importante nas suas vidas, porque é o amigo que participa da construção de sentidos para a experiência de viver fora de casa. Por isso, ele representa o laço social mais desejável do jovem.

O amigo é alguém que traz confiança, é um igual nos gostos, idéias e estilos de vida, é alguém próximo pela semelhança. O amigo é importante nos processos de subjetivação que se constituem a partir das condições sociais da cidade. O amigo é alguém que auxilia na passagem da casa para o mundo.

Segundo Castro (2004), a importância atribuída pelo jovem ao amigo nos permite perceber a fragilidade do jovem cidadão, que não tem outra opção senão enfrentar a complexidade do mundo à sua volta.

Nas grandes cidades, para crianças e jovens é um desafio desvendar a complexidade que se lhes apresenta. É necessário saber quem é o “nós”, quem é o “eles”, submeter-se à velocidade e, sobretudo, aprender a viver sozinho, muitas vezes sem palavras, unidos por uma “nebulosa”, conforme as palavras de Maffesoli (1987). Esse é o desafio a ser desvendado pelos jovens nas cidades (Castro, 2004).

Como parte da complexidade que a cidade propicia aos jovens está a experiência paradoxal da invisibilidade e da visibilidade social.

Para Castro (2004), hoje a visibilidade tende a tornar-se uma das maneiras mais eficazes de se obter reconhecimento. Destacar-se em meio à multidão seria como ter marcada a sua existência. A figura do trabalhador pacato, rotineiro e desconhecido de todos não é atrativo para os jovens como objeto de identificação. Pelo contrário, é notório como buscam tornar o cotidiano recheado de emoções, sensações e prazer.

Para os jovens, a invisibilidade denuncia o aniquilamento da existência. Assim, o grande paradoxo se instala, pois na cidade o que aprendemos no dia-a-dia é exatamente a tornar os outros invisíveis, bem como a nos tornar invisíveis para o outro (Castro, 2004).

Proponho que pensemos, nesse momento, nas contribuições de Costa (2004) sobre as perspectivas da juventude numa sociedade de mercado. Consideramos que este é um momento oportuno para trazer suas idéias a este respeito, pois certamente o valor da visibilidade e a busca pela notoriedade estão intimamente relacionados com os processos pelos quais o consumismo, hoje, institui-se como uma relação sujeito-objeto.

Para Costa (2004), “consumo é uma metáfora que alude à rapidez com que adquirimos novos objetos e inutilizamos os velhos” (p.78). A forma consumista de apreender os objetos resulta de uma atitude diante da vida que se instituiu pela transformação da moral do trabalho e da moral do prazer.

Acerca da moral do trabalho, Costa (2004) destaca que hoje a inconstância das relações e do valor de um trabalho e a necessidade do trabalhador de adaptar-se à volatilidade do mundo do emprego e criar uma personalidade flexível (a esse respeito, ver Sennett, 1999) fazem com que os objetos agreguem valor social a seus portadores. Por isso,

diante das instabilidades do mundo do trabalho, os sujeitos são reconhecidos pelos objetos que possuem.

Paralelamente, a moral do prazer também se transforma. Costa (2004) afirma que a busca pelo prazer é própria de toda cultura, mas que o ideal de prazer corporal ou do prazer das sensações é algo da nossa época. Conseqüentemente, é maior também o valor atribuído às sensações físicas prazerosas na constituição das subjetividades.

Segundo o autor, o problema dessa moral do prazer é que, em seus termos, nenhuma forma de satisfação se sustenta. Ela gera uma concepção de felicidade, baseada nas sensações, que gera contradições, pois, na verdade, esse ideal de prazer que se propõe não é algo possível. Ele gera uma relação compulsiva com os objetos. Por isso, produz uma relação consumista com as coisas e dá origem à demanda por objetos descartáveis.

A partir desses elementos, Costa (2004) aponta os valores que a atitude consumista preconiza. Segundo o autor, ela está calcada na cultura do imediato, do descompromisso consigo, com o outro e com o devir de todos. É com a idéia do descompromisso que podemos fazer a relação com a invisibilidade, acima citada, de que nos fala Castro (2004).

A invisibilidade desemboca em atitudes de descompromisso e irresponsabilidade com as coisas e com as pessoas, pois implica no não reconhecimento de si e do outro.

Isso é justamente o que Costa (2004) problematiza. Segundo ele, na atitude consumista verifica-se o descaso de uma geração para com as outras. Essa atitude rompe o fio da tradição e impede que as gerações dediquem suas vidas às gerações futuras, construindo bens que durem. Decorre dessa atitude, também, o descaso que tem sido visto com relação à ecologia e à preservação dos recursos naturais do planeta.

Com isso, Costa (2004) ressalta quão predatória é a prática indiscriminada da compulsão ao comprismo. O problema não está na quantidade de bens acumuláveis hoje, mas, sim, na dissolução dos valores em que se assentava a atitude de responsabilidade para com o patrimônio moral e material da sociedade.

Retomando o tema da invisibilidade, voltemos às questões levantadas por Castro (2004), que afirma que o valor da visibilidade mobiliza os jovens a se fazerem notáveis. Eles desejam ser diferentes, únicos, mas, ao mesmo tempo, querem pertencer a um todo maior.

Podemos observar essa forte necessidade dos jovens de pertencerem a algum grupo e de que esse grupo seja, de alguma forma, distinto dos outros, quando nos deparamos com a diversidade dos grupos que se constituem.

A cidade, mapeando os territórios que são ocupados por grupos diferentes de jovens, oferece ângulos distintos para se experimentar a cidade. Sejam eles patricinhas, mauricinhos, *playboys*, surfistas, *skatistas*, *roller blades*, *punks*, *funkeiros*, músicos, *nerds* ou outros, cada jovem tem um olhar diverso sobre o mundo e sobre si mesmo.

Para o jovem, ter definida sua tribo é algo ambíguo. Ele sente-se, por um lado, confortável por ter sua “galera” definida, já que esta lhe oferece uma referência sobre quem ele é, agora que habita o espaço da cidade, mas, por outro lado, ele se sente incomodado pelo fato dos outros jovens de outras galeras o perceberem a partir de estereótipos (Castro, 2004).

Por isso, é um grande desafio para o jovem lidar com a dicotomia de ser da galera e ser ele mesmo, principalmente em se tratando de uma cultura metropolitana, em que nem

sempre os encontros interpessoais favorecem um momento de conversa e uma oportunidade de se aprofundar nas relações (Castro, 2004).

De acordo com Castro (2004), a diversidade cultural apresentada pela juventude e a resultante impossibilidade de compor uma massa uniforme de jovens justificam-se pelas amplas possibilidades de subjetivação que o cenário contemporâneo permite aos indivíduos.

Por isso, apreender a totalidade da juventude não é possível, assim como também não é possível apreender a metrópole de forma homogênea. Qualquer tentativa de imaginá-los na sua inteireza só pode ser feita pela captura das diferenças que dividem a cidade em grupos (Castro, 2004).

Portanto, refletir sobre a formação das “galeras”, das tribos, nos conduz diretamente ao tema da diversidade cultural da vida na metrópole e das subculturas que nelas se dão.

Podemos pensar, então, sobre o intercâmbio entre os diferentes grupos que o espaço da metrópole promove. Conviver com a variabilidade das “galeras” compostas pelos jovens é outro desafio que os jovens têm quando vivem numa grande cidade.

O êxito nisso depende, segundo Castro (2004), das possibilidades que eles têm de representar o outro. Voltamos, assim, a falar da estranheza suscitada em cada um quando se depara com a figura do diferente.

Segundo Castro (2004), o sentido que se dá ao outro é algo que está sempre se transformando e sendo buscado, em cada época. A autora observa que, na sociedade citadina, a capacidade de representar o outro como um igual está atrofiada.

Nela, a possibilidade de igualdade é forjada em termos da aparência, dos trejeitos físicos e tudo que for desconhecido origina angústia e ambigüidades. Uma forma de se lidar

com essa angústia diante do estranho é pela prática da cordialidade com relação ao igual e da indiferença com relação ao diferente (Castro, 2004).

O desafio que Castro (2004) lança aos jovens é o de encontrar formas eficazes de representar a igualdade entre os homens num contexto onde as diferenças são tão marcantes, de criar novos sentidos para a convivência humana por meio de uma re-elaboração dos ideais de igualdade, liberdade e fraternidade à luz das configurações do mundo contemporâneo (Castro, 2004).

Uma terceira e última reflexão que podemos fazer a respeito dos jovens contemporâneos é sobre o que Coutinho (2002) chama de condição de “sujeito contemporâneo por excelência”.

A autora enfatiza que o fato dos jovens de hoje fazerem parte da primeira geração a crescer sob as condições do mundo globalizado, isto é, conectados ao mundo, tendo à disposição enormes volumes de informação de todas as partes do planeta e experimentando, desde pequenos, o mundo veloz e multifacetado da tecnologia, faz com que eles constituam uma geração com características bastante diferentes das de outras gerações.

As transformações culturais ocorridas no séc. XX marcaram profundamente os modos de subjetivação de crianças e jovens, seus modos de agir, de vestir, de compreender o mundo, de se relacionar, entre outros.

Segundo Besley (2003), agora, como nunca, os jovens constroem suas identidades fundamentando-as nos valores do mercado, ao invés de fazer uso das fontes tradicionais, como, por exemplo, a família, a igreja e a escola.

Tudo isso está de acordo com o que pensa Castro (1998). Esta autora afirma que, no contexto atual, marcado pela cultura televisiva e de consumo, novas possibilidades

identificatórias se apresentam para crianças e adolescentes. O amplo acesso à informação, que em outros tempos era transmitida e controlada pelos pais, e a importância atribuída ao consumo para se definir “quem é quem” no mundo social, delimitam um cenário novo no final do séc. XX.

Nesse contexto, os jovens podem produzir suas identidades a partir de imagens e idéias que recebem da mídia. No entanto, dentre as diversas possibilidades identificatórias apresentadas aos jovens na atualidade, muitos estudos continuam apontando para a importância das relações familiares nesse processo. Nesse sentido, Velho (1987) afirma:

a família é uma instituição fundamental no processo de socialização da subjetividade. Ela [a subjetividade] será de algum modo construída, elaborada ou desenvolvida, dependendo do ponto de partida, em função de certas agências, mediante determinadas instituições, e a família é uma instituição privilegiada (p.80).

O que parece novo é que concorrem com a família outras instituições capazes de oferecer aos jovens algum reconhecimento pessoal. Por isso, suas identidades acabam por se estabelecer principalmente em torno das noções de escolha, diversidade, instabilidade, “o novo”, o consumismo e o mercado.

Podemos refletir que o que os jovens vivenciam hoje é bastante diferente da experiência que seus pais tiveram na juventude. Por isso, no convívio com as outras gerações, ressaltam-se as diferenças que existem entre elas. Segundo Minayo (1999), na contemporaneidade, de forma unânime, os jovens experimentam o contato com as outras

gerações pelas diferenças que distinguem os mundos de seus pais, ou avós, do mundo de hoje. A autora considera que

são inúmeras, mas podem ser mapeadas, as profundas transformações que todos os jovens sentem no seu mundo em relação às gerações de sua família. A maioria das mudanças se refere à vivência da sexualidade, das relações hierárquicas, do mundo do trabalho, e nas esferas da informação e da comunicação (p.106).

Castro (1998) nos alerta que não apenas as diferentes gerações na família apresentam-se distintas, como também são distintas as formas como cada uma delas lida com as transformações no mundo atual. Nas palavras da autora,

podemos notar como as gerações mais novas – crianças e adolescentes – que não conheceram o mundo sem televisão, sem carro, sem telefone ou, ainda, sem computador, parecem muito mais à vontade com estas transformações que assustam e angustiam as gerações dos mais velhos. ‘Filhos da tecnologia, da mídia e da massificação da cultura’, os jovens parecem encarar com naturalidade estas transformações (Castro, 1998, p.55).

É claro que, em diversos contextos, o convívio entre as gerações é marcado pelas diferenças que elas apresentam entre si, por razões mencionadas anteriormente. Mas, ainda que as diferenças geracionais sempre tenham existido, na contemporaneidade elas se acentuam com a aceleração dos processos de mudanças sócio-culturais.

Acreditamos que todas essas questões são de grande relevância para entendermos um pouco da experiência de ser jovem no cenário contemporâneo. Até o presente momento, nossa preocupação foi elucidar o universo sócio-cultural do jovem contemporâneo e, desta forma, contextualizar os discursos que serão analisados no quarto capítulo. Essa contextualização é essencial para o trabalho de análise de discurso, pois acreditamos que é no contexto que vamos encontrar subsídios para a constituição e produção de discursos.

CAPÍTULO 2

FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA: A CRISE E AS NOVAS RELAÇÕES

Analisaremos, agora, de forma breve e resumida, a família no cenário da contemporaneidade. Primeiramente, trataremos da “crise” da família, relacionando-a com as rápidas mudanças sócio-culturais que vêm ocorrendo na contemporaneidade. Posteriormente, abordaremos o tema das configurações e relações familiares nos dias de hoje.

Nossa intenção é refletir sobre a família pelo viés da historicidade e não como se ela estivesse à margem de uma totalidade social (a esse respeito, ver Silva & Rosa, 2003). Acreditamos que as relações na família se estabelecem a partir de concepções, historicamente construídas, sobre as fases da vida; que a forma como as sociedades vivenciam as questões da reprodução e do desenvolvimento biológico dos indivíduos é constituída culturalmente e, portanto, deve ser analisada para além da sua dimensão biológica; e que as formas de convívio entre as diferentes gerações e as relações familiares são permeadas por valores sociais.

A família é um terreno privilegiado para se perceber a relação entre a natureza e a cultura, pois, segundo Sarti (1997), se, por um lado, dentro dela, dão-se os fatos básicos da vida, como o nascimento, a união entre os sexos e a morte, por outro, não há uma só forma de vivenciá-los. Entra, aí, o componente cultural do homem. Exatamente por isso, existem diferentes formas de estruturação da família.

A autora faz referência à obra de Lévi Strauss (1967) para ressaltar a natureza social da família. Segundo ela, a relação de parentesco inclui os laços de consangüinidade e

descendência, mas também os laços de aliança entre diferentes grupos. As alianças entre as famílias são ilustrativas da influência da dimensão cultural na constituição da família.

Sarti (1997) assinala também que as diferentes formas que cada família tem de experimentar os fatos básicos da vida não se constituem por meio de livres escolhas feitas pelos indivíduos. Elas são determinadas pelo repertório simbólico de cada cultura.

Assim, compreendemos que, na reflexão dos processos familiares, é fundamental conceber sua integração aos processos histórico-culturais.

As contribuições de Ariès (1981) são especialmente importantes para se pensar a historicidade dos processos familiares. O autor afirma que a família sempre existiu, embora de formas diversas nos diferentes contextos históricos. As representações da família e a forma de envolvimento dos seus membros são uma construção cultural.

Analisando a história social da criança e da família, esse autor situa o surgimento do “sentimento da infância” no contexto em que se exprime o “sentimento da família”. Ariès (1981) privilegia a criança como foco de investigação, mas indica-nos que, assim como a noção de infância foi historicamente constituída, as concepções de matrimônio, paternidade, maternidade, a relação entre os irmãos, o sentimento de pertencimento resultante do “sentimento de família”, enfim, qualquer significado atribuído às relações familiares está marcado pelo contexto econômico-cultural de uma sociedade em um momento histórico determinado.

Por concordarmos com Ariès (1981), acreditamos que as relações familiares que se instituem no contexto atual refletem um conjunto de questões que se apresentam para as sociedades contemporâneas. Por isso, relacionamos as transformações das relações

familiares na atualidade e os discursos que hoje são produzidos dentro delas e com respeito a elas aos processos sócio-culturais contemporâneos.

2.1 – A “Crise” da Família na Contemporaneidade

Segundo Roudinesco (2003), podemos distinguir três grandes períodos na evolução da família. No primeiro, encontra-se a família “tradicional”. Essa família repousa na autoridade paterna. Nela, os casamentos eram arranjados pelos pais, servindo, acima de tudo, para assegurar a transmissão de um patrimônio. A vida sexual e afetiva dos cônjuges não tinha importância.

Isso vai ao encontro do que Giddens (2003) observa nas famílias tradicionais. Segundo ele, elas eram essencialmente uma unidade econômica. O casamento tinha como base a transmissão da propriedade, no caso de nobres e aristocratas.

Fundava-se, conforme o autor, um tipo de relação calcada na tradição e num tempo de continuidade, em que os pais ensinavam para os filhos exatamente o que precisariam saber para continuar suas vidas.

Neste contexto, a família, comprometida com a função socialmente delegada a ela de formar moralmente os indivíduos, tinha na figura dos pais, os adultos da família, o principal alvo de identificação dos filhos. Deste modo, as formas de socialização de crianças e jovens tinham por finalidade favorecer esta forma de integração (Giddens, 2003).

Outra estudiosa que contribui para esta discussão é Corrêa (1994). Segundo a autora, nesse tipo de família, à qual ela se refere como “família patriarcal”, o tipo de organização proporciona uma forma de integração em que os personagens se substituem no

decorrer das gerações de uma forma em que não há ameaça à sua hegemonia. Este tipo de organização familiar se instalou, no Brasil, nas regiões de produção agrária e favorecia a indivisibilidade do poder dos “clãs”.

Contudo, com o advento da industrialização e o fim das grandes propriedades rurais, segundo Corrêa (1994), surge outro tipo de organização familiar e institui-se o modelo de “família conjugal moderna”. Essa família é um produto típico da urbanização moderna. Ela reduzia-se ao casal e seus filhos e via como uma das finalidades do casamento a satisfação dos impulsos sexuais e das necessidades afetivas dos cônjuges.

Essa nova configuração familiar descrita por Corrêa (1994) corresponde ao que Roudinesco (2003) situa no segundo grande período da evolução da família. É a família “moderna”, receptáculo de uma lógica afetiva. Esta família funda-se no amor romântico, reforça a reciprocidade dos sentimentos e dos desejos carnis no casamento e valoriza a divisão do trabalho entre os esposos, numa divisão sexual das tarefas que resulta da separação das esferas pública e privada⁴, em que ao homem cabe o espaço público do mundo do trabalho fora de casa e à mulher o espaço privado do lar e da família.

No terceiro e último momento da evolução familiar descrita por Roudinesco (2003) encontra-se a família “contemporânea”, constituída pela união de dois indivíduos em busca

⁴ Em tempos pré-industriais, marido, mulher e filhos conviviam junto a serviçais, parentes e agregados no espaço da família extensa. Dentro dela, as questões da família e do trabalho se misturavam. Assim, nessa família cumpria-se tanto as funções hoje reconhecidas como domésticas (atenção e cuidados das crianças e socialização primária) como as funções sociais (aprendizagem de habilidades e técnicas para as atividades produtivas). Contudo, com o advento da industrialização, ocorreu a separação e especialização dos espaços, fazendo surgir os locais do trabalho e os da vida doméstica, bem como as diferentes normas que regem cada um deles. O âmbito público, seguindo a lógica da racionalidade e da inteligência e o âmbito privado tendo como eixo básico a afetividade. Essa distinção dos espaços público e privado legitimou uma divisão de tarefas entre homens e mulheres que os situa em mundos opostos. Os homens ficam responsáveis pelo espaço público da produção, das grandes decisões, do poder e do trabalho propriamente dito. Já às mulheres cabe a responsabilidade pela reprodução no meio da família, com atividades que, por estarem organizadas de maneira individual e privada, não são reconhecidas como trabalho de prestígio social (a esse respeito ver Prost, 1994; Rocha-Coutinho, 1994).

de relações íntimas e de realização sexual, só que, diferentemente da família moderna, ao longo de um determinado tempo, isto é, enquanto elas satisfizerem ambos os cônjuges. Aqui, verifica-se uma maior incidência de divórcios, separações e recomposições conjugais.

É sobre essa última, a família contemporânea, que nos ateremos com mais atenção.

Para Roudinesco (2003), essa última família descrita produziu uma reviravolta na sociedade ocidental. Tal reviravolta pode ser descrita em termos de uma “crise”, que envolve, não somente as mudanças dentro da família, que se referem à estrutura e à dinâmica familiar, mas, principalmente, as mudanças nos valores sociais mais amplos, em resposta às significativas transformações sofridas no cenário contemporâneo.

Investiguemos, então, de forma breve, as condições de produção dessa “crise”.

A influência dos valores individualistas é referida por diversos autores como fundamental para o entendimento das relações familiares na contemporaneidade.

Sarti (1997) relaciona as mudanças ocorridas na família contemporânea com a perda do sentido da tradição que surge, justamente com a afirmação do individualismo como um valor.

Segundo a autora, a introdução dos valores individualistas colocou em questão o princípio da hierarquia no qual se baseava a autoridade tradicional, afetando principalmente a autoridade patriarcal e a divisão de papéis familiares. Assim, as relações familiares, que até então eram fundadas no princípio da reciprocidade e da hierarquia, tornam-se conflituosas, na medida em que a vivência do amor, do casamento, da família, da sexualidade e do trabalho passa a ser concebida como um projeto individual. Surge, então,

como problema contemporâneo, a necessidade de compatibilizar a individualidade com a reciprocidade familiar.

A autora situa na autoridade patriarcal e na divisão dos papéis familiares as duas áreas em que as mudanças mostraram-se mais significativas. Segundo ela, como consequência do impacto das reflexões e reivindicações propostas pelo individualismo, formou-se uma oposição aos fundamentos da concepção hierárquica que servia de base para as relações familiares tradicionais e caminhou-se para uma transformação da intimidade, com a construção de relações familiares mais igualitárias.

Féres-Carneiro (2002) é outra estudiosa que traz questões importantes para este debate, ao afirmar que, a partir das transformações sociais das últimas décadas, novos sentidos foram dados às relações familiares. A autora identifica como uma das causas das mudanças nas configurações familiares o comprometimento da família com os valores individualistas. Segundo ela, a partir disso, a família passou a ter a função de tornar cada membro um sujeito autônomo.

O individualismo trouxe contradições para o âmbito da família, uma vez que, ao mesmo tempo, preconizava a necessidade de (desenvolvimento) estabelecimento de laços de dependência entre os membros da família e a negava em nome da afirmação da autonomia de cada um deles. Tal fato constituía, assim, um paradoxo para a vida em família, ou do casal, o que pode ser observado quando tentamos entender os motivos do aumento do número de divórcios (Féres-Carneiro, 2002).

Segundo Féres-Carneiro (2002), em decorrência da individualização das relações familiares, muitos casais passaram a questionar o grau de satisfação que o casamento lhes trazia e, com isso, foi inevitável o aumento do número de divórcio. A autora considera a

liberdade para questionar os padrões de relacionamento familiar tradicionais uma das heranças do individualismo na família e uma das principais responsáveis pela “crise” da família contemporânea (Féres-Carneiro, 2002).

Essa maior liberdade nas relações familiares é assinalada, também, por Giddens (2003), como uma das conseqüências da incorporação dos valores individualistas às relações familiares. O autor salienta que, com os processos de modernização, a forma como as famílias se configuravam transformou-se, comprometendo-se, a partir daí, com ideais democráticos e instituindo o diálogo e a discussão aberta das questões referentes ao poder autoritário e sedimentado da tradição, justamente as bases da hierarquia familiar de outrora.

Assim, legitimou-se o surgimento de novas configurações familiares baseadas no valor da liberdade, comprometidas com a realização de projetos individuais de felicidade e situando o casal, casado ou não, mas unido pelo amor, no cerne da família (Giddens, 2003).

Isso aponta para a introdução de um valor até então inexistente nas famílias de outros tempos, pois a instituição familiar, segundo Giddens (2003), nunca se prendeu tão fortemente aos valores individualistas.

Também segundo Velho (2001), a incorporação de valores individualistas teve repercussões para as relações familiares. Para esse autor, a ênfase nos projetos individuais modificou significativamente as interações entre os familiares, por estabelecer a “liberdade” e a “escolha individual” como referências centrais para a configuração das redes de relação.

A valorização dos indivíduos está, segundo Velho (2001), relacionada à nova sociabilidade que se constituiu, na contemporaneidade, diante das intensas transformações tecnológicas e sociais, principalmente a partir de condições surgidas com a urbanização,

dentre as quais o autor ressalta a ampliação das redes de relação. Nesse contexto, as formas de vinculação social se modificaram, influenciando também as relações familiares.

Entretanto, Velho (2001) pondera que, no Brasil – ou melhor, no Rio de Janeiro –, o que ocorreu foi um mecanismo de conciliação entre valores tradicionais, familísticos, e valores modernos, individualistas, que legitimou novas formas de articulação entre os indivíduos e suas famílias. Ainda que as formas mais tradicionais de família - em que as hierarquias e os papéis são bem definidos - continuem existindo, os novos valores advindos com as transformações surgidas na contemporaneidade tornam legítima uma diversidade de formas de se constituir a vida em família.

Vitale (1997) também aponta essa dualidade de referências. Segundo ela, em termos de ideários de família, duas dimensões fundamentais coexistem hoje: os ideais de família hierárquica e os de família igualitária.

As famílias hierárquicas são, segundo a autora, aquelas que se estruturam a partir de uma definição clara de papéis, de posições por idade e por sexo, bem como de uma moralidade calcada nos modelos de autoridade. Já as famílias igualitárias se caracterizam pela introdução de valores individualistas e igualitários e por uma moral mais complacente (Vitale, 1997).

Para a autora, as transformações que vêm ocorrendo na família contemporânea apontam para a coexistência do hierárquico e do igualitário na configuração das relações, e não a superação de um modelo por outro.

Por isso, para entendermos a família na contemporaneidade e o que estamos chamando de “crise” da família, talvez seja mais sensato atentarmos para a tensão que se cria entre esses ideais que compõem o universo familiar contemporâneo.

Sobre essa referida tensão, são proveitosas as contribuições de Duarte (1995). Segundo esse autor, em função da assimilação do Valor-Indivíduo, a família ganhou a função social de ser “matriz para o indivíduo adulto”. No seu comprometimento com a educação de seus membros, ou seja, com a reprodução legítima dos sujeitos sociais, a família se constrange entre dois extremos: ou ser insuficientemente individualizante, restringindo a “liberdade” de seus membros em desenvolvimento, ou ser insuficientemente hierarquizante, não lhes inculcando “responsabilidade” e “ética”.

Junto com essa função, a família assimila o que o autor chama de ideologia do “amor conjugal” como uma forma de assumir a recusa em permitir que o parentesco pareça socialmente determinado.

Segundo Duarte (1995), a crise contemporânea da família parece mais radical quando a aceleração da individualização nas sociedades metropolitanas ameaça o equilíbrio em que até hoje a instituição familiar sobrevivera, combinando a forma hierárquica e o espírito individualizante. O autor aponta como o maior desafio às mudanças que se dão com a crise da família a individualização da mulher, pois é a incorporação pelas mulheres do projeto individualizante que alimenta a sua indisposição em dar continuidade à “reprodução de tarefas” que mantinha a mulher submissa ao homem.

Para este mesmo autor, a decadência da família ocidental moderna faz surgir incertezas que são desafiadoras porque não se referem somente à dissolução ou transformação de uma instituição, mas à reformulação da combinação que até então existia entre o individualismo e a hierarquia de uma forma mais ampla.

A função de viabilizar a ontogênese dos sujeitos individualizados, designada à família contemporânea, acabou por realçar a complexidade desta tarefa e explicitar a

incapacidade da família em dar conta disso. Pois, segundo Duarte (1995), a família antiga “representava sobretudo um limite ou garantia – por precária que fosse – ao ‘artificialismo’ da ideologia individualista e à sua incapacidade de reconhecer a inarredável necessidade sociológica da hierarquia e da relação” (p.40).

De tudo isso que foi dito, podemos dizer, resumidamente, que a “crise” da família contemporânea está ligada a uma intensa transformação nos papéis sociais tradicionalmente estabelecidos, e calcados em valores hierárquicos, devido à assimilação de ideais individualistas. Uma das questões problemáticas, nisso, e que, de fato, parece fundar a “crise” contemporânea, é o paradoxo de se tentar inculcar nas relações familiares o individualismo ao mesmo tempo em que se mantém a importância da ordem hierárquica para a constituição de um corpo social.

Em outras palavras, pode-se afirmar que o processo de transformação das relações familiares que ocorre na contemporaneidade apresenta-se como problemático, conflituoso, pelo fato de que ele não prevê a substituição completa dos ideais hierárquicos pelos ideais individualistas. O que se verifica é a coexistência tensa desses valores, legitimando a formação, tanto de modelos de relações familiares igualitárias, como de modelos hierarquizados.

A respeito da coexistência de valores antagônicos nas sociedades contemporâneas, não podemos deixar de mencionar as contribuições de Vaitsman (1997), que tornam essa discussão ainda mais complexa. A autora distingue duas lógicas simultâneas do ponto de vista do sujeito: a primeira envolve algum tipo de reprodução de valores e comportamentos fundada em determinada tradição; a segunda implica na produção de novos valores e comportamentos, ou seja, no rompimento com a tradição. Contudo, a autora salienta a

pluralidade dos mundos práticos e simbólicos dos quais os atores participam, o que torna difícil pensar o domínio do simbólico a partir da dualidade igualdade X hierarquia, ou tradicional X moderno, pois os processos de modernização e os valores considerados próprios da modernidade são vivenciados, apropriados e traduzidos por diferentes indivíduos em contextos sócio-culturais distintos.

Assim, o fato de o individualismo ter se expandido não significa que os valores individualistas e modernos tenham sido incorporados pelos segmentos tradicionais. Para a autora, é importante que se contextualize os significados de fenômenos e situações tais como, por exemplo, as mulheres chefes de família, a instabilidade conjugal, entre outras (Vaitsman, 1997).

Com isso, Vaitsman (1997) atenta para o fato de que as mudanças culturais, sobretudo na cena urbana, onde os diferentes mundos se interpenetram, podem gerar tanto similaridade como diferenciação.

Na interação social, os atores disputam, compartilham situações, trocam idéias, emoções, discursos, numa circulação permanente de valores, idéias e imagens. Verifica-se um movimento de homogeneização de certos estilos e hábitos de consumo, mas também uma afirmação das diferenças e desigualdades, justamente porque as informações, emoções, valores, idéias, imagens e discursos que são trocados nas suas relações não são absorvidos por cada indivíduo e por cada segmento social da mesma maneira. Como conseqüência disso, é possível se configurar uma pluralidade cultural que, segundo a autora, pode ser muito observada no caso do Rio de Janeiro. São as conexões e simultaneidades entre distintos valores e práticas sociais que não se tornam universais, mas,

antes, que convivem dentro de uma mesma ordem, que vão melhor caracterizar o que ocorre nesta cidade.

Vaitsman (1997) afirma, ainda, que há vários mundos sociais e simbólicos inseridos em um mesmo segmento social e dentro de um mesmo sujeito. Nessa visão, o sujeito não é uma entidade unificada e homogênea, mas sim comporta uma pluralidade, dependendo das diferentes posições que ocupa no âmbito das várias formações discursivas.

Podemos observar que, em meio à pluralidade de valores e referências das sociedades contemporâneas, é muito propício aos indivíduos o questionamento a respeito das relações que se estabelecem dentro de suas próprias famílias. Decorre daí a diversificação dos seus modelos de relação, a ampliação do conceito de família e, ao mesmo tempo, a dificuldade de se abstrair o que é família (ver Mello, 1997).

Segundo Vaitsman (1994), na contemporaneidade não há um modelo de família dominante, pois a família sobrevive justamente por combinar estratégias e recursos tradicionais e modernos. Por isso, verifica-se a existência de uma pluralidade de padrões de casamento e família convivendo com o modelo de família conjugal moderna.

Para ilustrar isso, Silveira (2002) descreve a surpresa que teve quando, num estudo realizado com crianças institucionalizadas, ao pedir às crianças que fizessem o desenho de uma família, freqüentemente se deparava com a imagem de uma família nuclear burguesa, obviamente muito diferente das famílias que tinham. Tratava-se do desenho de um modelo de família que tinham como ideal.

Diante disso, acatamos o comentário de Giddens (2003) que afirma que as transformações da família são realmente perturbadoras, mas que, apesar disso, estudos demonstram que poucas pessoas gostariam de retornar aos papéis masculino e feminino

tradicionais. Segundo esses estudos, é intrigante que, em muitos lugares, a família tradicional persista e continue existindo, convivendo com outras formas de configurações familiares. Para o autor, diante das intensas transformações que se impõem no mundo globalizado, a persistência da família tradicional – ou de aspectos dela – é mais surpreendente do que o seu declínio (Giddens, 2003, p.74).

Depois de emprendermos uma breve reflexão sobre as reviravoltas por que passam as famílias contemporâneas, versaremos, mais especificamente, sobre as novas configurações e relações familiares.

2.2. As Novas Configurações e Relações Familiares

Uma das características das famílias dos tempos atuais é a variedade de suas configurações, com uma maior abertura ao divórcio e ao recasamento, à constituição de famílias monoparentais, à formação de casais sem o ritual do casamento, entre outras, e, de uma forma geral, com mais diálogos nas relações. Observamos, com isso, a ampliação do conceito de família, não mais baseada em um único modelo configurativo.

O aumento dos casos de separação conjugal, desde os anos de 1960 no Rio de Janeiro, é, segundo Velho (2001), um dado que atesta a propagação de valores em que a felicidade individual está desvinculada do compromisso conjugal vitalício. E isso, segundo o autor, tem hoje maior aceitação entre os indivíduos devido ao aumentado contato com outros países e culturas, através de viagens e da comunicação de massas que os processos sócio-culturais contemporâneos vêm favorecendo.

O autor afirma, portanto, que o que vem ocorrendo na cidade não é simplesmente a substituição de uma escala de valores tradicional, familística, por outra moderna, individualista. Apesar da tensão que existe entre ambas, verifica-se aqui uma constante busca de arranjo e reorganização, de modo que a valorização de projetos individuais não seja incompatível com um relacionamento significativo com parentes mais próximos.

Assim, segundo Velho (2001), no Rio de Janeiro, o rápido desenvolvimento e a valorização do indivíduo propiciou que projetos individuais fossem acoplados ao modelo da família nuclear, com a procura, mais ou menos consciente, de soluções conciliatórias entre os focos no indivíduo e no universo do parentesco.

Velho (2001) observa que a difusão da separação conjugal tem conseqüências importantes para toda a vida familiar e para o sistema de parentesco como um todo. Não é que a diminuição do convívio com os familiares leve, mecanicamente, a um esvaziamento afetivo e simbólico do universo do parentesco. O que ocorre é que, nas condições atuais, a aliança do casamento passa a ser uma relação regida predominantemente por um ideário afetivo-sexual, tornando-se mais um assunto dos indivíduos diretamente envolvidos e menos um assunto de suas famílias e universos de parentesco de origem.

O estudo de Fonseca (1995) pode nos ajudar a analisar as famílias de hoje no que se refere à centralidade do casal na sua formação. Uma das características das novas famílias, segundo a autora, é a incorporação, idealística, do amor romântico ao laço conjugal e a livre escolha do cônjuge. A autora sublinha que a nossa maneira de sentir e amar é historicamente determinada e, portanto, inevitavelmente ligada à nossa maneira de pensar o sujeito, de construir a noção de pessoa.

Para Fonseca (1995), a existência do amor romântico não é realmente algo novo. O que é novo é a importância que se atribui a ele para a realização de um casamento feliz.

Fonseca (1995) aponta para o surgimento da noção contemporânea de paixão no repertório cultural das sociedades individualistas justamente quando os valores que regem as identidades indicam o direito de cada um de buscar a “auto-realização”, de desenvolver sua individualidade, como alguém singular, inimitável, insubstituível. Segundo ela, Gilberto Velho é um dos raros pesquisadores a tentar contextualizar este sentimento e a mostrar a ligação entre a experiência amorosa e a ideologia individualista.

Para Velho (1986),

a paixão tem, justamente, essa propriedade de acentuar a *uniqueness* da experiência individual. Por mais que se saiba que outros contemporâneos, amigos, parentes, conhecidos, possam ter se apaixonado, a paixão traz sempre algo de idiossincrática, original, pelo menos da maneira como aparece representada nos depoimentos (p.92).

Em estudo realizado por este autor, podemos observar a naturalização da paixão como uma força instintiva, animal, fora do controle consciente; e o amor, como um prolongamento maduro desse instinto.

Segundo Fonseca (1995), a partir do séc XVII, o amor romântico foi, pouco a pouco, instituído como um ingrediente indispensável ao casamento feliz. Para a autora, o foco atual na paixão apresenta um paradoxo em relação aos valores da ideologia individualista:

Se a paixão é aquilo que evoca a quintessência do indivíduo, então, é por definição incompatível com os arranjos duradouros. Estes levam inevitavelmente à atribuição de ‘papéis sociais’. Os amantes passam a assimilar-se a uma categoria – a de esposos, pais ou até companheiros – e a *uniqueness* da experiência vai se diluindo. Neste sentido, entende-se bem a noção amplamente divulgada de que a transgressão atíca o sentimento amoroso. É o princípio do fruto proibido (Fonseca, 1995, p.71).

Essa maneira atual das classes médias e altas de amar está ligada à noção de “realização do eu” e tem suas condições de produção numa cultura individualista.

Heilborn (1995) também chama a atenção para a influência do individualismo no universo simbólico que sustenta os novos arranjos conjugais. Para a autora, a moral moderna de valorização da singularidade e liberdade individuais conduziu a um número relativamente alto de casamentos que, priorizando a relação dual como foco de maior importância, subsiste sem a existência de filhos e abandona a coabitação como regra. Desta maneira, ela compõe um perfil do que a autora chama de casal igualitário.

Segundo Heilborn (1995), esse casal tem como regra sociológica a mutualidade, estrutura-se tendo como base um encontro psicológico singular e a crença no sentimento amoroso. Na prática cotidiana, essa consonância com os valores individualistas se exprime pela reivindicação da equanimidade na divisão das tarefas domésticas, pela exigência de paridade financeira entre os membros de forma que não haja dependência econômica entre os parceiros, pela similaridade da inserção de classe, e pela equivalência do capital cultural.

No núcleo da conjugalidade, segundo essa concepção, está a noção de intimidade e o “dilema da distância” como pontos centrais na vida a dois. Os sujeitos que formam o casal são pensados como estruturalmente muito próximos, mas o excesso de intimidade

pode se reverter em ausência de tesão. Nesse sentido, o equilíbrio entre “intimidade” e “privacidade” é fundamental, considerando-se os valores centrais da pessoa moderna: autonomia e liberdade. Por esse motivo, segundo Heilborn (1995), morar em casas separadas pode ser uma saída interessante.

A afirmação do divórcio como uma possibilidade guardada para as relações conjugais e familiares hoje é outro aspecto relevante a ser considerado no entendimento das relações familiares contemporâneas.

Segundo Velho (2001), a perda do caráter único da relação de casamento muda o seu significado. Verifica-se a ênfase em projetos individuais, onde, nas palavras de Velho (2001), “o indivíduo é percebido como o potencial sujeito de sua existência, tendo na construção e desenvolvimento de projetos a possibilidade de realização de sua vida” (p 49).

Grzybowski (2002) também aponta o divórcio como um dos principais componentes dos processos de mudança da família. A autora assinala que ele não marca o fim ou dissolução dos vínculos familiares, mas sinaliza um período de readaptação e reestruturação de papéis entre os envolvidos. A superação da desestabilização promovida pelo processo de divórcio em toda a família ocorre, segundo ela, mediante a afirmação de que a qualidade das relações que se tem entre os membros da família é mais importante que a configuração do grupo familiar.

O discurso da “qualidade das relações” de que nos fala Grzybowski (2002) demonstra, claramente, a imposição de valores individualistas na conformação das novas relações familiares contemporâneas.

Tal fato vai ao encontro do que Wagner (2002) apresenta em seu trabalho como resultados dos estudos desenvolvidos sobre as repercussões do divórcio para os filhos.

Segundo ela, através dos muitos estudos que foram realizados sobre o tema, desde os anos de 1970, pode-se observar, hoje, que o divórcio não parece ter feito grandes estragos subjetivos nos filhos porque, com a diversificação das configurações familiares, novos discursos sobre as relações familiares se constituíram e novas concepções sobre elas surgiram. Isso, segundo a autora, amorteceu o impacto subjetivo do divórcio.

Em outro trabalho, Wagner et al (1997), nos dá algumas pistas sobre como compreender as relações na contemporaneidade. A autora explica que atribuir disfuncionalidade às famílias reconstituídas é fruto do ato equivocado de analisar este novo núcleo familiar baseado em pressupostos do modelo original. Por isso, segundo ela, é importante uma mudança de paradigma para se entender outros padrões da vida familiar e compreender como funcionam as diversas configurações dos grupos familiares na contemporaneidade.

Segundo Wagner et al (1997), a separação dos pais nem sempre traz conseqüências indesejáveis para os filhos por tratar-se, hoje, de um fato corriqueiro. No que se refere às famílias reconstituídas, diante dos novos parceiros da mãe e do pai, a reação inicial dos adolescentes costuma ser bastante ambivalente. Há uma mistura de sentimentos, com relutância em aceitar os novos parceiros dos pais, por ciúme. Mas, como é cada vez maior o número de crianças e adolescentes que vivem com padrastos ou madrastas, não estando sob o mesmo teto que os dois progenitores, nenhuma das mudanças na família vem impedindo que os jovens desejem se casar e constituir família.

A continuidade do prestígio da vida familiar entre os projetos dos jovens também é um fenômeno intrigante para Jablonski (2005). O autor aponta que os jovens de hoje vivem comprimidos entre uma visão passada, que pregava a indissolubilidade do casamento, e

uma nova que a realidade atual aponta, com altos níveis de divórcio e mudanças na concepção de casamento e de composição familiar. No entanto, em um estudo realizado pelo autor, que buscou investigar o que os jovens esperam de seus futuros casamentos, ele observou que, apesar da crise do casamento, eles parecem dispostos a se casar, acreditando que com eles será diferente e parecem estar conscientes das dificuldades envolvidas na construção de uma vida a dois.

Nesse estudo de Jablonski (2005), os jovens apontam como aspectos negativos do casamento a perda da liberdade, pois, muito comprometidos com os ideais individualistas, têm como prioridade em suas vidas a realização individual, a autonomia e a independência.

Eles enfatizaram também a importância do amor na relação conjugal, o que foi compreendido por Jablonski (2005) como resultante do processo de idealização do casamento e de uma não adequação dos jovens a bases mais realistas, que incluam os outros elementos, além do amor, necessários para a constituição da vida de um casal.

Além disso, um outro aspecto apontado pelo autor foi a influência da separação dos pais na formação do projeto de casamento dos jovens. Segundo o estudo, os jovens filhos de pais separados se sentem mais propensos ao divórcio do que os filhos de pais que não são separados.

Podemos pensar, ainda, nas mudanças que atingem a família contemporânea a partir das histórias conjugais dos que não passaram pelo divórcio. Nesses casos, como ecoariam essas mudanças sociais?

Torres (2001) parte de um estudo realizado em Portugal para tecer algumas considerações sobre a vida conjugal e a divisão de trabalho entre homens e mulheres.

A autora assinala que, quando o modelo ideal que se tinha era de uma mulher dedicada à casa e aos filhos, a participação, direta ou indireta, da mulher nas atividades econômicas tendia a ser obscurecida. Mas, diante da erosão do modelo ideal de domesticidade das mulheres, a mulher foi, pouco a pouco, se inserindo mais visivelmente no conjunto de atividades com relevância econômica.

Torres (2001) salienta que, mais do que simplesmente trabalhar, as mulheres casadas querem trabalhar fora-de-casa. Surpreendentemente, esse apreço pelo trabalho fora-de-casa não se apresenta somente quando se trata de um trabalho bem remunerado. O que a autora apresenta é que, embora o discurso de valorização do trabalho para os indivíduos associe autonomia, capacidade de decisão no contexto conjugal, reconhecimento de competências, fuga ao que é pressentido como fechamento doméstico e libertação, esses mesmos argumentos se apresentam quando o trabalho é muito pouco qualificado.

Estamos, portanto, diante de um novo ideal para as mulheres, com a imagem de uma mulher companheira do homem, igual em direitos e deveres.

É claro que essas mudanças relativas à situação das mulheres casadas foram conseqüência de uma conjunção de diferentes fatores, entre os quais pode-se mencionar: a transformação no domínio sócio-econômico; a mudança da lógica predominantemente agrícola para a industrial e desta para a era dos serviços com alta tecnologia, com a criação de postos de trabalho “adequados” para a mão de obra feminina; o aparecimento dos movimentos feministas nos anos de 1970, evidenciando o mal-estar de mulheres casadas resultante do confinamento ao espaço doméstico; o surgimento da pílula-anticoncepcional, com a conseqüente separação entre sexualidade e procriação; a transformação dos valores no campo da sexualidade, das relações afetivas e amorosas (Torres 2001).

Tudo isso convergiu para o surgimento de uma nova integração da mulher às atividades da família. Esta nova forma segue a mesma lógica, já citada, das relações familiares contemporâneas, a da conciliação do tradicional ao moderno. Isso, porque, conforme a autora, embora tenha sido grande o empenho, por parte das mulheres, em abarcar o trabalho pago, do lado inverso, os homens não mostraram iniciativa semelhante para colaborar na divisão do trabalho familiar.

Rocha-Coutinho (2003), em uma pesquisa realizada com mulheres executivas, obteve resultados que apontam justamente para tentativas de conciliação entre as demandas do cargo nas empresas em que trabalham e as necessidades afetivas familiares.

Conciliar os dois papéis – de trabalhadora e de “rainha do lar” – é possível por serem, ambos, apreendidos como importantes para a mulher. A maioria das mulheres entrevistadas nesta pesquisa, segundo Rocha-Coutinho (2003), atribuiu grande importância à maternidade, a um relacionamento afetivo estável, mas considerou a estabilidade emocional e a independência financeira como pré-requisitos para a constituição de uma família. Por isso, compreende-se a cobrança que a própria mulher faz de si mesma para conseguir conciliar carreira e família.

Uma outra mudança das mais marcantes que pode ser observada nas famílias hoje está relacionada com as relações de autoridade.

O exercício da autoridade, segundo Romanelli (1997) pressupõe uma hierarquia reconhecida como legítima pelos envolvidos. A obediência a uma autoridade, portanto, funda-se em experiências comuns e visa preservar as posições hierárquicas estabelecidas.

A família é, conforme o autor, um espaço organizado a partir de relações de autoridade. Ela pressupõe, portanto, uma ordem hierárquica.

Segundo o modelo hegemônico de família nuclear, a figura de autoridade concentrava-se na imagem do chefe de família, o pai, a autoridade masculina na casa. Ele era considerado adequado para organizar a vida dos filhos, num tempo em que predominava o interesse coletivo sobre as vontades individuais (Romanelli, 1997).

No entanto, as rápidas mudanças que atingem a família contemporânea tornam o saber do pai de família, que é constituído pela sua experiência de vida, insuficiente para dar conta das demandas que o mundo de hoje traz, pois o saber requerido hoje remonta a uma realidade que ninguém viveu ainda. Por isso, existe uma tendência a que as experiências dos adultos sejam consideradas pouco atrativas pelas gerações mais novas para lhes oferecer modelos e orientações sobre suas formas de sociabilidade (Romanelli, 1997).

Em decorrência disso, assistimos, segundo Romanelli (1997), à inversão das relações de autoridade, com os filhos transmitindo novos saberes e modelos de conduta aos pais. A autoridade do chefe de família pode não se legitimar, possibilitando questionamentos sobre a divisão dos papéis familiares.

Nesse contexto, abre-se espaço, na família, para a emergência e concretização de interesses individuais. A ação socializadora da família serve, de agora em diante, para fazer prevalecer o individualismo dos filhos ao invés de aspirações de caráter coletivo.

Considerando, conforme afirma Velho (2001) que, no Brasil, a vertente do individualismo é fortemente voltada para o consumo e o sucesso material, um outro sentido para o convívio familiar pode ser apreendido. Com projetos pessoais de enriquecimento e ascensão social, centrados em trajetórias individuais, as famílias e parentes podem ser, do ponto de vista dos filhos, companheiros nesse movimento em direção ao enriquecimento pessoal.

Essa visão pode ser complementada com as considerações de Vaitsman (1997), para quem o projeto, que constitui um dos referenciais do indivíduo e do individualismo, e, portanto, um dos eixos daquilo que seria uma visão de mundo moderna, criam ações empreendidas para manter os filhos na escola a fim de que se formem e tenham alguma profissão. Isso quer dizer que as relações familiares agora engendram e alimentam projetos que conduzem à realização pessoal principalmente por meio da profissão.

Vê-se, portanto, que o propósito das interações que se estabelecem dentro da família, bem como as próprias conversas que se tecem, vão se transformando.

De acordo com Wagner (2005), as idéias de como educar e cuidar dos filhos se constituem historicamente e, portanto, se transformam com a evolução das crenças e dos valores. Ela aponta que, na educação dos filhos, os métodos e as estratégias utilizadas têm mudado ao longo das gerações. Hoje os métodos tendem a ser menos coercitivos e autoritários, estrategicamente mais democráticos e cooperativos no que se refere à resolução dos conflitos entre pais e filhos.

Em um estudo desenvolvido pela autora, observou-se que a nova geração de progenitores considera a educação que receberam de seus pais autoritária e até castradora, fazendo críticas à rigidez dos pais. Ao lembrar de como foram criados e educados, muitos pais enfatizam o desapego e o afastamento emocional dos seus próprios pais como estratégia educativa. Fazem referência também às medidas educativas invasivas a que eram submetidos e entendem isso como falta de respeito dos pais para com os filhos.

Wagner (2005) também verificou que há empenho, por parte dos pais atuais, em não repetir as ações e práticas educativas a que foram submetidos quando eles próprios eram os filhos. Acredita-se que conversar é a melhor forma de educar. Por assumirem essa postura

com relação à educação dos filhos, eles se consideram melhores pais do que os pais que tiveram.

A autora ressalva que esses dados referem-se a uma população com acesso à informação e conhecimento de estudos sobre estratégias de educação dos filhos. Há intencionalidade dessa geração em exercer melhor e mais conscientemente a paternidade.

Essas reflexões nos conduzem a uma outra, relacionada à mudança das funções familiares, de que nos fala Passos (2005). A autora questiona se as funções do grupo familiar na contemporaneidade são semelhantes às daquelas das gerações de nossos pais e avós.

Segundo Passos (2005), há um descompasso entre as mudanças sociais e as mudanças subjetivas. Isso influi na forma como a família processa suas metamorfoses, já que ela medeia essas duas instâncias que, por natureza, se movimentam em velocidades distintas.

A autora identifica, como funções da família, o projeto de filiação e a função de maternagem. Ela analisa as mudanças nessas funções, considerando que as diferentes facetas sociais imprimem novos delineamentos à família e que, nem sempre, esses delineamentos estão sincronizados com as demandas de cada sujeito em relação a ela. Por isso, há disparidade entre o ritmo das mudanças sociais e o das mudanças subjetivas. Isso faz com que novos discursos, como, por exemplo, sobre a forma de educar os filhos, sejam percebidos como uma imposição externa aos pais e origine uma tensão entre o que é novo e o que se mantém com o tempo.

Wagner (2001) afirma que, em qualquer contexto, configuração ou estrutura familiar, a tarefa de educar os filhos é a mais importante função parental. Segundo a autora,

dentre os diversos métodos de educar, uma comunicação efetiva entre pais e filhos é bastante eficiente na prevenção de condutas inadequadas.

Analisando as diferentes formas de comunicação que os adolescentes estabelecem com as figuras parentais, Wagner (2001) constatou a introdução do elemento “diferenças de geração” nos padrões de diálogo dos jovens com seus pais. A autora afirma que os filhos, comumente, procuram ser estratégicos quando vão conversar com seus progenitores porque levam em consideração as dificuldades que seus pais têm em comunicar-se com eles em função da diferença de geração. Portanto, percebe-se, nesses estudos, que a diferença de geração é percebida pelos jovens como um dos fatores dificultadores das conversas entre pais e filhos, pois é interpretada por eles como um obstáculo para serem compreendidos pelos pais.

Wagner (2001) também observou alguns elementos considerados pelos jovens como facilitadores da comunicação nas famílias. A questão do sexo dos pais pode ser um deles, pois, em certos assuntos, é mais fácil para as filhas se abrirem com suas mães e para os filhos se abrirem com seus pais. Outro elemento facilitador das conversas pode ser o irmão mais velho, que já passou por situações pelas quais os mais novos não passaram ainda. Mas, o irmão mais velho também pode atrapalhar as conversas familiares porque, segundo os jovens, os pais tendem a ver os filhos de uma mesma forma e a tratá-los como se fossem iguais.

O cumprimento da tarefa de educar os filhos é um problema típico de hoje, pois, segundo Wagner (2003), a afirmação dos princípios de liberdade e igualdade colocou aos pais o desafio de reinventarem a forma de educar os filhos. Com o surgimento dos

diferentes arranjos familiares, aparece como uma questão comum para os pais “como, para que e para quem educar os filhos”.

Esse questionamento, segundo a autora, deixa os pais sem referências claras e objetivas sobre como agir com os filhos, tornando-os mais vulneráveis às idéias difundidas sobre as alternativas à educação tradicional que, convém ressaltar, são numerosas e variadas.

Este estado de vulnerabilidade em que se encontram os pais e mães é muito significativo para o entendimento das relações familiares na contemporaneidade, pois abala a autoridade que os pais, tradicionalmente, detêm na família.

Isso vai ao encontro dos questionamentos de Passos (2001) sobre os recursos que os pais têm, hoje, para acolherem e conterem a demanda dos filhos. Segundo a autora, dadas as circunstâncias contemporâneas, é problemático que pais e mães não ofereçam aos filhos modelos que permitam potencializar as transmissões das heranças ancestrais. Porque, se a transmissão se dá, sobretudo, em um processo de identificação no qual os elos, os laços, os vínculos se fazem, então essas transmissões, possivelmente, estão encontrando um lugar vazio.

Segundo Wagner (2003), hoje as relações familiares são mais igualitárias, diferentemente de antes, quando as relações de poder, historicamente, se estabeleciam de forma hierárquica, com o pai detendo a autoridade da última palavra, na maioria das vezes reforçado pela mãe. Atualmente, as diferenças de atitudes entre pai e mãe aparecem mais explicitamente aos olhos dos filhos e isso faz com que muitos pais percam autenticidade frente aos filhos.

Isso tudo, de acordo com a autora, é mais complicado quando se trata de famílias configuradas diferentemente do modelo clássico original, pois, nelas, aumenta o número de variáveis implicadas na tomada de atitudes educativas frente aos filhos. Nestas, diferentes personagens povoam o universo dos filhos – padrastos, madrastas, avô, avó – e diversificam o lugar de autoridade e poder. É o que ocorre, também com as famílias monoparentais, em que há a sobreposição de diversas funções numa mesma figura.

Assim, de acordo com Wagner (2003), frente a esse panorama dos tempos atuais, a educação dos filhos torna-se um importante tema de discussão. Uma estratégia educativa das mais utilizadas por pais e mães tem sido a improvisação, tentativas de ensaio e erro, precedidas de reflexões e enfrentamentos de suas próprias contradições.

Quando os filhos são jovens, a questão da educação se torna mais complicada ainda, pois cresce a tensão entre a necessidade de afirmação da liberdade e da autonomia juvenil e a heteronomia (imposição de valores parentais). Nessa fase, os pais assumem o desafio de produzir uma pessoa individualizada, possibilitando a aquisição gradativa de autonomia ao jovem, mas não deixam de estar comprometidos com a sua função educativa e de regular o jovem na liberdade que começa a ter.

Brandão (2004) analisa a questão da socialização adolescente e juvenil, do ganho de autonomia quando ainda são dependentes dos pais, apontando para a existência de tensão na interação entre pais e filhos, entre a afirmação da heteronomia e o respeito à autonomia juvenil. A autora toma o tema da sexualidade como objeto de análise para explicitar a difícil interação entre as gerações nos momentos de diálogo na família.

Atualmente, o modelo de relacionamento familiar está fundamentado nas premissas do diálogo, da negociação e da argumentação. Além disso, vive-se a imposição social de ser impossível, hoje, educar os filhos ignorando o tema da sexualidade.

Nesse contexto, no entanto, a autora assinala uma modalidade de convívio com os filhos diferente daquela que os pais tiveram quando eles eram os filhos a serem socializados. Assim, os pais têm o duplo desafio de compor o novo modelo de convívio com os filhos e, dentro dele, tratar do tema da sexualidade dos filhos.

Segundo Brandão (2004), entre a interdição da sexualidade dos filhos e a explícita aceitação da vida sexual destes, há possibilidade de diversas práticas, muitas vezes ambíguas. As diferentes posturas dos pais em relação à vida sexual dos filhos se devem, de acordo com a autora, à tensão entre a difusão de normas que erigem a individualização do jovem e a falta de modelos de educação e de sociabilidade entre as gerações.

Nos moldes tradicionais, a educação era marcada pela hierarquia entre adultos e não adultos e pela autoridade parental absoluta. Nesse contexto, a tensão autonomia-dependência não se apresentava, pois a autonomia era entendida como emancipação social e econômica e, portanto, só existia quando havia independência.

Nos moldes contemporâneos, é possível combinar dependência e autonomia, como Brandão (2004) argumenta. A autonomia do jovem aparece privilegiadamente quando ele inicia sua vida sexual. Com isso, começa a se descolar dos familiares e a reivindicar privacidade. Atualmente, os pais têm que lidar com isso, conjugando a dependência do filho à sua autonomia, o que, na opinião da autora, representa para os pais o aprendizado do respeito à autonomia do filho.

A tensão entre dependência familiar e autonomia dos jovens é tema tratado também por Ramos (2006), só que no contexto parisiense. Segundo a autora, é o paradoxo da família contemporânea ser um espaço de dependências, mas, ao mesmo tempo, favorecer a construção da autonomia e da identidade.

É importante sinalizar todas essas mudanças por que passam as famílias. A introdução de valores individualistas na família vem significando a transformação dos padrões de interação entre as pessoas e as diferentes gerações, principalmente com o surgimento de conflitos. Segundo Aizpúrua (2004), a noção de “lar” está se recriando, sem dúvida, às custas de muitas angústias, conflitos, tensões. Mas, por que não dizer também, às custas de muita criatividade?

Afinal, segundo essa autora, apesar de todos os questionamentos, não se pode ignorar o fato de que as pessoas ainda querem ter filhos, o que pode evidenciar a necessidade que têm de um vínculo elementar, duradouro e indissolúvel.

A novidade contemporânea é a dificuldade de saber como desempenhar os papéis e as funções familiares. A esse respeito, recaem todas as dúvidas, pois o que encontramos hoje é um campo amplo de possibilidades para a constituição daquilo que se entende como vida em família.

Um dos objetivos centrais nesta pesquisa é relacionar as mudanças nos padrões de interação dentro da família às transformações das relações intergeracionais. Por isso, falamos da introdução de novos valores dentro da família, da problemática da coexistência de valores contraditórios e da disparidade entre os ritmos das mudanças sociais e das mudanças subjetivas.

Tudo isso nos remete ao tema das relações intergeracionais frente às mudanças atuais, à vivência da contemporaneidade por contemporâneos e por “não contemporâneos”, conforme os termos usados por Mannheim (1967), que retrata, justamente, o problema das gerações. Essa questão será o tema do próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS NA CONTEMPORANEIDADE

Acreditamos que, lado a lado com as mudanças na família contemporânea vamos encontrar um rearranjo nas relações intergeracionais. Também as formas atuais de integração das gerações refletem o conjunto das mudanças sócio-culturais que vêm ocorrendo, no qual se pode identificar uma tendência ao esvaziamento das tradições e à descontinuidade de valores que tradicionalmente eram passados das gerações mais velhas para as gerações mais jovens. Com isso, observa-se uma transformação das relações de autoridade e o rompimento com uma concepção de família baseada no modelo de família hierárquica. As relações que se estabelecem na família hoje estão gerando interações mais igualitárias entre os indivíduos e, inclusive, entre as gerações. Tudo isso favorece o reposicionamento dos sujeitos na família. Tanto pais quanto filhos ou avós vivem, no momento atual, a possibilidade de encontrar suas próprias formas de viver os papéis dentro da família.

Nesse contexto, buscamos entender como os jovens se situam frente a essas questões. Objetivamos melhor compreender como essas mudanças são apreendidas por eles e que sentido a convivência em família e o contato com as outras gerações têm para eles.

Para situar essas questões, iniciaremos este capítulo apresentando o que Mannheim (1982) denominou “problema das gerações”, de modo a construir um quadro geral da problemática das relações intergeracionais na contemporaneidade.

Em seguida, através dos estudos desenvolvidos por Pais (1998) e Ferreira (1998), debateremos sobre a dinâmica intergeracional em face dos processos de transformação sócio-culturais, tentando situar o lugar que os jovens ocupam dentro deles.

Posteriormente, a noção de conflito será trabalhada, considerando-se que este é um elemento integrante das relações intergeracionais que se constituem hoje. Através desse conceito, trataremos da particularidade das relações intergeracionais da contemporaneidade, onde, ao mesmo tempo em que se afirma a existência de conflitos, estes se apresentam sem que haja confrontos explícitos. Nessa discussão, serão trazidas as idéias de autores como Barros (1987; 2003) e Semenzato (1977).

Dando prosseguimento, trazemos o debate sobre o que Szapiro (2004) chama de “mal-estar intergeracional”, justamente essa espécie de conflito que se coloca nas relações e que se caracteriza pela negação da diferença e da estrutura hierárquica das relações intergeracionais. Assim, questiona-se como podem ocorrer os processos de transmissão cultural que, calcados no valor da experiência dos mais velhos, passavam de geração a geração.

Moragas (2003) nos faz pensar também sobre esse tema, indicando que o respeito à experiência dos mais velhos vem sendo substituído pelo respeito ao conhecimento científico.

Nesse ponto, tomaremos outro sentido nessa discussão. Tentando ser um pouco mais críticas, atentaremos para as perdas individuais e sociais que essa re-articulação de valores que se dá na contemporaneidade podem gerar.

Tendo por base os trabalhos de Bosi (1987), Motta (2004) e Moragas (2003), pensaremos sobre as formas de inserção social dos idosos, apontando o quanto é

problemática, ainda que necessária, a constituição de uma sociabilidade intergeracional na contemporaneidade.

Diante desse panorama das relações intergeracionais na contemporaneidade, nos perguntamos como se exprime, nos discursos dos jovens, sujeitos contemporâneos por excelência, o vínculo com as gerações que os precedem, os “não-contemporâneos” da contemporaneidade.

3.1. Sobre as formas de integração das gerações na contemporaneidade

Para dar início à discussão sobre as formas de integração das gerações na contemporaneidade, tomamos como referência inicial o “problema das gerações” apresentado por Mannheim (1982), que aponta justamente para a imbricação entre os processos de renovação geracional e as transformações sócio-culturais.

De acordo com esse autor, o fato de se pertencer a uma determinada geração torna os indivíduos predispostos a pensarem e a experimentarem o mundo de um modo característico.

O pertencimento a uma geração funciona, portanto, como um posicionamento social, tal qual um posicionamento de classe. Ele reúne vários indivíduos e produz uma certa afinidade entre eles no que diz respeito a suas visões de mundo, suas experiências e suas formas de participação social.

Isso vai ao encontro das considerações de Pais (1998), para quem pertencer a uma geração não é ter a mesma idade ou ser mais ou menos jovem, mas, sim, possuir contemporaneidade de idéias, influências, saberes, filiações identitárias e valores.

Podemos observar que, assim como uma geração reúne alguns indivíduos, ela também produz distinções entre eles em relação àqueles que são de outras gerações. Essas distinções são mais marcantes, segundo Mannheim (1982), quando se trata de um contexto de aceleradas mudanças sócio-culturais porque, quanto maior o fluxo das mudanças sociais, maior é a discrepância entre as experiências de cada geração. Conseqüentemente, maior é a acentuação das diferenças intergeracionais.

A propósito da aceleração das mudanças econômicas, tecnológicas, sociais e culturais, o autor afirma que se exacerbam as experiências individuais de “contato fresco”. Conforme foi visto no Capítulo 1, com esse conceito o autor assinala o olhar descontaminado dos jovens sobre a cultura estabelecida e a atitude de distanciamento que essas gerações têm com relação ao modo de vida dos mais velhos, às suas formas de ver o mundo, aos valores que compartilham, enfim, a todo o patrimônio cultural dos seus antecessores. Esse posicionamento mais distante dos jovens situa-os, de modo privilegiado, em condições de romper com padrões sociais estabelecidos e de se deixar influenciar por novas referências.

Aplicando o conceito de contato fresco ao mundo contemporâneo, cujo contexto caracteriza-se por rápidas e intensas mudanças sócio-culturais, a tendência ao distanciamento dos jovens das referências que as gerações mais velhas apreendem para si é bastante compreensível. É também inteligível como as profundas mudanças da contemporaneidade vêm legitimando formas de integração das gerações menos calcadas na continuidade de valores e na tradição.

As diferentes atitudes que os indivíduos de gerações distintas têm perante a sociedade é uma conseqüência disso tudo. A esse respeito, é bastante oportuno o estudo de

Ferreira (1998), realizado em Portugal. O autor parte do pressuposto de que os indivíduos constroem as suas representações e orientam as suas atitudes em face de determinadas realidades, não de forma abstrata, mas, antes, a partir do meio social que os envolve, tendo por referência a realidade que lhe está mais próxima, nomeadamente a realidade social. Ele enfatiza que, não por acaso, os jovens comumente são os promotores de rupturas ou de discontinuidades nos processos culturais. Isso se dá, segundo este autor, porque os contextos de socialização dos jovens costumam ser diferentes do contexto em que as gerações anteriores se formaram. Em se tratando de jovens atuais, essas diferenças são mais substanciais ainda.

Em decorrência disso, Ferreira (1998) afirma que o pólo geracional tem adquirido uma expressão significativa enquanto núcleo estruturante de fronteiras simbólicas no espaço social. Os jovens de hoje, segundo o autor, se reconhecem e são largamente reconhecidos como a verdadeira geração. As expressões juvenis acabam funcionando como signos juvenis de tal forma que, entre todos os jovens, prevalece a afirmação de uma identidade singular e coletiva.

Isso parece ficar muito claro mediante os dados obtidos no estudo de Ferreira (1998). O autor constatou que os jovens compartilham um relativo sentimento de ruptura entre os sistemas de valores adotados pelos jovens de hoje e o sistema de valores das gerações que os precederam.

Diferenciando-se das outras gerações, os jovens participam dos processos de transformação sócio-culturais de maneira privilegiada. Segundo Ferreira (1998), muitas das diferenciações intergeracionais destacadas pelos jovens podem adquirir um caráter de

durabilidade no tempo, cristalizando-se como potenciais valores dominantes na sociedade num futuro próximo.

Pais (1998) também compartilha com Ferreira (1998) a idéia da importância dos jovens para as mudanças da sociedade. O autor ressalta que, no processo de “renovação das gerações”, comumente são as gerações mais jovens que se constituem como vanguarda das mudanças, sendo, inclusive, criticadas pelas gerações mais velhas. Só que o autor reitera que, como os jovens não são eternamente jovens, os valores “juvenis” que esses jovens abraçam quando estão em “trânsito etário” podem escapar quando chegam à idade adulta. Ou seja, nem sempre as mudanças sociais seguem o ritmo intempestuoso das reivindicações da juventude (Pais, 1998).

Para Pais (1998), a dinâmica das gerações é uma dinâmica histórica. Por meio dela, ocorre a transformação cultural das sociedades. Contudo, o processo de mudança que é empreendido pelas gerações segue um fluxo tenso porque nelas co-existem diferentes valores e padrões sociais. Isso faz com que, ao mesmo tempo em que se viabiliza as transformações sócio-culturais, se evita que as mudanças ocorram de forma abrupta.

Outro aspecto importante a ser considerado sobre as relações intergeracionais em contextos de transformação, segundo Pais (1998), é que elas apresentam fluxos recíprocos de socialização que podem ser mais ou menos tensos, à medida que diferentes gerações tenham perspectivas, expectativas ou representações mais ou menos distintas sobre a sociedade.

O autor subdivide as culturas nas seguintes categorias: post-figurativa, isto é, em que há prevalência das tradições e costumes e de um sentimento de continuidade etária;

cultura configurativa, marcada pela descontinuidade intergeracional; e pré-figurativa, em que os jovens tornam-se os agentes socializadores das gerações mais velhas.

Pais (1998) afirma que, na sociedade contemporânea, o modelo que prevalece corresponde ao da cultura pré-figurativa e que, nela, as descontinuidades intergeracionais só não se acentuam caso as gerações mais velhas se mostrem relativamente permeáveis e não ofereçam resistências às mudanças lideradas pelos mais jovens.

Hoje, considera-se que as novas gerações sejam, não só portadoras de valores diferentes dos partilhados pelas gerações mais velhas, mas, mais do que isso, que elas venham se constituindo um importante quadro de referência para as gerações mais velhas, possibilitando uma certa horizontalidade intergeracional de valores. É, conforme Pais (1998), como se os processos de socialização tivessem sofrido uma inversão de sentido.

Deste modo, assinala-se, portanto, que a novidade, hoje, não é o fato de que os jovens compartilham valores juvenis. Isso, segundo o autor, tem ocorrido em qualquer contexto. O que há de novo na atualidade é a capacidade que os jovens têm de influenciar o mundo dos adultos e a permeabilidade das gerações mais velhas a essas influências (Pais, 1998).

Segundo esse raciocínio, existe uma tendência a que jovens e pessoas das gerações mais velhas cheguem aos mesmos valores. Pais (1998) assinala a complexidade do processo de homogeneização dos valores nas diferentes gerações, afirmando que valores como o individualismo ou a solidariedade são apreendidos por jovens e velhos de formas um tanto distintas. Com relação aos jovens, o individualismo leva ao expressionismo. Para os mais velhos, ao materialismo. A solidariedade, para os jovens, é mais convivial, enquanto que para os mais velhos é mais moral.

Com o mesmo propósito, Ferreira (1998) desenvolve um estudo sobre as distintas formas que as gerações mais jovens e mais velhas têm de se apropriar do sentido de responsabilidade. Nos dados obtidos neste estudo, o autor constata que a forma como os indivíduos com mais de 35 anos falam da diminuição da responsabilidade dos jovens de hoje é diferente da forma como os próprios jovens se dizem menos responsáveis. O autor conclui que o que se assiste hoje não é a uma diminuição do valor atribuído pelos jovens a essa dimensão, como os mais velhos supõem, mas a uma renovação nos modos de valorizá-la, o que se traduz por novas atitudes face ao dinheiro, ao trabalho e à educação, assim como à reorganização dos lugares que lhes são atribuídos na matriz das prioridades de vida. Assim, essa dimensão da responsabilidade, do trabalho, entre outras, vem perdendo, com o tempo, a natureza de obrigatoriedade de que era revestida, outrora, readquirindo conteúdos de caráter mais expressivo, associados à realização pessoal e social.

Apesar das sutilezas envolvidas no processo de homogeneização dos valores entre as diferentes gerações, Pais (1998) defende a existência de uma disposição para a igualdade de valores entre elas e afirma que, por isso, as relações intergeracionais hoje são mais pacíficas. Isto é, os conflitos intergeracionais nem sempre decorrem do choque exacerbado de valores díspares.

De posse disso, o autor aponta algumas razões para o fato das famílias tradicionais, hiper-estruturadas, estarem dando lugar a famílias estruturalmente mais flexíveis. Passamos de um modelo autoritário a um modelo democrático de família, onde as relações entre pais e filhos se encontram mais desreguladas e os jovens, supostamente, “sabem mais” do que seus pais (pelo menos, em alguns domínios).

A concepção de conflitos intergeracionais é muito apropriada para capturarmos o espírito das relações intergeracionais hoje. Ela traduz a co-existência de valores tradicionais e modernos no movimento de reciprocidade e fluidez cultural que ocorre entre as gerações e, ao mesmo tempo, possibilita-nos compreender que tipo de integração se estabelece entre o velho e o novo na sociedade.

É o que Barros (1987; 2003) vem observando nas famílias. Segundo ela, o fato de diferentes gerações estarem vivendo na contemporaneidade não elimina as especificidades das visões de cada uma delas. As mudanças históricas e culturais numa sociedade são experimentadas, ao mesmo tempo, por pessoas de diferentes gerações, como, por exemplo, pelos avós, seus filhos e seus netos. Contudo, por serem diferentes seus posicionamentos geracionais, cada um deles interpretará e se influenciará por essas mudanças de forma distinta.

O ato de se deixarem influenciar pelos novos padrões culturais, segundo Barros (2003), pode gerar conflitos.

Por um lado, isso pode originar conflitos internos. É o caso, por exemplo, das gerações mais velhas diante dos novos valores advindos de mudanças históricas e culturais, que têm suas visões de mundo penetráveis às novas influências e, com isso, podem sentir-se confusos sobre como devem pensar e agir (Barros, 2003).

Por outro lado, isso pode gerar conflitos intergeracionais porque, na relação cotidiana de troca de experiências entre as gerações dentro das famílias, há trocas em direções opostas. Podemos apresentar, como exemplo desses conflitos, as críticas de avós sobre o modo como suas filhas criam seus netos (Barros, 2003).

A existência de conflitos, seja o conflito interno ou o conflito intergeracional, não deve, segundo Semenzato (1977), ser tomado em termos negativos ou patológicos, pois eles sinalizam o surgimento de um novo mundo. São as estruturas sociais e as representações simbólicas que definem os papéis de uma geração face à outra. Por isso, somente por meio de uma revisão das bases ideológicas e dos padrões de relações sociais e econômicas podemos compreender o significado dos profundos conflitos entre as gerações no mundo contemporâneo.

Como foi apontado anteriormente, uma das formas de se compreender a natureza desses conflitos é atentar para a pacificidade das relações intergeracionais. Contudo, Szapiro (2004) nos apresenta algumas pistas interessantes para melhor entendermos essa questão. Segundo ela, na contemporaneidade funda-se um mal-estar intergeracional que não se deve ao enfrentamento entre as gerações, mas, antes, à negação da configuração hierárquica da família. Bastante marcados pela influência da ideologia igualitária das sociedades modernas, os conflitos de hoje tendem a dissolver a estrutura hierárquica da família. Isso faz com que a questão intergeracional seja posta, atualmente, em termos radicalmente diferentes do que ocorria em outros contextos históricos. Assiste-se hoje ao não-reconhecimento, ou mesmo ao estranhamento, por parte dos mais jovens, do saber que as outras gerações, mais velhas, poderiam transmitir-lhes como herança cultural. Isso nos remete à influência do igualitarismo nas relações entre as gerações.

Szapiro (2004) ressalta que o lugar que cada geração ocupa nos processos de transmissão cultural é determinado por relações de poder subjacentes. Se considerarmos que são os mais velhos que detêm o saber a respeito da cultura e que cabe a eles transmiti-lo aos mais novos, então a transmissão é uma tarefa que cabe aos mais velhos. No entanto,

na medida em que as idéias sobre o exercício da igualdade nas sociedades modernas democráticas e a maximização da liberdade como valor maior vêm sendo incorporadas às relações, pergunta a autora: Que transmissão é possível?

Nessas condições, falta, de acordo com Szapiro (2004), a base simbólica para que a transmissão possa ocorrer. Com o valor da igualdade, parece que não há mais o que trocar porque, dele, surge uma aversão à diferença, que é interpretada como desigualdade e injustiça.

Levando essa questão ao seu extremo, a autora pondera que, se a idéia de liberdade se torna um fim em si mesmo, constrói-se uma idéia de sujeito desgarrado de referências simbólicas, o que seria insustentável, pois conceber alguém como auto-fundado, causa de si mesmo, seria negar a dimensão histórica dos processos pelos quais se dá a constituição da subjetividade (Szapiro, 2004).

Também Moragas (2003) faz referência a esta falta de suporte para os processos de transmissão nas sociedades contemporâneas. Segundo ele, na vida prática, o conhecimento não se apóia mais na experiência, mas, sim, na ciência. Com isso, a experiência vem perdendo seu valor e o progresso se fundamenta, cada vez mais, na idéia de uma educação universal, de difusão dos conhecimentos e inovação.

Diante disso, o respeito aos mais velhos e a suas vivências, que antes era um valor social fundamental, é substituído pelo respeito à ciência, à técnica e ao progresso para as “massas”, que, vale a pena enfatizar, têm como líderes pessoas jovens.

Assim, podemos verificar que o fortalecimento de valores individualistas e igualitários na sociedade favorece a rearticulação das relações intergeracionais de modo que as gerações mais velhas recuem do seu lugar de autoridade e prestígio social para um

outro, ainda desconhecido, de onde espera-se que não interfiram na vida dos jovens. Nessa proposta de interação entre as gerações, colocam-se impedimentos às transmissões culturais que ocorriam tradicionalmente dos avós para os pais, para os netos ou, em menor proporção, dos pais para os filhos. Se isso será bom ou ruim para os indivíduos e a sociedade, é um caso a ser pensado.

Encontramos nos trabalhos de Bosi (1987) uma boa medida da importância da interação entre as gerações para os processos culturais. Segundo esta autora,

É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas idéias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato da entrada em nossas vidas. Elas foram formuladas por outrem, e nós, simplesmente, as incorporamos ao nosso cabedal (Bosi, 1987, p.331).

Desta forma, a autora aponta o quanto os laços são importantes para o desenvolvimento de uma memória coletiva. Ainda mais que uma memória coletiva, social, só se produz através das memórias individuais, pois é o indivíduo quem recorda. Portanto, tudo o que se sabe em uma sociedade é resultado de um processo de construção do patrimônio cultural e da memória social, que se inicia com as lembranças individuais.

Bosi (1987) afirma que cada geração tem a memória de um tempo de acontecimentos. Por isso, nas palavras da autora, “quando morrem as vozes dos avós, sua época nos aparece como um caminho apagado na distância. Perdemos os guias que o

percorreram e saberiam conduzir-nos em suas bifurcações e atalhos” (p.342). Para ela, o ancião, justamente porque tem um vínculo com outra época, desempenha uma função social importante, para a qual está maduro: “a religiosa função de unir o começo ao fim” (p.40). Assim, o retraimento do velho do seu lugar na sociedade pode ser considerada uma perda para todos.

Diante disso, é lamentável que, atualmente, a inserção dos idosos na rede de convívio social se dê, grande parte das vezes, de maneira tão pouco espontânea. Analisando-se as possibilidades de sociabilidade dos idosos na contemporaneidade, Motta (2004) aponta que, na modernidade ocidental, individualista, estruturalmente fragmentada em múltiplas esferas de ação, há uma ênfase crescente na vida pequeno-grupal, em relações que se estabelecem espontaneamente, em geral, nos espaços mais tradicionais, como a família, a igreja, a escola, entre outros. Mas também há um outro tipo de sociabilidade dirigida e substitutiva da espontânea, os chamados grupos de convivência, onde as pessoas não se escolhem por afinidade.

Os grupos de idosos constituem, hoje, segundo a autora, o principal espaço de convívio social dos velhos e podem ser enquadrados nessa segunda modalidade da sociabilidade, comumente freqüentados apenas por pessoas da sua geração. Claro que, nesses grupos, há a construção de novas e positivas identidades coletivas, de ordem geracional. Mas é interessante refletir por que, no contexto atual, os idosos têm tantas dificuldades de construir suas relações no outro tipo de sociabilidade apontado.

Segundo Motta (2004), a existência desses grupos demonstra a carência de espaço no mundo social para um segmento etário que vem perdendo seu lugar. Nesses locais de

encontro, ensaia-se a construção de algum outro lugar, onde se possa reformular, coletivamente, os padrões tradicionais de envelhecimento.

Motta (2004) defende a idéia de que é fundamental que as diferentes gerações convivam entre si. Mas, ressalva que essa sociabilidade só poderá se constituir se a pertença social dos mais velhos estiver fundamentada. Para a autora, deveria ser meta para o futuro de toda sociedade o convívio e a solidariedade entre as gerações.

Esta é, também, a opinião de Moragas (2003). Ela acentua que essas são relações benéficas tanto para os jovens quanto para as pessoas idosas. Para os jovens, porque o contato com o velho lhes transmite a perspectiva histórica de que carecem e que constituirá uma ancoragem futura para sentirem-se pertencentes a uma estirpe, uma comunidade, pátria e cultura, numa sociedade que passa por mudanças contínuas. Para a pessoa idosa, porque o convívio com a juventude lhe permite contribuir para a construção do futuro em que seus filhos, netos, bisnetos, etc, viverão, como sujeitos de importância reconhecida.

3.2. Os jovens e as relações intergeracionais contemporâneas

Por fim, resta conhecer o ponto de vista dos jovens sobre as relações intergeracionais.

Tudo o que foi dito até o momento apresenta como panorama geral das relações intergeracionais na contemporaneidade um cenário marcado pelo difícil reconhecimento dos mais velhos pelos mais jovens e, conseqüentemente, pela problematização dos processos de transmissão cultural que tradicionalmente se fazia daqueles com mais vivência para aqueles com menos vivência.

Se isso tudo fosse uma engrenagem simples, possivelmente encontraríamos nos discursos dos jovens um silêncio quanto à importância que atribuem ao convívio com os mais velhos.

Contudo, ainda que alguns estudos constatem que a relação entre jovens e velhos seja marcada pelas diferenças intergeracional (ver Minayo, 1999; Castro, 1998), ainda não encontramos nada que afirme que a família deixou de ser importante para os jovens. No máximo, podemos observar indicadores de novos sentidos para as relações familiares.

A respeito das relações intergeracionais, podemos tirar conclusões semelhantes. Não parece que as mudanças nas formas de interação entre as diferentes gerações vêm apontando para a desconsideração, por parte dos mais jovens, da importância das trocas afetivas e culturais que se dão no convívio com as outras gerações. Sobre isso, é muito oportuna a pesquisa de Dias e Silva (2001) sobre a percepção de adolescentes sobre os avós e seus relacionamentos com eles. As autoras obtiveram alguns indicadores da forma como os jovens se relacionam com seus avós.

Com relação ao significado dos avós, as autoras obtiveram como resultado que os avós podem desempenhar, junto aos netos, os papéis de historiador, mentor, exemplo, figuras de apoio e nutrição, de contato com o envelhecimento e a morte. Eles podem fornecer ajuda financeira e afirmarem-se como figuras importantes na socialização, transmissão de valores, nas esferas emocionais, atitudinais, cognitivas e sociais.

Foi um importante dado obtido o fato de que os netos mais velhos valorizam muito as características de personalidade do avô e a mutualidade no relacionamento, mais do que os netos mais novos.

Os avós ideais para os netos foram descritos como amorosos, disponíveis, amigos, compreensivos, comunicativos, ativos, engraçados e espertos. Por essa razão, os avós apontados como preferidos costumam ser aqueles que apresentam alguns desses atributos.

Além disso, Dias e Silva (2001) advertem que as dificuldades no relacionamento com os avós podem vir de variáveis como a distância geográfica, dificuldades dos pais para lidar com os avós, problemas de saúde, trabalho ou da personalidade dos avós.

Diante disso, acreditamos que o mais provável é encontrarmos, nos discursos dos jovens, não os sinais da desarticulação das gerações, mas, antes, as formas contemporâneas legítimas de construção dos laços intergeracionais, repletas das ambigüidades que povoam o mundo das relações, de maneira geral.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DO DISCURSO DE JOVENS

4.1- A escolha do método

Partimos da concepção de que nenhum discurso é novo. Todo enunciado do sujeito é composto por enunciados por ele ouvidos ou lidos em algum momento de sua vida. Logo, nenhum discurso cria-se por si mesmo. É o que alguns autores denominam intertextualidade (sobre isso, ver Fairclough, 2001; Pinto, 1999).

Nesta visão de mundo, os homens são inabalavelmente ligados entre si pela história de suas sociedades e de seus grupos. Assim, é pela sucessão geracional, numa relação temporal de continuidade, que um processo de transmissão, em grande parte, se constitui (Szapiro, 2004).

Rocha-Coutinho (1994) aponta que uma fala é sempre construída a partir de um discurso social e tem como objetivo atender e se adequar às necessidades de uma sociedade num momento histórico específico. Portanto, o contexto social legitima o discurso, que, por sua vez, constrói uma realidade.

Em nosso trabalho, realizamos uma análise de discurso de textos resultantes de entrevistas realizadas com jovens sobre as relações familiares, como forma de melhor compreendermos as relações intergeracionais na família, na contemporaneidade. Consideramos, então, que em suas falas pode-se ver como se dá a integração entre as gerações, não apenas em suas formas pessoais, isto é, próprias de cada um dos nossos entrevistados, como também as formas como o grupo a que pertencem as vêem. Isto

porque, como todo texto é um mosaico de textos já ouvidos, através do discurso individual pode-se chegar ao discurso social.

4.2 – Procedimentos Metodológicos

Foram realizadas seis entrevistas com jovens (três garotos e três garotas) com idades entre 15 e 20 anos, pertencentes aos estratos sociais mais privilegiados, que moram com a sua família em bairros da zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

Trabalhamos com segmentos economicamente favorecidos para abordarmos uma realidade sócio-cultural em que o fácil acesso aos meios de comunicação e aos bens de consumo propiciam o convívio com um universo cultural diversificado e antenado com os novos discursos sociais. A zona sul do Rio de Janeiro comporta um intenso fluxo de pessoas de diversas regiões do mundo e, por isso, oferece aos cariocas a possibilidade de criarem um estilo de vida fortemente influenciado por esses intercâmbios culturais. Esse é um aspecto relevante para o tema que nos propusemos a estudar.

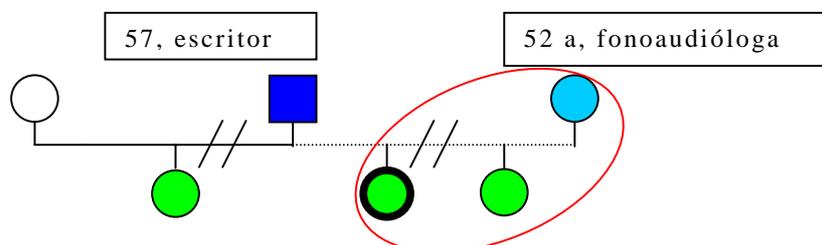
Os nossos informantes foram convidados a participar da pesquisa por indicação de terceiros ou dos próprios entrevistados e não eram conhecidos da pesquisadora.

As entrevistas se basearam em um roteiro (ver anexo) previamente elaborado. A partir dele, foram realizadas duas entrevistas-piloto que foram descartadas em nossa análise. Nosso objetivo aqui foi testar o roteiro por nós construído. Somente após esse procedimento partimos para a pesquisa de campo propriamente dita.

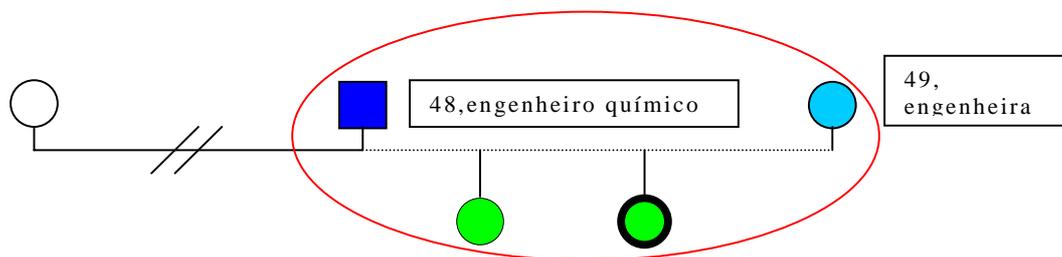
Todas as entrevistas foram realizadas nas casas dos entrevistados e tiveram duração média de 50 minutos. Elas foram gravadas em fita-cassete e transcritas na sua íntegra, os textos resultantes foram, então, submetidos a uma análise de discurso.

4.3 – Caracterização dos Jovens Informantes

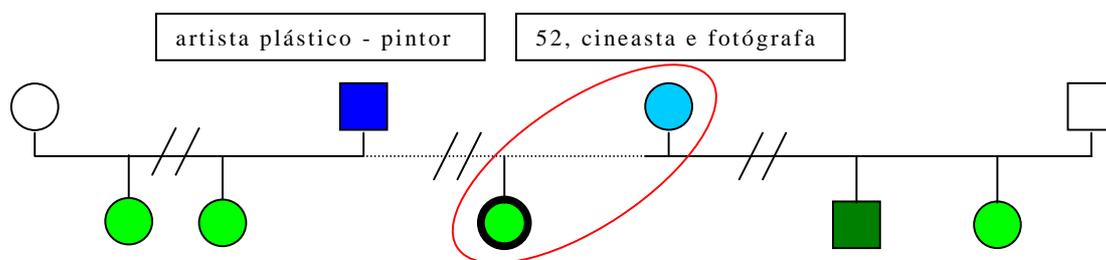
M.1 – garota de 19 anos, mora na Lagoa, estudou na Escola Britânica, tem o 2º grau completo, é aluna da PUC. Seu pai é escritor e tem 57 anos. Sua mãe é fonoaudióloga e tem 52 anos. Eles viveram juntos durante muitos anos, mas hoje estão separados. Tiveram duas filhas, sendo uma delas a depoente. Seu pai foi casado com outra mulher antes e com ela teve uma filha, com a qual a jovem convive bem. Atualmente **M.1** mora com sua mãe e com a irmã mais nova.



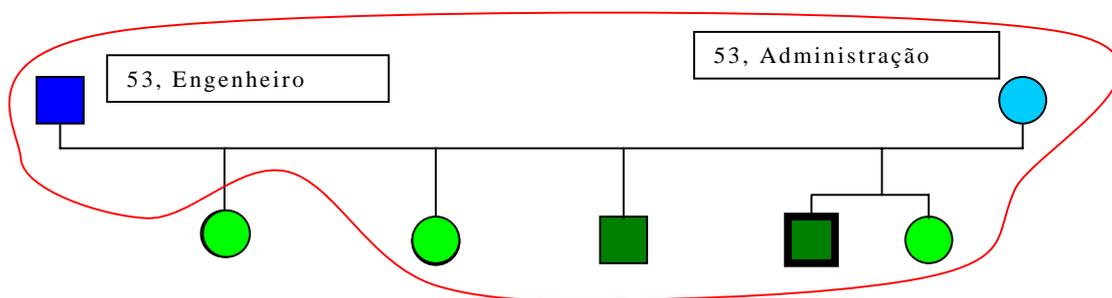
M.2 – garota de 16 anos, mora em Laranjeiras, estuda no CEAT, cursa o 2º ano Colegial. Seu pai é engenheiro químico e tem 48 anos. Sua mãe é engenheira civil e tem 49 anos. Seu pai é divorciado do seu primeiro casamento e vive há muitos anos com sua mãe. **M.2** tem uma irmã, filha dos seus pais. Moram todos juntos.



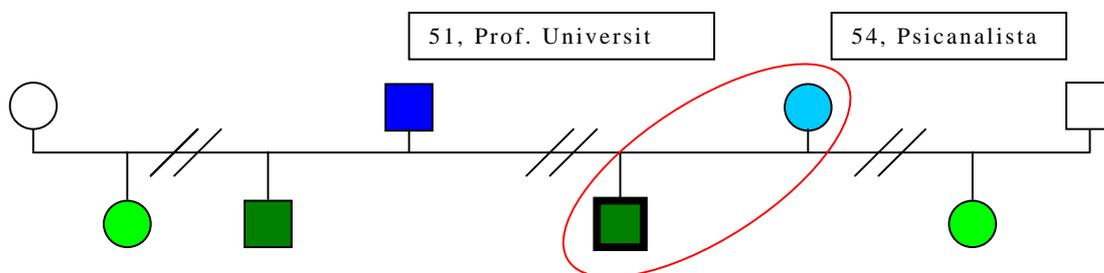
M.3 – garota de 15 anos, mora no Leme, estuda no CEAT, cursa o 1º ano Colegial. É filha de um artista plástico, do qual não sabe a idade ao certo, e de uma cineasta e fotógrafa de 52 anos. Ambos já tinham sido casados anteriormente. Tiveram, cada um, dois filhos nas suas relações anteriores. **M.3** é a única filha da relação de seus pais. Seus pais tiveram uma relação estável durante um tempo, mas não chegaram a se casar oficialmente. Hoje eles não vivem juntos mais. **M.3** morou durante um tempo com sua mãe e os irmãos por parte de mãe, mas hoje mora só com ela.



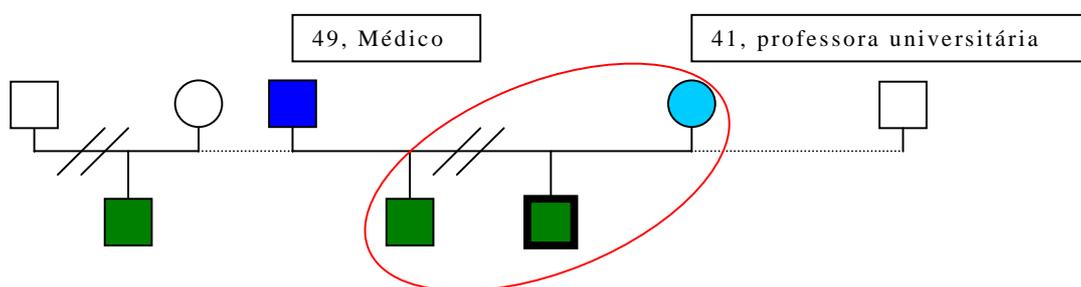
H.1 – garoto de 18 anos, mora no Leblon, faz cursinho no PH, tem o 2º grau completo. Seu pai é engenheiro e tem 53 anos. Sua mãe é administradora. Eles são casados oficialmente e não tiveram outras relações conjugais anteriormente. **H.1** nasceu da 4ª gestação de sua mãe e tem uma irmã gêmea. Atualmente moram todos juntos, menos a irmã mais velha, que já é casada em tem uma filha.



H.2 – garoto de 18 anos, mora no Leblon, faz cursinho no PH, tem 2º grau completo. Seu pai é professor universitário e tem 51 anos. Sua mãe é psicanalista e tem 54 anos. Antes de se casarem, seus pais eram divorciados de seus primeiros casamentos. Seu pai já tinha um filho e uma filha e sua mãe já tinha uma filha. Hoje seus pais são divorciados e **H.2** é o único filho desta relação. Atualmente, o jovem mora com sua mãe.



H.3 – garoto de 15 anos, mora na Urca, estuda no CEAT, cursa o 1º ano Colegial. É filho de um médico de 49 anos e de uma professora universitária de 41 anos. Seus pais são divorciados e ele tem um irmão. Atualmente seus pais têm namorados. A namorada do seu pai tem um filho do seu primeiro casamento, com quem **H.3** e seu irmão convivem como se fossem todos irmãos. **H.3** mora com sua mãe e seu irmão.



Legenda:

- mãe
- pai
- irmã
- irmão
- ■ jovem entrevistado
- ┌───┐ casados
- ┌───┐ separados
- ┌───┐ amigados
- ┌──┐ irmãos gêmeos
- quem mora com o jovem

4.4 – Análise do Discurso

O discurso produzido pelos jovens foi analisado a partir de três categorias: 1) Ser jovem hoje; 2) Visão de família; 3) Relações intergeracionais.

1ª Categoria: SER JOVEM HOJE

Nesta categoria englobamos tudo o que os entrevistados disseram sobre o que é ser jovem atualmente, e ela foi dividida nas seguintes subcategorias: 1) Como é ser jovem hoje; 2) Preocupações e dificuldades do jovem hoje; 3) O que gostam de fazer; e 4) As relações de amizade.

- Como é ser jovem hoje

De uma forma geral, os entrevistados definem a juventude como um momento bom, marcado pelo desejo de conhecer a vida e pela possibilidade de experimentar coisas novas, como se pode ver nas falas abaixo:

os jovens têm muita vontade de viver as coisas (...) Eu acho que ser jovem hoje em dia é você estar se desligando dos laços que te unem aos seus pais e começar a conhecer o mundo mesmo, descobrir novas coisas e estar vivendo as novas coisas. (...) Você se dá conta daquilo que você quer, do que tem pela frente. (...) é você descobrir o que você deseja para os próximos anos...
(M.3).

eu acho uma delícia. Acho que é uma geração mais saudável, tem muito mais informação de muita coisa que os jovens passados descobriram, de saúde, de política, de muita coisa... (M.1).

é minha idade de curtir ao máximo... acho que é um tempo de viver tudo muito. Eu acho muito bom. Como você não viveu tanta coisa assim, ta começando a viver (M.2).

Juntamente com essa visão, contudo, surge menção ao fato de que este é um momento complicado, cheio de dúvidas, em que eles têm que tomar decisões e ganhar responsabilidades.

me traz muitas dúvidas sobre... sobre tudo (...) é bem complicado porque é um momento também que é muito social, você vai querer sempre sair, sempre ir a um lugar, sempre procurar coisas novas, experiências novas... A gente quer ser ilimitável, mas a gente tem sempre o limite, né, que é imposto pelos pais. E a gente questiona tudo... eu acho, o jovem ta naquela transição de ser um adulto. Só que, porém, tem toda a questão dos pais te manterem. Ele quer independência, ele quer viver sua própria vida, fazer seus próprios erros... (H.3).

é meio complicado... você fica sem saber o que vai fazer, meio indeciso... (H.1).

Complicado... você começa a ter responsabilidades... Tem suas vantagens e suas desvantagens... a individualidade (tema marcante para o jovem), é você correr atrás das coisas que você quer, não é da que os outros querem, das coisas que você sonha, das coisas que você almeja, das que você acha que

são certas, entendeu?... você vai fazer suas escolhas, não são seus pais que vão fazer pra você, não é seus amigos que vão fazer, não são seus professores que vão fazer pra você. É você. Você é o responsável por tudo. A individualidade... porque se você vai fazer suas escolhas, não interessa elas quais sejam (**H.2**).

Cabe observar aqui, como se pode ver nas falas acima, que as meninas, de um modo geral, atribuem um valor positivo à experiência da juventude, diferentemente dos meninos, que consideram que esse momento traz preocupações e demanda responsabilidade.

Três entrevistados consideram que a violência urbana e o tráfico de drogas estão presentes na vida dos jovens de hoje, dificultando a sua tão almejada condição de liberdade:

Hoje em dia as pessoas da minha faixa etária são assoladas com problemas, assim. Tipo... hoje em dia é poder paralelo. Hoje em dia a gente tá descendo ali, tanto nós quanto eles, mas a gente, por a gente estar sendo o público alvo desse tipo de coisa, com relação à droga, a gente tá exposto (**H.2**).

é difícil por causa da violência... não tem liberdade. Tem que ter horário. Tem que ter regras (**M.3**).

é difícil no Brasil porque tem essa coisa toda da violência... Tem essa coisa da violência, não tem liberdade (**H.3**).

A fase da juventude foi apontada por alguns informantes como um momento de reflexão e questionamentos, como se pode observar na fala de **H.3**, a seguir:

Acho que a juventude é uma época de questionamento sobre tudo. Por isso que muitos dos movimentos que revolucionaram foram de jovens. Porque é uma época de reflexão sobre a vida, eu acho... é o primeiro momento que você tem lucidez e que está vendo, porque você acabou de sair do momento infantil, de criança, e aí você está... meio que na transição pra se tornar o que você vai se tornar (**H.3**).

Contudo, muitos informantes se queixaram da falta de ideais dos jovens de hoje, inclusive o próprio **H.3**, como se pode ver nas falas que se seguem:

É banal. As pessoas ficam em casa vendo televisão, na internet. Só pensam em consumir ... é muito banal a vida dos jovens hoje. Ninguém precisa ter um ideal. Ninguém precisa lutar por alguma coisa (**H.3**).

a gente tá no meio da história, não sei. A gente não tem nada a almejar. A gente não luta por nenhum direito, assim. Não vai demonstrar nada nas ruas. Poucas coisas... Eu acho que é uma geração não muito politizada e eu tenho muito medo da futilidade, também, que tá demais (**M.1**).

eu acho que os jovens eram muito mais... tinha muito mais ideal. Uma luta. Uma coisa pra buscar. Acho que hoje em dia não tem... Sei lá, acho que os jovens hoje em dia não têm vontade de mudar aquilo com que se sentem incomodados. (...) Acho que as pessoas ficaram muito conformadas com a situação. Acho que somos muito influenciados pela mídia, mesmo. E acabamos ficando confortáveis. Não temos um grande líder que, sabe? Que forme uma opinião, uma busca pelos ideais. Hoje em dia tá tudo decidido (**M.3**).

Muitos informantes referiram-se à influência da mídia nessa geração:

o que eu vivo, assim, a juventude de hoje em dia tá muito ligada à moda, à mídia, mesmo... os jovens estão muito ligados à indústria da televisão... fica muito influenciado pelo padrão, assim... eu tento às vezes fugir desse padrão (M.3).

Tem uma coisa com a imagem, como se a pessoa não é bonita, você não vai conversar. Sabe? Umás coisas que não tem nada... acho que são valores de agora... tá um pouco exagerado. Essa coisa de celebridade, também (M.1).

A diversidade cultural dos grupos de jovens hoje, fator que dificulta o processo de identificação, também foi apontada por nossos entrevistados:

acho que é uma geração que tem muitos grupos, muitos grupinhos separadinhos. Quem veste preto vai pra um lado. Quem... isso eu não gosto. Mas também eu falo com todo mundo. Não tem essa (M.1).

acho que é muito difícil analisar (o que é ser jovem) de uma maneira fechada, por causa que tem muito, tem muitas classes sociais, tem muito... (M.3).

M.3, logo a seguir, contudo, afirma que o uso de gírias podem ser formas dos jovens se identificarem, se diferenciarem, se rebelarem:

Esse negócio de gírias, acho que é uma forma que os jovens têm de se manter identificados. Pra manter... Uma maneira de rebeldia... uma rebeldia de que está passando por outra época e não quer ser igual às outras gerações. É uma maneira de identificação... de se diferenciar (M.3).

Já **H.3** enfatiza que esta existência de muitos grupos distintos, ainda que com alguns aspectos parecidos, dificulta a identificação porque, se, por um lado, o pertencimento a um grupo lhes oferece alguma identidade, por outro, filiar-se a ele pode significar um impedimento para conhecer outras pessoas e outras formas de viver:

eu acho que a gente tá sem identidade nesse momento. Eu acho que talvez a identidade nesse momento seja a diversificação dos jovens. Muitos grupos diferentes, talvez. Muitos grupos de pessoas (...) com interesses parecidos mas que se deslocam. Não se juntam. Eu não gosto disso porque eu gosto de conviver com todos os grupos. (...) Acho que nossa identidade nesse momento são tribos diversificadas. Mas eu não gosto disso... cria barreiras entre as pessoas... Não gosto de ficar numa tribo porque me cria barreiras pra conviver com outras pessoas (**H.3**).

- Preocupações e dificuldades dos jovens hoje

O maior motivo de preocupação mencionado pelos jovens entrevistados foi o vestibular, tanto pela dificuldade de escolher uma profissão, quanto pela pressão a que os jovens são submetidos para serem bem sucedidos nas provas e entrar para a faculdade:

Eu acho que uma parada é ter que escolher a profissão... é o drama de todos os jovens... Tudo é vestibular... tem aquela pressão de vai passar ou não vai passar (**M.2**).

Vestibular, vestibular. Pelo amor de Deus! Vestibular! O problema do vestibular é que é pressão de todos os lados... o jovem hoje é obrigado a se

submeter, a perder um ano, dois anos, só dedicado àquilo... Porque, na boa, tenho que ter um diploma (**H.2**).

é a coisa do vestibular. E eu não agüento mais estudar assim, sabe?... eu acho inútil continuar a estudar coisas que nunca vão trazer nada pra mim... eu queria ser um pouco mais velho, uns dois anos mais velho, assim... que aí eu poderia já estar na faculdade, que é o que eu quero agora (**H.3**).

Com relação aos outros assuntos que preocupam os jovens hoje, nossos informantes apontam a diversão, de um lado, e o emprego e a responsabilidade, de outro:

Preocupação? Não sei. Acho que tem 2 mentalidades. Preocupação pode ser se divertir, sabe? Agora, uma preocupação mais séria seria acho que o emprego... Hoje o emprego ta muito difícil, tudo ta muito mais competitivo...Pra qualquer área que você vai ver ... eu acho que aí tende pra você não ter emprego, não ter um dinheiro legal pra sair de casa. Você acaba ficando na casa da mãe. Você não sai de casa (**M.1**).

Tem um lado superficial, tipo, roupa, amigos, namorados, festas, e tem a responsabilidade, estudo... você começa a ter responsabilidade na escola, segundo grau... você começa a ficar cada vez mais perto daquilo que tem que escolher daqui uns anos. Você tem que se virar sozinha daqui a uns anos. Você começa se dá conta dessa responsabilidade (**M.3**).

H.3 aponta, ainda, o problema da violência e da corrupção:

se eu ficar aqui refletindo sobre tudo o que eu to vivendo agora, eu vou começar a chorar porque é lamentável a situação que a gente ta vivendo. É horrível. Uma corrupção, uma violência (**H.3**).

- O que gostam de fazer

Dois dos jovens entrevistados disseram que aquilo de que gostam, aquilo que lhes dá prazer, está ligado à diversão, às festas, a conhecer pessoas novas, enfim, à socialização com outros jovens:

Ah, eu gosto muito de dançar, assim... lugares de forró, hip hop, show... barzinhos. A gente gosta muito de fazer social, assim... você junta um pessoal na casa de alguém, aí compra as paradas, aí, como a casa tá vazia, né, põe música e fica lá, conversando e tal (**M.2**).

[jovem] gosta de sair à noite, não gosta muito de estudar (**H.1**).

Dois outros informantes, contudo, afirmaram ter outras preferências, de ordem cultural e esportiva:

Eu não sou muito assim, de festa, assim. Eu não gosto muito de beber. Então, eu não entro onde todo mundo tá... eu sou mais de conversar. Adoro cinema, também adoro sair pra restaurante, assim, comer comida diferente, e tal. E teatro, também gosto. Coisas mais culturais, dança... E adoro fazer esporte... Praia de manhã, jogar frescobol (**M.1**).

eu sempre fui ligado muito com essa coisa da arte. Mais pro lado do... esporte. Inclusive, eu até faço, adoro esporte... eu gosto muito de ir ao cinema. Sou cinéfilo... Apaixonado por teatro... Eu gosto muito de design. Gosto dessas coisas mais artísticas. Eu gosto de ir numa exposição (**H.3**).

Os outros dois jovens entrevistados relacionaram o que gostam de fazer com a profissão que pretendem seguir:

Eu quero fazer moda, eu gosto de moda porque eu gosto de cinema, gosto de arte, acho que moda... eu acho que a gente pode trabalhar com direção de arte, posso trabalhar com cinema, combinar arte com pintura **(M.3)**.

Eu sou professor de canto. Então, eu trabalho com música. Tenho minha banda, toco à noite, viajo fazendo isso **(H.2)**.

- As Relações de Amizade

Dos jovens que falaram sobre amizade, a metade deles ressaltou a importância e o valor dos amigos em suas vidas, como companheiros ou confidentes:

Valorizar, não sei o que a gente valoriza. A gente valoriza a amizade, talvez. As pessoas que têm interesses parecidos, pessoas que se gostam. Acho que o jovem tem essa coisa de gostar, de valorizar ter amigo **(H.3)**.

[quando está com problemas pede ajuda] primeiro à minha melhor amiga, que confio muito... **(M.1)**.

Tem assuntos que você conversa com os seus pais, tem assuntos que você conversa com seus amigos. Você prefere até! De namoro, de carreira mesmo. Eu conversei mais com meus amigos do que com meus pais **(H.1)**.

tem os amigos, aí aquelas confissões, assim... é muito bom, aí você sai, conversa com as amigas, aí... chora... ah, não sei. Eu acho muito bom. Às vezes a gente dramatiza um pouco em algumas coisas, mas, ah, faz parte! (M.2).

Um dos informantes, **H.1**, chega a comparar os amigos à família:

Os meus melhores amigos eu tenho desde os 4 anos de idade... a maioria, pelo menos. Então, até se mistura um pouco. Algumas vezes eu troco minha família por eles (H.1).

H.3 dá como boa razão para tanto apreço aos amigos, em qualquer idade, o fato de poder compartilhar as dificuldades e sofrimentos com pessoas que estão passando pelos mesmos problemas e, portanto, podem melhor entendê-los:

como a gente fica nessa coisa de 'ah, meu Deus', questionando e refletindo... ele quer procurar pessoas que estão sofrendo a mesma coisa, que tá ali naquele momento igual. E isso é com as pessoas mais velhas também, é assim. As pessoas procuram pessoas que estão no mesmo momento pra poder se relacionar, conversar porque, quando você clica e você vê que tem uma pessoa que tá sofrendo a mesma coisa que você, é uma coisa muito boa. Não tem sensação tão boa quanto essa. Que você vê que a pessoa tá sofrendo a mesma coisa e você vê que você não está sozinho. Você vê que você tem com quem conversar. E quem te entenda (H.3).

Três entrevistados falaram também sobre a dificuldade que têm para manter amizades verdadeiras, relacionando este fato à multiplicidade da vida social do jovem contemporâneo:

amigo, amigo mesmo, é difícil... assim, de você manter amigos, amigos, sabe? Porque você vai pra uma festa, você pode conhecer milhares de pessoas, você pode falar 'é minha amiga', mas eu não falo com elas por telefone (...) Aquelas coisas que você fica falando com milhões de pessoas que não são muito suas amigas e você acha que é super popular; e na hora do vamos ver, quem você tem de amigo? Eu posso falar com cinquenta pessoas, mas, dali, três eu considero muito (M.2).

Eu convivo em muitos lugares diferentes, com muitas pessoas, e aí eu acho que quando você vive dessa forma você não consegue fixar, assim, em pessoas. (...) a juventude é um período que você tá fazendo muita coisa, muita coisa diferente. E tudo muda, assim, constantemente. Então você vai conhecendo as pessoas, mas as amizades não ficam muito íntimas. Como se eu fosse mais velho, que o cotidiano não mudaria tanto, entendeu? E aí, as pessoas, eu conseguiria uma amizade mais duradoura e longa. Eu acho (H.3).

Apenas uma jovem entrevistada se referiu, em tom de crítica, às amizades virtuais:

Aí o orkut, tem lá - eu não tenho, mas eu sei que tem - popularidade. Não sei quantos corações você é legal. Pô. Seu amigo o quê? Seu amigo internauta? É uma parada muito... sei lá! (M.2).

Por fim, dois dos entrevistados falaram da relação com irmãos como se fossem amigos:

Eu também sou muito amiga da minha irmã mais velha, que tem 24 anos. Então eu já entrei na turma dela (M.1).

Eu gosto de pedir conselhos pra minha irmã... eu pergunto pra minha irmã ou minha melhor amiga **(M.2)**.

2ª Categoria: VISÃO DE FAMÍLIA

A segunda categoria comporta tudo o que os entrevistados disseram sobre as relações que se estabelecem na família. Ela foi dividida nas seguintes subcategorias: 1) Importância da família; 2) Relações familiares; 3) Família no futuro.

- Importância da Família

A maioria dos jovens entrevistados tem na família um importante apoio para suas vidas. Consideram que a família lhes oferece suporte nos momentos de dificuldade, companhia e orientação. Isso pode ser visto nas seguintes falas:

Acho que é uma base de tudo... A minha família é muito o meu chão, assim... tipo, tudo pode dar errado, mas eu sei que posso contar com a minha família, entendeu?... Eu sempre vou recorrer à minha família em algum momento **(M.2)**.

Acho que a família é muito importante pra dar apoio, pra você ter pessoas com quem conversar. É uma relação que vai durar até a morte, eterna **(H.3)**.

Uma coisa que eu acho bom pra mim, numa casa de 5 filhos, você nunca está sozinho. Você tem sempre alguém pra conversar... **(H.1)**

Também a maioria dos jovens relaciona a importância da família à influência que ela exerce em suas vidas:

Eu, meus irmãos e minha mãe, a gente sempre foi muito unido. Mesmo minha irmã morando fora de casa, sempre foi uma relação muito forte... 99% da minha vida é influência deles... essa influência é muito mais da convivência... e do universo mesmo que eles vivem. Acaba influenciando, mesmo. É uma coisa inconsciente... **(M.3)**

Eu me pego, às vezes, fazendo o que eles estão falando. Sabe? Eu acho que é porque eles são meus pais. Não sei te dizer exatamente. Acho que tá lá no inconsciente... eu acho que eu confio mais porque acho que eles não vão querer me sacanear nem nada. Tão falando aquilo de coração, mesmo. Então, acho que é por aí **(M.1)**.

A criação é muito importante **(H.3)**.

Esses pais que são muito largados, é certo que eles não cheguem num lugar muito longe. São meio perdidos, meio largados dos pais. Eu tenho dois amigos assim, que os pais não estão nem aí e eles têm sério problemas de cabeça **(H.1)**.

Os jovens relataram também alguns inconvenientes que a família lhes traz. **M.3**, **H.1** e **H.3** relacionaram, como inconveniências do convívio familiar, os limites que a família impõe aos jovens:

Eu acho que em alguns sentidos, às vezes, (a família pode) atrapalhar, mesmo. Porque você quer fazer tudo rápido, descobrir, sair, só que você não pode, porque você não tem 100% de liberdade para fazer isso... porque minha mãe deixa sair, mas também é uma pessoa que bota os limites (**M.3**).

Tem o lado bom e o lado ruim... você não tem privacidade nenhuma. É zero de privacidade. Se quiser privacidade, sai de casa (**H.1**).

A gente quer ser ilimitável, mas a gente tem sempre o limite, né, que é imposto pelos pais (**H.3**).

Segundo nossos informantes, as dificuldades com a família também podem estar relacionadas a variados fatores, como, por exemplo, a instabilidade das relações paternas e as diferenças pessoais, como nas duas falas a seguir:

Eu acho que a convivência familiar é uma coisa difícil. Hoje em dia a maioria dos pais são separados. Eu acho que é muito difícil você ter uma relação com os dois estável, porque, muitas vezes, você acaba se aproximando... só de um e acaba tendo uma relação mais... uma relação diferente com o outro (**M.3**).

...cada um é diferente e você tem que lidar com pessoas que são diferentes, porque se você conviver só com você mesmo, você nunca vai conseguir expor nenhuma das suas idéias e... você vai viver sozinho (**H.3**).

Também foram mencionadas como dificuldades as comparações entre os irmãos e as expectativas que os pais têm a seu respeito:

... sempre rola uma cobrança: “olha o que seu irmão conseguiu, olha o que seu irmão conseguiu.” Sempre rola (**H.2**).

Quando a minha mãe me viu com 5 anos, pensou: ‘meu filho vai ser advogado’! Quando ela me viu cantor de heavy metal, cantor de rock!!! É complicado (...) Meus pais não querem que eu passe aperto, fique sem dinheiro, entendeu? Até porque eu já nasci com um nível financeiramente bom... é complicado atender as expectativas!... toda mãe e todo pai quer que o filho leve uma vida confortável... Então, é difícil... (**H.2**).

M.1, contudo, fala que um dos inconvenientes da vida em família é justamente a comodidade que ela traz e que pode restringir as pessoas a um mundo fechado:

Acho que tem o perigo também de você não sair de casa, de você não viver sua vida. Porque é tão cômodo... Lavam tua roupa, servem todas as suas refeições, você ainda guarda o dinheiro que você ganha. Então, acho que é meio arriscado você não sair pra ficar num mundinho. Eu tenho esse medo (**M.1**).

Percebe-se que essas opiniões dos jovens sobre a família acabam interferindo também no valor que os jovens dão ao convívio familiar. A respeito disso, a maioria dos jovens apontou como proveitoso o tempo que passam reunidos com os familiares, como se vê nos segmentos abaixo:

Adoro! Eu gosto!... A família da minha mãe é bem pequena... são pessoas que... eu sou apaixonado por essas pessoas. São a minha família. Quando a

gente se reúne, assim, no Natal, eu fico muito feliz. Eu gosto muito dessas pessoas (**H.3**).

Eu gosto muito de estar com família, de sair com meus pais. Eu adoro sair com meus pais. Adoro viajar com meus pais, tipo, conversar... A janta aqui em casa é sagrada!...Domingo sim, domingo não, tem almoço na casa da minha avó pra reunir a família (**M.2**).

Eu nunca achei chato. Minha família é engraçada, ninguém fica muito enchendo o saco. Todo mundo é pra cima, assim (**M.1**).

Eu acho muito importante (quando a família se reúne)... eu acho muito bom quando encontra todo mundo, porque, às vezes, cada um tá na sua vida e, quando encontra todo mundo, é um momento de... (**M.3**).

Apenas **H.2** menciona que, em alguns momentos, reunir-se com a família pode se tornar a uma obrigação:

Gosto, gosto, mas eu acho o seguinte: eu acho que tem certas situações que são meio forçadas, assim... então, todo mundo sabe mas ninguém fala porque é eticamente incorreto e eu não to nem aí. Acho forçado mesmo (**H.2**).

H.1, **H.3**, **M.3** e **M.2** acham que, no convívio em família, surgem oportunidades para aprenderem coisas que podem ajudá-los nas suas vidas:

Uma coisa que a gente aprendeu também é desabafar tudo o que você sente, nunca segurar. Não tem necessidade de ficar guardando ressentimentos,

mágoas. Isso é uma coisa que eu levo muito pra minha vida. Isso é uma coisa que eu aprendi muito aqui, principalmente no jantar (**H.1**).

A gente tem que aprender a conviver com o defeito dos outros e os outros têm que aprender a conviver com os nossos defeitos. E aprender a se relacionar de forma harmônica (**H.3**).

Às vezes tem discussão, mas isso faz parte da convivência em família. Eu gosto (**M.3**).

Acho que, tipo, a gente aprende, ela (sua mãe) comigo e eu com ela, e o meu pai também, a gente aprende muito junto. Eu procuro respeitar muitas coisas que eles pensam... (...) Quando a gente briga, aquela crise familiar, não sei... é mais meu pai, ele vira e fala: “Gente, vamos parar com isso. Vamos se desculpar, vamos conversar. Porque... quando passar o tempo você vai ter que falar com a sua irmã!” Tipo, isso é uma parada muito legal. A gente tem sempre que contar uma com a outra, principalmente quando estou brigando com ela (**M.2**).

- Relações Familiares

No que se refere às suas próprias vidas, três jovens disseram que, na sua organização familiar não há regras e horários rígidos para se encontrarem:

Não tem cotidiano nenhum aqui nessa casa. A única pessoa que tem horário agora sou eu (**H.3**).

Ela (a mãe) sempre trabalhou demais... não é uma rotina. Mas fim de semana, sempre a gente (ele e a mãe) almoça junto e, jantar, a gente não costuma jantar no fim de semana, muito (**H.2**).

M.3 considera que tem uma rotina familiar mais rígida, dando uma descrição detalhada de suas atividades:

De certa maneira, tem (rotina). Agora é só eu e minha mãe. Então, a gente tem nossos costumes. Então, a gente acaba aplicando isso no dia a dia. Às vezes, não. (...) Eu acordo sozinha, ponho despertador, me arrumo, vou pro colégio e aí fico no colégio 2^a, 4^a e 6^a, eu fico até 12:50h. Chego aqui 13:30h... tem a moça que cozinha. E 3^a e 5^a eu fico até as 4h da tarde. 3^a e 5^a eu que cozinho. Ou esquento do dia anterior (**M.3**).

M.2 e **H.1** mencionam o horário das refeições, em especial, o jantar, como o momento de reunir toda a família:

Não tem aquela parada certa da gente estar junto. Meus pais, cada um almoça no trabalho. Então, fica a janta, que a janta é coisa séria aqui em casa, sabe? Então, tipo, a janta, a gente se encontra, aí fala o dia, fala os problemas... entendeu? Aí, quando alguém tá no telefone, no jantar, a gente fica chateado. Com razão, é o nosso momento (**M.2**).

Então, a gente se vê todo dia hoje, praticamente. A gente almoça junto, os quatro irmãos que moram juntos... [com relação aos pais]. Eles têm um horário. No jantar, a gente costuma jantar junto (**H.1**).

Acho que é o único momento que eu tenho, que todo mundo tem de estar junto... ainda mais que a casa é grande, então, fica cada um no seu quarto, cada um fazendo uma coisa... Meu pai faz questão que todo mundo jante. Fica revoltado quando alguém... chama pro jantar e a pessoa demora pra vir, todo mundo já acabou **(H.1)**.

Para a maioria dos jovens, existe muita liberdade e diálogo em suas famílias. Nos segmentos de fala abaixo, pode-se notar o quanto o convívio é aberto à conversa:

Os pais, acho que estão quase dividindo apartamento com os filhos... acho que tá mais aberto, assim. Filho pode beber, sem problemas, pode sair de noite, acho que tá assim. Eu, no meu particular, com a minha mãe e com meu pai, tenho um diálogo muito aberto. Acho que isso que é a chave: a conversa dos pais. Antes você dava 18, ia casar e não falava mais com seus pais. Acho que hoje o diálogo está mais aberto. Você conversa, você pode falar **(M.1)**.

Eles (os pais) até querem que eu converse com eles. O máximo possível de assuntos **(H.1)**.

Não precisa ter relação mãe-amiga ou pai-amigo, tipo a que eu tenho aqui em casa **(M.2)**.

Minha mãe é super tranqüila e o meu pai já é mais... soberano. Ele acha que tem que ter controle sobre as coisas... A gente tá quase grande. E minha mãe entende isso. E ela joga com isso. Ela sabe disso, então ela tem uma relação diferente, de amizade **(H.3)**.

As relações familiares favorecem trocas de experiências que podem, inclusive, ir dos filhos para os pais. Nos segmentos de fala abaixo, vê-se como os jovens consideram-se importantes conselheiros dos pais:

Escuto, eu dou conselho, dou opinião... é. Eu sempre aconselho, meus irmãos também. É relação assim... (M.3).

Ela (a mãe) às vezes vem me perguntar coisas da vida dela, que ela tenha... sabe? “Ah, M.1, não sei o que eu faço com isso. O que você acha?” Ela pergunta minha opinião. Isso eu acho muito legal porque me dá uma certa confiança pra... e me ensina também com os problemas dela, ver como ela enfrentou e... tentar junto com ela. Fica uma troca assim (M.1).

Eu tenho voz aqui em casa. Já o meu pai... ele acha que eu sou jovem e que eu não tenho conhecimento sobre as coisas e ele meio que ignora. Inclusive meus conselhos... eu dou conselho pro meu pai e ele não presta atenção. Aí ele vai e erra, que nem eu, e depois vem falar (H.3).

Pudemos notar que o papel de autoridade na família está sendo muito influenciado pela inserção de valores democráticos. Contudo, observamos que, para M.1, M.3 e H.2, apesar do diálogo aberto, suas mães são as que têm mais autoridade para resolver questões familiares:

O que costuma mais acontecer é mais a minha mãe decidir. Meu pai tem uma opinião, mas no final, por ele não estar aqui, quem estava decidindo é minha mãe (M.1).

Eu vejo minha mãe como uma pessoa, ela coloca as regra dela, tal. Tem as coisas que eu sei que ela não gosta e tem que respeitar... e às vezes não tem como a gente remediar isso, tipo...(M.3).

Hoje em dia sou eu e minha mãe aqui em casa. Então, ela é praticamente obrigada a me consultar. Nem que seja por desencargo de consciência. Mesmo que ela já tiver decidido... acho que há opiniões mais valorizadas. A minha não vem em primeiro plano (H.2).

Para M.2 e H.1, o diálogo torna mais flexível a obediência à autoridade dos pais:

Eles (os pais) são tranquilos. Eles aceitam mudanças... então fica aquela coisa mais balanceada. Não deixou, tranquilo! Claro que a gente segue insistindo. Às vezes a gente consegue; às vezes, não. (M.2).

Hoje em dia sim (todo mundo opina nos problemas da casa), porque todo mundo é grande... É até um problema, porque, imagina, seis opiniões diferentes (H.1).

Tem o meu pai (quem decide mais as coisas da família), mas ele não tem muita autoridade, não. Só se for alguma coisa muito séria (H.1).

Já H.3 disse que em sua casa não há figura de autoridade:

Não tem autoridade aqui em casa. Não sei, porque minha mãe é muito... ela parece jovem... Meu pai acha que tem que ter autoridade, aí na casa dele ele dá os ataques. Mas aqui não acontece isso (...) Eu acho que aqui não tem que ter ninguém que manda (H.3).

Na busca por mais diálogo em família, parece que o papel de autoridade dos pais não se esvaziou, mas tornou a relação mais flexível, uma vez que eles incluem nas decisões que tomam os argumentos e reivindicações dos filhos.

Porém, se, por um lado, há o interesse dos pais em construir relações de intimidade com os seus filhos, por outro, nem sempre os filhos querem tanta proximidade com eles. Isso pode ser visto a seguir, na fala de **M.2**:

Antigamente eram mais “pais ausentes”. Atualmente têm muitos “filhos ausentes”, que não dão muito valor. Então, sabe, entram, respondem, chegam, se trancam no quarto... parece que os pais tentam ir atrás... e perguntar “como foi na escola, como foi a prova?” e, tipo, a pessoa não fala, não conversa, não dá abertura nenhuma... Muita futilidade. Na hora que (os filhos) precisam de uma roupinha, alguma coisa, “ah, mamãe querida”, “papai querido” Eu quero muito uma roupa pra ir pra festa!”. Aí eles, coitados... querem sair com você, querem estar contigo, querem te ver feliz, aí vão na loja, no shopping... é o que eu vejo de mais ridículo (**M.2**).

A jovem atribui isso às mudanças de valores da sociedade e ao consumismo:

Talvez por causa da mídia. Talvez, questão da moda e consumismo, tipo, a idéia de “ter” e não “ser”. Eu acho comum, cada vez mais tá ficando mais “tem que consumir, tem que consumir, tem que consumir”... Eu acho que é por isso que dá em pais ausentes, cada vez trabalhando mais e o salário não aumenta. Estão trabalhando muito pra pagar as nossas contas. Acho que tá muito assim (**M.2**).

Alguns jovens se referiram também às diferentes configurações familiares da atualidade e, como podemos ver, dois deles, justamente os filhos de pais que nunca se separaram, ressaltam os lados negativos das famílias em que não há um casal unido.

Vejamos os trechos de suas falas:

Tem famílias que são só mãe e filho, né? Sei lá... eu acho que é uma opinião só. É aquela opinião, é aquele jeito (**M.2**).

Eu tenho uma amiga que tem a mãe jovem... foi bem complicado. Ela (a mãe) continua saindo bastante e deixava ela (a filha) com a avó... Então, tipo, é muito complicado, assim, porque cria uma distância (**M.2**).

Tem as famílias... principalmente de pais separados, aí o filho já nasce no meio de briga e já não tem tanto vínculo com nenhum dos pais (**H.1**).

Posteriormente, **H.1** pondera:

Eu não tenho essa experiência, sabe? Mas eu conheço gente que tem e tá bem tranquilo com isso... tipo, os pais separaram quando ele tinha um ano e ele acabou sendo criado pelo padrasto. Chama de pai o padrasto e o pai biológico, ele mal vê hoje em dia. “Problema nenhum. Zero problema. O pai é o padrasto mesmo e eu gosto assim e está ótimo” (**H.1**).

Já **H.3** parece ter uma opinião um pouco mais flexível sobre o assunto, apesar de conflituada. Em suas palavras:

Eu acho legal diversificar. Acho muito... são relações modernas essas de pai que já tem filho e aí casa... não sei nem falar direito, porque são relações novas e são relações intensas que você vai morar com a pessoa e... mas ao mesmo tempo, você não tem nada a ver com essas pessoas. É difícil. Não sei como é que as pessoas lidam com isso. Eu sempre me dei bem, porque eu tenho dois irmãos de consideração, filhos do meu padrasto (**H.3**).

- Família no futuro

A maioria dos jovens disse que, futuramente, quer constituir família, mas para isso não acha necessário se casar. Como podemos ver nos trechos abaixo, a idéia de família que pretendem ter no futuro está mais atrelada à existência de um companheiro e ao nascimento de um filho:

Eu quero ter uma família legal. Gostaria de ter filhos. Gostaria de prover, de me garantir financeiramente, pra família... eu não sei se eu casaria nessa coisa de igreja, não. Gostaria de ter um companheiro, uma pessoa pra dividir minha vida... (**M.1**).

Ah, casar na igreja, não sei. Mas ter filho, eu penso... Eu quero ter filhos junto com um companheiro. Não precisa casar. Não tenho vontade de casar na igreja, essas coisas. Mas, morar junto, encontrar uma pessoa pra morar junto eu acho importante... Eu tenho uma vontade de montar uma família com pai, com companheiro, ter filho. Isso eu tenho (**M.3**).

A gente vai experienciando... a relação que o meu pai tem com a minha mãe, dessa coisa de separação, eu acho que hoje em dia é muito fácil ter um casamento moderno, que é não casar, entendeu? Morar junto é muito mais

fácil do que essa coisa de casar no papel... Não tenho essa visão de casamento ser aquela coisa cotidiana. Eu acho uma coisa mais largada dessa coisa de estar casado no papel (**H.3**).

Casar, eu não sei. Tipo, acho que esse negócio de casar assim não existe mais hoje. Eu não sei se eu casaria. Eu acho bonito, mas... não sei. Eu não sei se eu tenho necessidade de casar... Eu não faço questão de casamento; eu tenho vontade de formar uma família! (**M.2**).

Se você está amando aquela pessoa ou quer ter um filho com aquela pessoa, não precisa realmente prender a pessoa pela meia... Nada impede de comprar uma casa, de estar vivendo juntos, de criar sua família (**M.2**).

Eu quero a minha família porque, sei lá, gosto dessa coisa de família... Aí eu chego em casa, não tenho um filho, aí vou envelhecer sozinha. Eu acho tão triste. Eu penso em ser a minha avó, sabe? Tipo, fazer almoço na minha casa e reunir a família toda... (**M.2**).

Apenas **H.1** não se contrapôs à idéia de se casar oficialmente, embora tenha isso como um segundo plano na sua vida, como podemos ver:

Eu penso em ter família, mas só quando eu... eu vou ter que resolver antes...principalmente direito, advogado, que quanto mais você trabalhar, mais dinheiro vai ganhar... trabalhando mais e mais e mais, só depende de você ganhar dinheiro, então tem que ter total tempo pra isso. Eu não vou ter tempo pra pensar no particular num certo momento da minha vida... eu gostaria de me espelhar na minha família. Eu acho que é um caso de sucesso (**H.1**).

É importante ressaltar que **H.1** é o único entrevistado filho de pais casados e que nunca se separaram.

M.1 também submete os planos de família e filho ao trabalho e a condições financeiras, como podemos ver em sua fala abaixo:

Mas antes de ter filho, qualquer coisa, tipo, eu quero ter minha casa. Sabe, ter o que dar pros meus filhos, ter o dinheiro pros estudos. Eu não vou ter um filho assim, tipo, “vamos ter agora”, sabe? Acho que tem que ter um filho consciente de que você vai ter que criar uma pessoa, sabe? Tem que dar comida. Você é responsável (**M.1**).

Somente **H.2** não tem, entre seus planos, o de constituir família. No máximo, pensa em ter um filho:

Não quero isso pra mim, não... pra mim é muita responsabilidade. Se eu tiver com grana, tiver tempo, se eu tiver com paciência, aí, beleza, vou lá e penso em ter um filho... Daqui a 20 anos eu vou estar na minha, do jeito que eu tô hoje... vou estar morando sozinho, tocar minha vida. Não me vejo com isso de casar e ter filhos e um cachorro (**H.2**).

3ª Categoria: RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

Na terceira categoria estão as falas dos jovens sobre as relações constituídas entre as várias gerações. Ela está subdividida nas seguintes sub-categorias: visão dos pais, visão dos avós, troca de experiências e visão de envelhecimento.

- Visão dos pais

Alguns jovens falaram sobre como vêem seus pais. Um dos pontos abordados por eles foi o de como imaginam seus pais quando eles eram jovens.

Como consenso, podemos observar que a maioria dos jovens apontou a atitude contestadora da geração jovem da época de seus pais. Ao falarem sobre isso, os jovens enfocaram as diferenças entre os jovens hoje e os da geração de seus pais, e alguns assinalam o grande contraste entre o que seus pais eram e o que são hoje.

M.3 e **H.2** ressaltaram a importância da juventude de seus pais para a história política e social do país, apontando, contudo, grandes mudanças em suas atitudes, dos tempos de juventude aos dias de hoje:

Eu acho que foi uma juventude muito mais produtiva do que hoje em dia. Minha mãe tem 54, sei lá. Ela viveu um período muito importante, o período do socialismo. Politicamente, foi muito importante... Não sei se minha mãe participou 100% desse movimento, mas ela foi influenciada por isso. Pelo menos minha mãe, ela participou de movimento, assim... hoje em dia ela mudou tudo, mas ela tentou, pelo menos. Ela me passou isso (**M.3**).

Meu pai tem 50 e tantos anos, é uma das pessoas mais inteligentes que eu já conheci... Meu pai batalhou a vida inteira... naquela época, foi exilado,

caçado, tudo. Foi militante, subia em caminhão. Até hoje ele fala essas coisas. Coisa de herói de guerra, mesmo, sabe? Coisas assim. Eu acho o seguinte, cara: eles foram obrigados a amadurecer muito cedo. Foram reprimidos... Foram obrigados a tomar atitude cedo... às vezes eu penso no meu pai em altos caminhões, fazendo discurso e... não hoje em dia. Sei lá (...) Eu tenho uma imagem do meu pai formada na prática de hoje em dia que eu não consigo conciliar com a imagem que eu tenho dele naquela época (...) Minha mãe, não sei se ela chegou a se envolver tão a fundo assim com essas coisas, não. Sei lá... Minha mãe trabalhou nessa época muito mais num plano intelectual do que o meu pai... Acho que ela estava mais preocupada em discordar, essas coisas, mas não se envolver, do que... sei lá (**H.2**).

M.1 e **M.2** apontam que ser jovem naquela época era diferente de ser jovem hoje. **M.1** descreve seus pais como jovens que tinham, cada uma a seu modo, uma posição contestadora na sociedade, como podemos ver:

Meio hiponga. Acho que foi essa coisa meio livre, de usar drogas, assim. Meu pai mais louco, assim, que até hoje ele é assim. Acho que ele era muito estudioso, pelo que falam e pelo que eu vi que ele conseguia na juventude... e minha mãe, eu acho que brigava contra os pais. Meu avô é militar, então, acho que ela devia (ser)... não tão reacionária bahbahbah, mas acho que de uma forma, assim, não respeitando algumas regras na casa, blábláblá (**M.1**).

Já a jovem **M.2** ressalta algumas diferenças nos modos de vestir dos jovens da geração de seus pais, mas acha que existia um espírito de despojamento e diversão que se parece com os modos da sua própria geração, como podemos ver na fala abaixo:

De vez em quando eles me contam. Eu vejo as fotos. Eram umas roupas engraçadas. Era outra época mesmo... Minha mãe também não era tão, assim, sabe? Ela teve a vida dela, viajou pra caramba, adorava acampar. Meu pai era menos diferente. Veio de uma família... normal, com jovens. Meus pais eram jovens com... só um pouco de estilo diferentes. Umas idéias diferentes. Não tinha essa parada de computadores, de... sabe? Olhando as fotos dá pra ver, sabe? Eles pondo a língua pra fora. Dá pra ver que não era tão diferente assim, algumas coisas (**M.2**).

H.1 não se referiu à atitude contestadora dos seus pais. Para ele, o que se mostra bem marcante é a diferença com que assumiram responsabilidades:

Acho que bem diferente. Até porque, com essa idade, minha mãe estava casada, praticamente. Então, ela não teve essa vida que a gente tá tendo agora (**H.1**).

Um outro ponto que foi abordado pelos jovens, relacionado à visão que eles têm dos seus pais, foi como eles acham que seus pais vêem os jovens hoje e lidam com as diferenças nos seus modos de viver. Como podemos ver nos segmentos abaixo, a maioria dos jovens considera que seus pais têm uma abertura relativa para conhecer o mundo dos jovens. Entretanto pensam que só isso não garante que eles entendam e aceitem as formas de conduta dos jovens hoje.

M.1 e **M.2** consideram que alguma resistência para a aceitação das mudanças sociais por parte de seus pais é natural e até esperada:

Eu não sei se ela (a mãe) entende (os jovens hoje), mas ela tá aberta a tentar, pelo menos. Eu procuro ver as limitações dela, também. Porque ela nasceu com todo mundo ensinando uma coisa pra ela. Agora eu vou falar que não é assim... Me espantaria se ela falasse “ah, tá bom” e mudasse, entendeu? Mas eu acho que ela tenta ver, tenta entender algumas coisas, sim, outras coisas, não (M.1).

Eu fico imaginando que deve ser muito difícil criar um filho, assim. Aí, eu acho que... tem coisas diferentes...É muito difícil, a mãe já perdeu autoridade há muito tempo. Então, nesses tempos, assim... minha mãe mudou, sabe? Não é só aceitar as mudanças. Ela mudou. Eu acho que... Mudaram... mudou por causa da gente, não só por causa dos tempos. Sabe? Convivendo com o nosso jeito externo, digamos assim, eles mudaram. Ou então, no trabalho... todas as coisas que eles têm que tentar, tendo vindo de criações diferentes, assim. Eles mudaram. Não é só aceitar “ah, viagem (com namorado) é normal”. Não, eles tiveram que achar isso normal e muitas vezes até fazer aquilo (M.2).

Como podemos ver na próxima fala de M.2, apesar de respeitar os impedimentos das gerações mais velhas em concordar com todas as mudanças de comportamento e padrões dos jovens de hoje, ela considera positiva a influência dos jovens sobre seus pais, como vemos logo abaixo:

Às vezes, eu paro e fico conversando com a minha mãe e, tipo, outro dia, eu estava meio chateada, triste, aí ela veio e conversou e disse “cara, eu tenho muito orgulho de você, sabe? Quando era a minha época eu acho que eu nunca (...), mas acho que eu não tive coragem de fazer isso.”... eu acho que envolve toda uma parada... não sei explicar (M.2).

H.1 também considera que sua mãe tem abertura pra conhecer os jovens de hoje:

Apesar de ter sido diferente, minha mãe conhece bem (os jovens de hoje), assim... Até por ela trabalhar com isso também, ela tem contato, muito, ela trabalha (num colégio particular da zona sul), durante 15 anos... então ela conhece bem a rotina, já conversou com muito jovem, já estava com jovem todo dia... (**H.1**).

Também para **H.1**, apesar do contato que sua mãe tem com jovens hoje, ela não perde alguns valores da sua geração e faz questão de demonstrar isso para o filho:

A minha avó, mãe dela, é meio muito ortodoxa, assim, meio rígida. Então ela (sua mãe) tem umas coisas que ela viaja um pouco até hoje pra manter o respeito. Tem algumas coisas que ela sabe que ela tá errada, meio ridícula a atitude dela, mas ela tem que fazer isso pra manter o respeito... Mesmo que seja uma coisa que eu já fiz muitas vezes, mas ela precisa proibir dessa vez pra eu achar na minha cabeça que não é bem assim (**H.1**).

Diferentemente de **M.1** e **M.2**, **H.1** não defende a resistência de sua mãe em aceitar a mudança dos hábitos de vida hoje, como podemos ver no trecho que se segue:

A minha mãe... eu acho que ela tem umas idéias erradas na cabeça dela, uns paradigmas... errado pro nosso tempo, hoje em dia. Não é que seja errado. Tem umas coisas que ela não busca conversar, sabe? Ela acha que a opinião dela tá certa e não evoluiu muito aquele conceito, sabe? (...) Tipo fumar, por exemplo. É uma coisa que ela não aceita de jeito nenhum. Não aceita nem conversar. E outra é a questão de namorada (dormir em casa) (**H.1**).

Sobre seu pai, **H.1** diz:

Eu acho que ele não ficou preso no que a mãe dele achava (**H.1**).

H.2 também contesta a resistência do seu pai em apreciar as coisas positivas que o jovem vem trazendo de novo para a vida social:

Meu pai tem 50 e tantos anos, é uma das pessoas mais inteligentes que eu já conheci... eu não sei, acho que é uma questão de sabedoria acumulada ao longo dos anos, experiência e tudo mais. Mas eu não sei que em certas discussões, por mais que eu esteja certo, tem que se respeitar... “esse moleque tá querendo me ensinar!” eu não sei, tem certas coisas que sim (seu pai aceita), certas coisas, não! (**H.2**).

H.3 não questiona se sua mãe estranha a juventude de hoje e, por isso, a considera jovem:

Os meus pais... eu tenho muita sorte porque minha avó e minha mãe têm visões perfeitas do mundo, eu acho. Porque minha mãe é muito conectada com isso, porque ela trabalha com muita gente jovem. Então, ela entende isso. E minha avó é uma maravilha, porque minha avó é jovem também (**H.3**).

- Visão dos avós

Não houve consenso entre os informantes sobre a visão dos avós. Enquanto alguns ressaltavam o lado “ultrapassado e engraçado” de seus avós, outros apontavam sua modernidade, uns dando conotação positiva ao que diziam, outros, conotação negativa:

Para **H.3**, a modernidade de sua avó é motivo de admiração por ela:

Minha avó é uma maravilha porque ela é jovem também... Ela é jovem pra avó. Ela tem 50 e tantos anos. É, 58... E a minha avó viveu essa coisa muito forte dos anos 60, da ditadura, e ela sabe o que é ser jovem porque ela viveu numa época em que ser jovem... o jovem era tudo. O jovem era que... que... que... tinha voz... minha avó e minha mãe têm visões perfeitas do mundo, eu acho (**H.3**).

Já **M.3** acha que a modernidade de sua avó é um complicador para a relação entre elas porque implica na não aceitação da velhice e do papel de avó, como podemos ver:

Minha avó, eu tenho contato com ela...é meio difícil... Ela não é uma avó comum. Ela tem vários namorados, viaja, faz plástica. Então é muito difícil pra ela... É porque, de certa maneira, eu acho que ela não aceita que ela é avó (**M.3**).

Mesmo assim, apesar da modernidade da sua avó, no contato com ela percebe as diferenças entre o tempo dela e o seu, com podemos ver:

Ah, eu gosto das histórias que ela (a avó) conta. Ela conta as histórias dos namorados dela. Às vezes, ela conta as histórias dos namorados da minha

mãe. É engraçado você ver como o tempo vai mudando as coisas... Ah, as relações, mesmo. A relação de homem com mulher, a relação de amizade, a relação com seus pais. Isso aí, mudou muito. ...Ah, uma outra época, uma outra ideologia, outra cabeça (M.3).

Embora M.2 tenha afirmado que sua avó é uma pessoa moderna, ela ressalta as diferenças entre os modos de sua avó e de sua geração, principalmente com relação à educação e aos modos de agir, como poderemos ver nos trechos que se seguem:

Minha avó é moderna, digamos assim. Ela tem uma visão bem diferente da minha... Minha avó, ainda era aquela coisa certinha, vestidinho, sapatinho. Dá pra ver que tinha... os pais tinham mais autoridade. Dá pra ver tudo, assim, o modo como se senta, a etiqueta. Tem várias histórias assim, sabe? Os castigos que eles recebiam quando eles faziam alguma besteira. Minha avó fala baixinho.... porque ela aprendeu, por educação, não falar alto. Então, ela não fala alto. Minha avó foi educada em outro contexto. Então, pelas fotos dá pra sentir essas coisas, essa educação que ela falava, sabe? Os castigos eram bem severos, sabe? ... eu não ia conseguir viver nessa época nunca. É difícil. Complicado... Acho que, vendo ela, eu não posso dizer que era horrível. Acho que algumas coisas eram até melhores (M.2).

Eu acho que minha avó vê (a juventude de hoje) um pouco inconseqüente demais. Por causa da educação, assim, ela sai, obviamente... vê falta de educação, gente te empurrando... Aí, pra ela é um pouco diferente (M.2).

Ela gosta da tecnologia, ela tem o celular. Ela acha muito legal. Ela não usa muito (...) A tecnologia ela gosta. Os modos, ela não gosta muito (M.2).

Alguns jovens acham que, devido à mudança dos tempos, os velhos têm dificuldade para entender os jovens, como podemos ver nas falas de **M.1**, **H.2** e **M.3**:

Entender, acho que até entendem. Mas nos parâmetros da juventude deles, que é um pouco diferente... as opiniões que eles dão, às vezes, eu não concordo... um ouço exageradas, às vezes. Não sei. “tem que ter um namorado” (ri). E coisas assim que não é bem assim, cara (**M.1**).

Eu acho que ela já é de uma outra geração de antes dos meus pais. Então, eu acho que ela já tem uma dificuldade um pouco maior de assimilar esses problemas de hoje em dia... é porque ela fica lá, não tá saindo tanto de casa, não tá aí, vendo como é a coisa na prática. É mais difícil de assimilar. Já é outra cabeça (**H.2**).

Aceitam, mas não entendem. Não conseguem entrar na cabeça... porque ela também se dá conta que é outro momento, de como as coisas mudaram em um curto período de tempo (**M.3**).

Apesar disso, consideram importante o contato com os avós. Para **H.2** e **H.1** é também proveitoso o contato com os avós, como podemos ver:

Quando eu vou pra casa da minha avó aqui do Rio é bom porque, sei lá... chego lá, tem comida pra um batalhão. Então, essa parte é ótimo... E, poxa, tá junto da minha avó também... ela acrescenta muita tranquilidade. Quando eu estou lá eu estou despreocupado, total... sendo paparicado, logicamente (**H.2**).

Uma coisa que eu sinto, pelo menos, é a calma que o meu avô tem pra... discutir... Eu gosto de conversar muito com ele porque ele troca bem a idéia, me ouve bastante, sabe evoluir o papo comigo (**H.1**).

Para a informante **M.1**, o interesse em estar perto da avó foi mudando com o tempo. Ela vê a avó como uma pessoa solitária, que gosta de ter os netos por perto e esse é um forte motivo que tem para aproximar-se dela, como podemos ver a seguir:

Eu acho um pouco maçante... tinha uma época, eu mais nova, eu não ia (à casa da avó), eu não ligava. Agora, sei lá, acho importante, sabe? Ela ta viúva. Ela fica tão feliz quando a gente vai! Então eu vejo mais por esse lado. Dá uma satisfação (...) Minha avó por parte de pai... me ensina a cozinhar pra caramba. Eu vou lá, aí é legal. É uma coisa divertida ir pra lá porque a gente sempre cozinha alguma coisa... ela gosta que a gente vá lá sempre. Ela é sozinha, também. Vale a pena (**M.1**).

No contato com as coisas que compõem a casa da avó, alguns jovens encontram coisas diferentes, coisas engraçadas:

Ela compra umas coisas... elas tem umas coisinhas que são fofas de vó. Ela tem um relógio de coisa que eu acho engraçado, tipo de corda. Eu acho engraçado! (**M.1**).

É um museu a casa dela. Faz tourzinho pela casa dela. Acho interessante, sim. Tem a história da família lá na casa dela (...) Qualquer objetinho, objetozinho ela vai te colocar a história inteira. Ela vai contar a história inteira do negócio. Sempre. A gente só escuta uma vez só. Na segunda vez você já sai da sala “ah, vó, deixa eu pegar uma coisa” [ri] (**H.1**).

- Troca de experiências

Apesar das diferenças intergeracionais, a maioria dos jovens acha que tem muito o que aprender com os mais velhos. Esse aprendizado se refere à experiência de vida que os mais velhos, em função da idade, possuem:

Eles têm muita experiência diferente. Essa troca de experiência, eu acho... por exemplo, esse exemplo da minha avó que viveu na ditadura. Ela viveu numa época em que ela tem muita coisa pra me ensinar. E eu vivi outra que eu tenho muita coisa pra ensinar pra ela também **(H.3)**.

Eu procuro saber a opinião dele (o avô)... Pela experiência antiga dele, as opiniões são todas engraçadas. Porque ele já viveu toda a história, então ele meio que já sabe o que vai acontecer. (a experiência) dá uma sabedoria pra ele a mais do que qualquer um que esteja na mesa. A opinião dele sempre vai ser, não a mais importante, mas, com certeza, a mais completa que a de qualquer um aqui **(H.1)**.

As vivências, mesmo. Acho que a experiência de vida, mesmo **(M.3)**.

Muita coisa, porque, por mais que o mundo seja diferente na prática, na teoria é a mesma coisa. Sério. Na teoria acaba sendo a mesma coisa **(H.2)**.

Demais, demais! Tem aqueles ditados que eles falam pra você. Eu ouço aquilo, eu acho importante, sabe? Eles já viveram muito mais tempo que eu

aqui, sabe? Alguma coisa, eu acho que eles têm muito pra ensinar, sim (M.1).

Somente para M.2, as diferenças intergeracionais são um impedimento para que aprenda algo vindo dos mais velhos:

Ah, não sei. É muito diferente, os tempos. Às vezes peço pra ela contar umas histórias mais antigas dela... são surreais, sabe?... Muita coisa mudou. Eu não sei direito o que eu levaria comigo, assim, pra vida, mas... eu gosto de ouvir muito, mas eu acho que é tão diferente (M.2).

A maior parte dos jovens considera que os mais velhos também têm o que aprender com os jovens. Nos segmentos abaixo, podemos ver que esse aprendizado consiste na possibilidade de renovar seus conceitos:

Talvez, abrir a cabeça um pouco, assim... aceitar mais as coisas modernas, talvez. Vai ser sempre diferente. Mostrar que não é tão preto e branco, tipo droga e sexualidade hoje em dia também tá caminhando pra uma coisa mais aberta. Mostrar que não é tão ruim isso Ah, não sei... espontaneidade! (M.1).

Eu acho que tem que ter sempre uma relação de troca entre os jovens e os velhos, porque os jovens são o momento de criação também, né? Eles pensam em coisas que as pessoas mais velhas têm limitações, entendeu?... eles sabem muita coisa que a gente não sabe e a gente sabe muita coisa que eles não sabem também, porque a gente viveu em épocas diferentes (H.3).

Muita coisa... acho que quando eles tinham a minha idade, o Rio de Janeiro era muito diferente, completamente diferente (H.2).

- Visão de envelhecimento

Nos segmentos abaixo, percebe-se que a maioria dos jovens concebe o envelhecimento como um processo natural, destacando que se trata de um momento interessante de vida, aliado à sabedoria e à conquista do respeito e, portanto, que não deve ser motivo de tristeza:

Eu acho que ser jovem é legal, mas envelhecer também é legal... Eu acho que envelhecer faz parte do seu natural, da sua natureza. Por que que teria que ser feio? (**H.3**).

Eu acho que... tão foda amadurecer, sabe? Ser uma pessoa confiante, com experiência de vida, sabe? Eu não tenho vergonha disso. Essa coisa de jovem, eu acho meio... sabe? É ótima essa fase, é maravilhoso, mas tem que passar dela (**M.1**).

É uma época diferente da sua vida que, com certeza, você vê as pessoas te tratando com mais respeito, pelo menos quando te tratam com respeito. Mas, é uma época interessante, que você já acumulou experiência, já. Sabe sobre muita coisa. Já viveu muita coisa, já. Você se abala muito menos com as coisas que acontecem na sua vida, você está muito preparado pra qualquer atitude contra você ou qualquer sucesso que você tenha também. Você está muito mais preparado pra reagir com aquilo. É uma fase menos reflexiva. Hora de aproveitar mais a vida... desfrutar do trabalho... intenso (**H.1**).

M.2 tem uma opinião um pouco diferente. Ela cita algumas perdas que o envelhecimento traz para a saúde e para a vida social, como podemos ver na fala a seguir:

Quando se é jovem, se estraga um pouco e quando você é mais velhinho você acaba tendo que se consertar um pouco... Quando você está mais velho, acho que você está muito mais preocupado com a saúde, que já está mais decadente. Não é mais jovem. E por isso eles não fazem muitas coisas (**M.2**).

Os jovens discutiram também as dificuldades existentes para a aceitação da velhice e, como podemos ver nos segmentos abaixo, consideram descabida a idéia de negá-la:

Não tem como negar a idade, não tem porque você querer parecer mais jovem... por enquanto, eu acho uma bobagem (fazer plástica), por causa que as marcas do seu rosto são as vivências que você teve mesmo, sabe, ao longo dos anos (**M.3**).

Cada um tem a sua etapa... tem que encarar o tempo, porque o tempo vem (**M.2**).

Alguns jovens atribuíram a dificuldade de aceitação do envelhecimento à mídia, que estaria nos induzindo a perseguir os padrões e atributos da juventude:

Por que tem que esconder que ficou velho, entendeu? Isso é uma coisa que foi imposta pela sociedade contemporânea consumista capitalista americana, sei lá (**H.3**).

Hoje em dia, qualquer anúncio na televisão tem pessoas jovens, aí os jovens se acham felizes, porque falam de felicidade e juventude. Então, todo mundo busca essa felicidade dessa forma, ficando jovem (**H.1**).

Aquela coisa de ter o corpo perfeito e ter que usar essas roupas, tipo essa coisa que impõe muito, ficam botando o tempo inteiro na cabeça dos jovens e também das pessoas de um modo geral, cada vez mais deixam... talvez eles não aceitem que envelheceram (**M.2**).

M.2 considera que até mesmo a idéia de que certas atitudes sejam apropriadas para jovens e outras sejam apropriadas para velhos é algo discutível, pois isso limita as possibilidades de ação de jovens e velhos:

Eu acho que é uma questão de valores... quer receber um namorado, quer ficar bonita pra ele, não sei! Eu acho que não é errado. A gente que tachou um pouco isso, sei lá, “isso é parte de jovem”, tipo, “alguém muito novo fica estranho”... Só porque eu sou mais velho, então agora eu tenho que usar xalezinho, vou ter que arrumar o cabelo, vou ter que... Sabe? (**M.2**).

Ela ressalta que não é a conduta, mas a não aceitação da velhice pode levar alguns velhos a serem realmente inadequados, como podemos ver:

Mas, agora... outra coisa é os velhinhos não aceitarem que envelheceram e aí quererem pintar o cabelo, colocar aquelas roupas pra parecer mais jovens e não querer aceitar que estão mais velhos. Aí é que tá o problema... é feio você olhar, tá a velhinha toda perua, que provavelmente está querendo usar uma sandalhinha rasteira e ta com aquele saltão, aquela calça colada que

parece que dá varizes. Entendeu? Isso porque não aceita que envelheceu, entendeu (M.2)?

Apesar das críticas que a maioria dos jovens fizeram aos velhos que buscam a juventude, eles concordam que, dentro de um certo limiar, é saudável a influência dos jovens para os mais velhos. Muitos deles consideram que o fato de seus pais ou avós se deixarem influenciar pelas novas gerações pode ser uma forma interessante para lidar com o envelhecimento e, ao mesmo tempo, uma maneira de preservar a proximidade entre as diferentes gerações. Eles dão um valor positivo à influência do jovem sobre os velhos:

Então, se você quer manter a cabeça jovem, você se relaciona com pessoas jovens. Você se relaciona com o mundo jovem. Cada geração tem seu mundo. Então, pra manter a cabeça jovem você teria que conviver com essas pessoas jovens. Com os jovens da sua geração... aí, você tem que manter contato e aprender, realmente, aprender com essas pessoas. Eu acho que tem que sempre mudar o pensamento. Não pode nunca ser conservador, de fixar um pensamento. Tem que ser sempre maleável e conseguir, pela argumentação dos outros, se adaptar a um pensamento novo e renovado (H.3).

Eu acho muito engraçado (quando os mais velhos começam a usar a mesma linguagem dos mais velhos). Acho que é uma maneira de buscar a juventude em alguns casos. Outra coisa é tentar se aproximar, mesmo... Uma maneira de ter essa relação mais próxima, tentar se encaixar na vida dos jovens (M.3).

Poxa, acho ótimo (pais e avós que querem ser jovens), cara! Acho ótimo, mesmo!... Em relação a se divertir, entendeu, eu não abro mão de absolutamente nada. E eu acho que ele, também não. Sendo, tipo, um “adulto

jovem”, eu acho bem legal fazer os amigos do filho dele se sentirem à vontade com ele. Acho bem legal! **(H.2)**.

Uma velhinha querer colocar um *pearcing* no nariz, um *pearcing* na língua. Eu acho que é uma questão diferente. Não é errado. Não acho. Todo mundo tem direito de ter espírito jovem e querer, sabe, ter aquela vaidade, estar com uma roupa da moda, como muitas velhinhas estão se aderindo. Não usam mais aqueles xalezinhos, aquela coisa que você reconhece de longe **(M.2)**.

Somente para **M.1**, essa influência não é interessante:

Meu pai é assim. Tipo, ele é tipo... metido a ouvir música jovem... Mas eu acho isso, acho meio idiota, meio babaca. Não sei, por quê? Pra quê? Não sei, talvez seja a idéia de que você não aproveitou e quer aproveitar mais velho **(M.1)**.

Três jovens disseram como querem envelhecer e, pelos seus relatos, percebemos logo que os planos que têm sobre seus próprios envelhecimentos são os de manterem alguns de seus atributos de jovem, destacadamente a saúde e o pensamento renovado. Vejamos, então:

Eu não cheguei nessa idade, eu não sei como é... perder a juventude. Eu, se eu quiser e tiver condições, eu vou fazer plástica **(M.3)**.

Eu pretendo ser um velhinho enxuto, sarado... Eu quero continuar praticando esporte até o fim. Com certeza vou envelhecer direitinho... continuar sem pelanca. Pelo menos, tudo junto ainda. Nada caindo... Você fica bem mais saudável, você envelhece bem mais saudável. Vive mais tempo... Com

certeza eu pretendo aceitar minha velhice quando ela chegar, sem nenhum problema **(H.1)**.

Eu acho interessante manter um pensamento jovem. Que o jovem tem um pensamento muito renovado e interessante. Mas eu acho que se manter jovem não é necessário. A não ser que você não consiga... viver sem ser jovem. Aí é um problema seu com a sua psicanalista **(H.3)**.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças sócio-culturais da contemporaneidade têm implicações profundas para as relações intergeracionais que se estabelecem dentro da família.

“Ser jovem”, foi percebido por nossos entrevistado como um momento ao mesmo tempo bom e complicado. Bom, por ser na juventude que se pode experimentar coisas novas, descobrir uma variedade de formas de viver e se relacionar, em outras palavras, porque é um período de conhecer a vida. Complicado, pois descobrir o mundo é também se deparar com dúvidas e responsabilidades, com preocupações do mundo dos adultos, tais como emprego, profissão, vestibular, violência urbana, tráfico de drogas.

É, portanto, desafiante para os jovens tentar conciliar o “curtir ao máximo” a vida, o lado bom de poder estar a sós com os amigos e de decidir algumas coisas sobre si mesmos, com o fato de ainda continuarem sendo dependentes dos pais e obedientes aos limites que lhes são impostos.

Nas reflexões que fizeram sobre sua própria juventude, os jovens referiram-se, com muita ênfase, à falta de uma ideologia na geração deles. Trata-se de uma crítica que fazem a si mesmos e que remonta à dificuldade contemporânea de perseguir uma causa, de saber, com certeza, quem são os vilões da história, justamente num momento em que as instituições estão em crise, as relações interpessoais têm contornos tênues e a velocidade das máquinas coloca em cheque a capacidade humana de restabelecer seu conhecimento exato.

Assim, acabam por formar uma visão depreciativa de sua própria geração, que se acentua ainda mais quando os jovens se remetem à juventude de seus pais. Vivida num

momento duro da história brasileira, também de intensas transformações sócio-culturais, mas num momento em que se tinha clareza sobre o que se devia combater, a juventude de seus pais é, aos olhos dos nossos entrevistados, heróica, motivo de orgulho e memória para todos.

Ao fim deste trabalho, podemos questionar se essa falta de ideologia, apontada como marca desta geração, justamente essa geração que tem a seu dispor o enorme volume de informações, não se relaciona com o que vem ocorrendo com as formas de integração das gerações na atualidade. O acesso à informação não é garantia de que ocorra uma reflexão valorativa sobre as questões que elas mesmas, as informações, trazem sobre o mundo.

Diante da falta de certezas sólidas e de tantos questionamentos sobre tudo, os jovens entrevistados disseram encontrar nos amigos os companheiros mais queridos e importantes para enfrentarem o medo e a curiosidade da vida na cidade grande contemporânea. Isso não quer dizer, contudo, que a família não seja algo valorizado por eles, mas apenas revela com quem se identificam mais.

Quando falaram sobre a família, os jovens ressaltaram a importância que ela tem em suas vidas, seja como um apoio, um suporte para dificuldades ou uma instância orientadora. Embora a influência familiar tenha sido descrita como algo às vezes indesejável para os jovens, por significar, quase sempre, a imposição de limites a eles, ela também foi valorizada por eles como fundamental para a formação da identidade dos filhos.

Para a maioria dos jovens, o convívio familiar é muito proveitoso e favorece o aprendizado de coisas importantes para a vida, entre elas, saber respeitar as diferenças

personais. Assim, ainda que lidar com os familiares seja difícil, a família foi caracterizada por um conjunto de afirmações positivas.

Os jovens disseram encontrar nas suas famílias um espaço de muita liberdade, flexibilidade e abertura ao diálogo nas relações. Apontam a influência de valores democráticos na forma como seus pais e mães exercem a autoridade, pois, segundo os entrevistados, eles incluem as reivindicações dos filhos em suas decisões. Eles observam também que parte dos pais e das mães a iniciativa de construir relações de diálogo e de trocas afetivas dentro da família, justamente o que eles (os pais) não tiveram em suas famílias de origem.

Parece, assim, haver nas relações familiares contemporâneas um intercâmbio bilateral de informações e influências nas relações entre pais e filhos, uns aprendendo com os outros, ambos aprendendo mais sobre a vida e as novas relações familiares. Isso foi pontuado pelos entrevistados como algo positivo para as relações, pois representa o oposto das relações autoritárias de outrora, que tanto abominam.

A experiência de viverem em famílias onde não há muitas regras para as relações não vem impedindo que os jovens façam planos de constituir uma família futuramente. Os seus projetos de família futura estão centrados na imagem de um/uma companheiro/a e no nascimento de filhos. Contudo, em seus planos, na ordem de prioridades, ela vem depois da conquista da estabilidade financeira e profissional. Oficializar a relação conjugal com o ritual do casamento deixou de ser algo imprescindível e, em lugar disso, surge o compromisso de realizarem seus projetos individuais de felicidade.

Dentre as conseqüências das mudanças nas configurações familiares contemporâneas encontra-se a transformação do sentido das relações que se estabelecem. O

comprometimento com valores individualistas faz com que a família continue sendo vista como importante para os indivíduos, fundamentalmente por oferecer alguns dos subsídios pelos quais se forma a subjetividade individual e não mais por estar vinculada a uma representação social de que ter família ou estar em família tem, por si só, um aspecto positivo para os sujeitos.

O contato com as gerações mais velhas na família também foi caracterizado pelos jovens como um encontro sem regras pré-estabelecidas. Nessas relações, observa-se que, ao mesmo tempo que os jovens se sentem muito ligados aos familiares mais velhos, nessa ligação não estão nitidamente delimitados os elementos que, de fato, os unem.

Não houve consenso nos discursos analisados no que se refere às relações dos jovens com as pessoas mais velhas que eles. Esse nos parece ser um dado importante, indicando que, nas falas dos jovens, pode-se observar as ambigüidades da vida familiar contemporânea.

Os jovens acham que têm muito que aprender com os mais velhos, especialmente no que diz respeito às suas experiências de vida. No entanto, os jovens também enfatizam que o tempo em que seus pais e, principalmente, seus avós viveram era muito diferente do mundo de hoje. Para eles, tanto no caso dos pais quanto dos avós, as diferenças intergeracionais funcionam como um elemento distanciador dos jovens, pois criam dificuldades para o entendimento mútuo. Assim, não fica muito claro o que, de fato, os jovens aproveitam das experiências de vida dos mais velhos.

Nas formas de conceber o envelhecimento dos entrevistados, envelhecer não é nenhum motivo de vergonha. Eles até enaltecem o envelhecimento e os ganhos que o amadurecimento traz, numa visão crítica às mensagens veiculadas pela mídia, que fazem do

ser jovem uma imagem a ser desejada e almejada por todos. Contudo, nossos entrevistados consideram que os mais velhos têm muito a ganhar quando são influenciados pelos mais jovens, principalmente a possibilidade de abrir a cabeça e de renovar seus conceitos. Segundo eles, deixar-se influenciar pelas novas gerações é uma forma interessante de lidar com o envelhecimento. Por isso, afirmam que desejam envelhecer “sarados”, com aparência juvenil, mesmo que seja por meio de plásticas, e mais que isso, gostariam de permanecer com o pensamento jovem.

Essa visão de envelhecimento que os jovens apresentam é idealizada e problemática, pois não leva em conta as reais perdas que se tem quando se envelhece, principalmente numa cultura com valores consumistas. Trata-se de um discurso ambíguo. Se, por um lado, os jovens parecem tratar com naturalidade a idéia de envelhecimento, ressaltando os lados positivos da maturidade, por outro, projetam nos seus ideais de velhice os atributos da juventude.

Deste modo, podemos compreender a grande dificuldade dessa geração de conceber a vida fora dos parâmetros juvenis, uma vez que parecem ver o mundo a partir dos seus próprios valores.

Percebemos, com isso, que a geração de jovens contemporâneos está absolutamente afetada pelo ritmo acelerado das mudanças tecnológicas e sócio-culturais do mundo hoje. Talvez por isso falta-lhe a clareza sobre o que fazer com tudo isso. Falta-lhe o tempo da reflexão. Falta-lhe tempo para ruminar tudo isso.

Nos discursos dos jovens sobre as relações intergeracionais isso aparece como uma dificuldade de reconhecer os mais velhos quando eles não se assemelham a jovens. É claro que a transformação das formas de viver a juventude ou a velhice é legítima. Mas a

dificuldade dos jovens de imaginar o mundo fora dos seus próprios parâmetros é algo muito significativo para o contexto contemporâneo.

Tudo isso nos fala da perda de uma sociabilidade absolutamente necessária para os indivíduos e para a sociedade. É justamente na relação do que é velho com o que é novo que uma cultura se processa. Se o que representa o velho não pode ser assimilado, então estamos diante de um problema sociológico de grande relevância.

Seja como for, podemos entender que é desta forma que os jovens estão construindo os laços que os unem às outras gerações. Fazendo uma outra leitura do olhar que os jovens dirigem aos mais velhos e considerando que todas as gerações que vivem hoje são contemporâneas nos processos de transformação das famílias e das relações intergeracionais, é um desafio de todas as idades encontrar hoje o seu modo de viver, seja a juventude, a idade adulta, a maturidade ou a velhice. Os jovens apresentam, com primazia, uma abertura à recriação dos vínculos entre as diferentes gerações na contemporaneidade. Rompendo com as formas tradicionais de integração social, os jovens parecem, no entanto, respeitar as tentativas dos mais velhos de se reinventarem e de absorverem as influências da cultura jovem.

Comprometidos com o que há de mais interessante no mundo de hoje, justamente a riqueza da diversidade de influências e possibilidades, os jovens apreciam adultos e velhos que tenham vitalidade para experimentar o novo em suas vidas.

Podemos concluir afirmando que, com relação à questão da integração das gerações nas relações familiares, pode-se constatar que a vinculação das gerações mais jovens com as mais velhas tende a ocorrer por meio de processos que poderíamos chamar de individualizantes. Foi marcante nos discursos dos jovens a influência de valores

individualistas quando falavam de suas próprias juventudes, de suas vidas familiares ou das relações intergeracionais. Eles tendem a se ligar aos mais velhos numa relação em que todos exercem influências sobre todos e não se lamentam ou sentem nostalgia por não estarem vivendo o mundo que seus pais viveram.

Observamos no discurso dos jovens que sua ligação com as gerações mais velhas tende a ser facilitada quando estas são mais receptivas às influências da cultura contemporânea, o que contribui para que se crie uma situação complexa nas famílias. Para os mais velhos, absorver os valores e as linguagens da contemporaneidade não é um processo indolor. Mas a dor das perdas que o fluxo acelerado das transformações contemporâneas traz para os mais velhos nem sempre pode ser alcançada pelos jovens.

Desta maneira, parece que nas famílias atuais, ao lado dos jovens que tentam naturalizar as mudanças dos processos contemporâneos, encontram-se os “não-contemporâneos”, que buscam novas formas de viver, pensar e agir, muitas vezes ressentidos com a intensidade das mudanças sócio-culturais da contemporaneidade. Nesse contexto, diferenças entre as visões de mundo, os sonhos, os projetos, os valores e as linguagens de cada geração testemunham a complexidade das relações familiares hoje.

Com esse estudo, acreditamos contribuir para uma reflexão sobre as relações familiares no Brasil contemporâneo e sobre os jovens das cidades grandes. Por meio dele tentamos compor um retrato das relações intergeracionais na família hoje. Contudo, o quadro que foi por nós montado corresponde à perspectiva dos jovens. Apesar de um quadro complexo ter se delineado, acreditamos que a realidade pode ser ainda mais complexa, pois as relações não são unilaterais. Por isso, achamos que seria proveitoso para um aprofundamento maior dessas questões estudos que tentem explorar o ponto de vista

dos outros sujeitos envolvidos nas relações intergeracionais, comparando-se os discursos que são produzidos a respeito da família pelas outras gerações no cenário contemporâneo.

Uma outra perspectiva para estudos futuros que consideramos interessante é aquela que leve esses questionamentos para outras realidades sociais, investigando-se, por exemplo, o discurso de jovens de outros segmentos sócio-econômicos. Assim, entenderíamos melhor as variações das mudanças que as transformações da contemporaneidade trouxeram para as relações intergeracionais em diferentes tipos de família.

Outras tantas propostas de estudo de famílias, como as que levem em conta a questão geracional na contemporaneidade, poderiam ser também de grande valor para aumentar nosso entendimento dos processos familiares em contextos de intensas e aceleradas mudanças sócio-culturais como os de nossas sociedades atuais.

BIBLIOGRAFIA

1. AIZPURÚA, I. R. **(Des)continuidades? influências e transições do modelo tradicional de família no Brasil e na Argentina.** Dissertação (Mestrado em Psicologia). Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Psicologia, 2004.
2. ALMEIDA, A. **Pensando a família no Brasil.** Rio de Janeiro: Co-edição Espaço e tempo/Ed da UFRJ, 1987.
3. ALMEIDA, M.I. Subjetividades em deslize: da lógica da identidade aos fluxos de identificação. In: ALMEIDA, I.M. **Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas.** Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
4. ARIÈS, P. **A história social da família e da criança.** Rio de Janeiro: LTC, 1981.
5. BARROS, M. M. L. **Autoridade e afeto: filhos e netos na família brasileira.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
6. _____. Reciprocidade e fluxos culturais entre gerações. In: **Congresso internacional co-educação de gerações.** São Paulo: SESC, outubro de 2003. Disponível em www.sesc.org.br/sesc/conferências - Acesso em 20 de agosto de 2005.
7. _____. **Família e gerações.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
8. BESLEY, A.C. Hybridized and globalized: youth cultures in the postmodern era. **The review of education pedagogy, and cultural studies**, 25:153-177, 2003.

9. BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
10. BRANDÃO, E.R. Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil. In: HEILBORN, M.L. **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.
11. CAIAFA, J. **Movimento punk na cidade – a invasão dos bandos sub**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
12. CARMO, P.S. Juventude no singular e no plural. In: **Cadernos adenauer II**. nº 6. As caras da juventude. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, dezembro 2001.
13. CARTER, B; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
14. CARVALHO, M.C.B. (org). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: Cortez, 1997.
15. CASTRO, L. R. (org.) **Infância e adolescência na cultura do consumo**. Rio de Janeiro: Ed. NAU, 1998.
16. CASTRO, L. R.; MENEZES, J. A. Subjetivação política: novos contornos no contemporâneo. In: **Praia vermelha: estudos de política e teoria social**. Rio de Janeiro: UFRJ, Escola de Serviço Social, n. 7, segundo semestre, 2002.
17. CASTRO, L. R. **A aventura urbana: crianças e jovens no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.
18. CORRÊA, M. Repensando a família patriarcal brasileira. In: ARANTES, A. A. (et al.). **Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

19. COSTA, J.F. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (orgs) **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.
20. COUTINHO, L.G. **Ilusão e errância: adolescência e laço social contemporâneo na interface entre a psicanálise e as ciências sociais**. Tese (Doutorado em Psicologia). Rio de Janeiro: Puc-Rio, fevereiro de 2002.
21. COUTINHO, L.G. **Da metáfora paterna à metonímia das tribos: um estudo psicanalítico sobre as tribos urbanas e as novas configurações do individualismo**. Disponível em www.rubedo.psc.br Acesso em 5 de abril de 2005.
22. DEBERT, DEBERT, G.G. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, M.M.L. **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.
23. DIAS, C. M. S. B; SILVA, D. V. Os avós na perspectiva dos netos adolescentes: um estudo qualitativo. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.) **Casamento e família: do social à clínica**. Rio de Janeiro: NAU, 2001.
24. DUARTE, L. F. D. Horizontes do indivíduo e da ética no crepúsculo da família. In: RIBEIRO, I.; RIBEIRO, A. C. T. (orgs) **Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira**. São Paulo: Loyola, 1995.
25. ELDER, G. H. Jr. Families and lives: some developments in life-course studies. In: **Journal of family history**, vol.12:1-3. 1987.
26. FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

27. FÉRES-CARNEIRO, T. Prefácio. In: WAGNER, A. (coord.) **Família em cena: tramas, dramas e transformações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
28. FERREIRA, V. S. Atitudes perante a sociedade. In: **Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais – SEJ: Secretaria de Estado da Juventude, 1998.
29. FONSECA, C. Amor e família: vacas sagradas da nossa época. In: RIBEIRO, I; RIBEIRO, A. C. T. **Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira**. São Paulo: Loyola, 1995.
30. FRAGA, P. C. P. & IULIANELLI, J. A. S. Introdução. In: FRAGA, P. C. P. & IULIANELLI, J. A. S. (orgs.) **Jovens em tempo real**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
31. GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.
32. _____. **Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
33. GRZYBOWSKI, L. Famílias monoparentais – mulheres divorciadas chefes de famílias. In: WAGNER, A. (coord.) **Família em cena: tramas, dramas e transformações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
34. HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
35. HEILBORN, M. L. O que faz um casal, casal? Conjugalidade, igualitarismo e identidade sexual em camadas médias urbanas. In: RIBEIRO, I; RIBEIRO, A.

- C. T. **Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira.** São Paulo: Loyola, 1995.
36. IULIANELLI, J. A. S. Juventude: construindo processos – o protagonismo juvenil. In: FRAGA, P. C. P. & IULIANELLI, J. A. S. (orgs.) **Jovens em tempo real.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
37. JABLONSKI, B. Atitude de jovens solteiros frente à família e ao casamento: novas tendências? In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.) **Família e casal: efeitos da contemporaneidade.** Rio de Janeiro: Ed PUC-Rio, 2005.
38. KEHL, M. R. A fratria órfã: o esforço civilizatório do RAP na periferia de São Paulo. In: KEHL, M. R. **Função fraternal.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
39. _____. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R. & VANNUCHI, P. **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação.** São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.
40. LÉVI-STRAUSS, C. **Les structures élémentaires de la parenté.** Paris: Mouton, 1967.
41. MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos – o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
42. MANNHEIM, K. **Diagnóstico de Nosso Tempo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
43. _____. A questão das gerações. In: **Sociologia.** FORACCHI, M. M. (org.). São Paulo: Ática, 1982.

44. MELLO, S. L. Família: perspectiva teórica e observação factual. In: CARVALHO, M. C. B. (org) **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC/Cortez, 1997.
45. MINAYO, C. S. (et al) **Fala Galera: Juventude, violência e cidadania**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
46. MORAGAS, R. M. Relações intergeracionais nas sociedades contemporâneas. In: **Congresso Internacional Co-Educação de Gerações**. São Paulo: SESC, outubro de 2003. Disponível em www.sescsp.org.br/sesc/conferências - Acessado em 15 de janeiro de 2006.
47. MOTTA, A. B. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: PEIXOTO, C. E. (org.) **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Ed FGV, 2004.
48. PAIS, J. M. Introdução. In: **Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais – SEJ: Secretaria de Estado da Juventude, 1998.
49. PASSOS, M. C. Família e sintoma: pequeno ensaio para desvelar sentidos. In: FERES-CARNEIRO, T. (org) **Casamento e família: do social à clínica**. Rio de Janeiro: NAU, 2001.
50. PASSOS, M. C. Nem tudo que muda, muda tudo: um estudo sobre as funções da família. In: FERES-CARNEIRO, T. (org). **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Ed PUC-Rio, 2005.
51. PINTO, M. J. **Comunicação e discurso – introdução à análise de discursos**. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

52. PROST, A. Fronteiras e espaços do privado. In: ARIÉS, P.; DUBY, G. (orgs). **História da vida privada 5: da primeira Guerra aos nossos dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
53. RAMOS, E. As negociações no espaço doméstico: construir a “boa distância” entre pais e jovens adultos “coabitantes”. In: BARROS, M. L. (org). **Família e gerações**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
54. RIBEIRO, A. C. T.; LOURENÇO, A. Marcas do tempo: violência e objetivação da juventude. In: FRAGA, P. C. P. & IULIANELLI, J. A. S. (orgs.) **Jovens em tempo real**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
55. ROCHA-COUTINHO, M.L. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
56. _____. Quando o executivo é uma “dama”: a mulher, a carreira e as relações familiares. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org). **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Ed PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.
57. ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, M. C. B. (org) **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC/Cortez, 1997.
58. ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
59. SAGGESE, E. **Adolescência e psicose**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.
60. SARTI, C. **A família como espelho – um estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas: Ed Autores Associados, 1996.

61. _____. A. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, M. C. B. (org) **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC/Cortez, 1997.
62. _____. A. O jovem na família: o outro necessário. In: NOVAES, R. & VANNUCHI, P. **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.
63. SEMENZATO, G. O adolescente e a dinâmica sócio-cultural e econômica: o conflito das gerações. In: **Palestra-debate apresentada no Seminário Latino Americano sobre Saúde do Adolescente e o Jovem**. (mimeo) Rio de Janeiro: Organização Pan americana de Saúde e Ministério da Saúde, 1977.
64. SENNETT, R. **A corrosão do caráter**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
65. _____. **Autoridade**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
66. SILVA, G. L. R.; ROSA, S. Crise familiar ou contradições sociais? O romance como uma fonte de pesquisa e reflexão sobre a família do período contemporâneo. **Anais eletrônico**. Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Maringá, 2003. Disponível em www.ppe.uem.br. Acesso em 24 de agosto de 2005.
67. SILVEIRA, S. C. Família é para todos? – a perspectiva de meninos institucionalizados. In: WAGNER, A. (coord.) **Família em cena: tramas, dramas e transformações**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2002.
68. SZAPIRO, A. M. O indivíduo fora da cidade: questões à transmissão na sociedade contemporânea. In: **Revista de estudos em psicologia**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

69. TORRES, A. C. Casamento e gênero: mudança nas famílias contemporâneas a partir do caso português. In: **Interseções – revista de estudos interdisciplinares**. Rio de Janeiro: UERJ, ano 3, n.2, p.53-70, jul./dez. 2001.
70. VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
71. _____. Pluralidade de mundos entre mulheres de baixa renda. In: **Dados – revista de ciências sociais**. Rio de Janeiro: IUPERJ, vol.40, n.3, 1997.
72. VELHO, G. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
73. _____. **Subjetividade e sociedade – uma experiência de geração**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
74. _____. Família e Subjetividade. In: ALMEIDA, A. M. (et al) **Pensando a família no Brasil – da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e tempo: UFRJ, 1987.
75. _____. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
76. _____. Família e parentesco no Brasil contemporâneo: individualismo e projetos no universo das camadas médias. **Interseções – revista de estudos interdisciplinares**. Rio de Janeiro: UERJ, ano 3, n.2, p.45-52, julho./dez. 2001.
77. VIANNA, H. Introdução. In: VIANNA, H. (org.) **Galerias cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Ed UFRJ, 1997.

78. VITALE, M. A. F. Socialização e família: uma análise intergeracional. In: CARVALHO, M. C. B. **A família contemporânea em debate**. 2^a ed. São Paulo: EDUC/Cortez, 1997.
79. WAGNER, A.; FALCKE, D.; MEZA, E. B. D. Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida. In: **Psicologia: reflexão e crítica**. Porto Alegre: v.10. n.1. ,1997.
80. WAGNER, A. A comunicação em famílias com filhos adolescentes: o relato de uma experiência. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.) **Casamento e família: do social à clínica**. Rio de Janeiro: NAU, 2001.
81. _____. Possibilidades e potencialidades da família: a construção de novos arranjos a partir do recasamento. In: _____. (coord.) **Família em cena: tramas, dramas e transformações**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2002.
82. _____. A família e a tarefa de educar: algumas reflexões a respeito das famílias tradicionais frente a demandas modernas. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.) **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Ed PUC-Rio; São Paulo, Loyola, 2003.
83. _____. **La transmisión de modelos familiares**. Madrid: Editorial CCS, 2003.
84. _____. Família e educação: aspectos relativos a diferentes gerações. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.) **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Ed PUC-Rio, 2005.

85. ZALUAR, A. Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANNA, H. (org.) **Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Ed UFRJ, 1997.

ANEXO

Roteiro para as Entrevistas

- O que é ser jovem hoje

Como é?

O que o jovem de hoje gosta?

O que o jovem não gosta?

O que é comum a todos?

Como se percebe no mundo?

Quais as preocupações?

Ser jovem hoje é como ser jovem antigamente?

- A família hoje

Sobre a participação da família na rede social dos jovens:

Quem compõe sua rede de amigos? Onde os conheceu?

Com quem gosta de compartilhar os momentos de alegria?

Com quem gosta de compartilhar os momentos de tristeza?

Com quem gosta de compartilhar os momentos de dificuldade?

Em que momento recorre aos seus pais?

Acha que seus pais o (a) compreendem?

Acha que a experiência de vida deles pode auxiliar em algo na sua vida hoje?

Confere aos seus pais algum saber? Qual?

Autonomia:

Como é dividir o espaço da casa?

Divide o quarto com alguém:

Participa dos afazeres domésticos?

Existem normas na casa? Quem as institui?

Ganha mesada? Quem paga?

Como se organizam os horários da casa?

Sente que tem privacidade em casa?

O que possibilita a sua privacidade?

O que impossibilita a sua privacidade?

Sente que tem liberdade em casa?

O que não tem liberdade para fazer em casa?

O que não tem liberdade para fazer em casa?

Sente liberdade para exprimir suas opiniões?

Sente que sua opinião é importante nas decisões de assuntos da família?

Que assuntos de sua vida têm a ver com seus pais?

Que assuntos de sua vida não têm a ver com seus pais?

Pensa em morar sozinho (a)? Por quê?

Autoridade:

Existe alguém na sua família que tem, visivelmente, mais autoridade que as outras?

Quem manda na sua casa? Por que será que essa pessoa ocupa essa posição?

Que autoridade “os pais” exercem sobre a sua vida?

O que sente quando seus pais exercem essa autoridade em sua vida?

Na sua família, em que momento os filhos são chamados a obedecer “seus pais”?

O que “seus pais” alegam para que sejam obedecidos? O que acha disso?

Acha que é importante a relação de autoridade em uma família? Por quê?

Quando tiverem suas próprias famílias, pretenderá exercer autoridade sobre seus filhos? Como pretende fazer isso?

Sobre as representações construídas por jovens a respeito dos seus pais:

Quais as características pessoais de seus pais?

Você gostaria de ser como eles em algum aspecto? Qual?

Acha que são pessoas felizes? Por que acha isso?

Acha que sua geração se parece com a deles em algum aspecto?

Acha que sua geração difere da deles em algum aspecto?

Como imagina que foram quando eram jovens?

Como eles estão se ajustando às mudanças do mundo de hoje? Em que aspectos são “moderninhos”? Em que aspectos são “conservadores”?

Como acha que é para eles conviver com os jovens de hoje?

Sobre a importância da família:

Você acha que a instituição familiar é importante para alguma coisa? Para quê?

Em que momentos sua família se reúne?

Você pretende dar continuidade a algum costume da sua família?

O que pensa das diferentes formas de configuração familiar que existem hoje?

Qual é o seu modelo de família ideal?

Na sua opinião, o que mantém uma família unida?

Os “laços de sangue” são importantes na constituição do vínculo familiar?

Como sua vida familiar influencia suas perspectivas de vida?

Você quer casar? Ter filhos? Constituir família no futuro?

Sobre a integração entre as gerações:

Como é o seu contato com os seus avós?

Como você acha que se dá o convívio entre as diferentes gerações hoje?

Você acha que as gerações mais velhas têm alguma importância na formação
pessoal

dos jovens?

As gerações mais velhas têm algo a transmitir aos mais jovens? O quê?

Os jovens têm algo a transmitir aos mais velhos? O quê?

Você se aproveita do exemplo de seus pais para alguma coisa na sua vida?

Como você vê o envelhecimento?

Como você quer envelhecer?